



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Maria do Céu de Sousa Ferreira

Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes – Ramo de Estudos
Românicos e Clássicos – Variante de Literatura Portuguesa

«Desde el Parnaso os escrivo»: *Cartas de uma Monja Escritora.*

*Edição e Análise da Correspondência Manuscrita de Soror Maria do Céu
à Duquesa de Medinaceli*

2012

Orientadora: Professora Doutora Isabel Morujão

Classificação: Ciclo de Estudos: 17 (dezassete) valores

Dissertação: 18 (dezoito) valores

Versão definitiva

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Maria do Céu de Sousa Ferreira

«Desde el Parnaso os escrivo»: *Cartas de uma Monja Escritora.*
Edição e Análise da Correspondência Manuscrita de Soror Maria do Céu
à Duquesa de Medinaceli

Dissertação de Mestrado elaborada no âmbito do Curso de Mestrado em
Estudos Literários, Culturais e Interartes, Ramo de Estudos Românicos e Clássicos,
Variante de Literatura Portuguesa, sob a orientação científica da Professora Doutora
Isabel Morujão e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Porto

2012

À minha Avó, *in memoriam*

A minha Mãe, pilar de uma vida,
para quem todos os agradecimentos são insuficientes

A meu Pai, exemplo de força e determinação

Agradecimentos

A realização de um trabalho científico é sempre caracterizada por momentos de grande entusiasmo e convicção, intercalados por períodos de algum desânimo. Por isso, adquirem um valor inesquecível todos os gestos de apoio, estímulo e amizade recebidos, que quero, naturalmente, aqui registrar.

Em primeiro lugar quero agradecer, à minha orientadora, Professora Doutora Isabel Morujão, a quem manifesto a minha profunda gratidão pelo precioso apoio científico e bibliográfico que sempre me dispensou desde a primeira hora. Saliento a sua generosidade e uma disponibilidade que não conheceu hora nem dia de semana, numa atenção vigilante e num apoio contínuo, sem o qual o presente trabalho não teria, certamente, chegado a bom termo. Queria ainda destacar o vasto saber e a meticulosidade quase escrupulosa que sempre soube conjugar com amizade e palavras de estímulo em horas de menor alento, em que me recomendava *Nulla dies sine linea*.

Aos meus professores de todas as unidades curriculares do curso de Mestrado em Estudos Literários Culturais e Interartes, o meu agradecimento pelo rasgar de horizontes que a frequência das suas aulas e os trabalhos de investigação para elas realizados me proporcionou.

Ao Director da Casa Medinaceli, D. Juan Larios de la Rosa, e a Carmen Rodríguez, da Biblioteca Infanta Elena, em Sevilha, os meus mais sinceros agradecimentos por toda a amabilidade com que atenderam às minhas solicitações e pela disponibilidade em permitir e facultar o acesso a documentos imprescindíveis a este trabalho.

À minha família e aos meus amigos (em particular à Manu, à Dores e à Palmira) que sempre tiveram uma palavra de conforto, acompanhando muito de perto a evolução deste trabalho, os meus mais penhorados agradecimentos.

Aos meus irmãos, pelo apoio e pela presença constante nos momentos mais difíceis.

Por último, *last but not least*, aos meus sobrinhos, João, Tomás, Maria e Francisca, por todo o Amor incondicional.

Resumo

Este trabalho procede à edição criteriosa de um vasto conjunto de cartas manuscritas de uma religiosa portuguesa de conceituada fama literária dirigidas a uma grande senhora da corte madrilena, a Duquesa de Medinaceli. Paralelamente, realizou-se um estudo introdutório, onde se procurou analisar, contextualizar e entender o sentido e a função deste carteamto.

Palavras-chave: Epistolografia – Literatura monástica – Mulheres escritoras – Redes sociais e literárias.

Abstract

This study makes an issue of a large set of handwritten letters of a portuguese nun renowned for literary fame led to a great lady of the court of Madrid, the Duchess of Medinaceli. At the same time, we held an introductory study where we tried to analyze, contextualize and understand the meaning and the function of this collection of letters.

Keywords: Epistolography – Nun´s literature – Women writers – Literary and social networks.

Résumé

Cette étude donne lieu à une édition aux critères bien précis d'un grand nombre de lettres manuscrites d'une religieuse portugaise réputée dans le domaine littéraire, dirigées à une grande dame de la cour de Madrid, la Duchesse de Medinaceli. Simultanément, on a réalisé une étude introductive où l'on a essayé d'analyser, contextualiser et comprendre le sens et la fonction de ce *corpus* épistolaire.

Mots-clés: Epistolographie – Littérature monastique – Femmes écrivains – Réseaux littéraires et sociaux.

ÍNDICE

PARTE I.....	19
1. Introdução	21
2. Apresentação do <i>Corpus</i> . Descrição Codicológica	25
3. Soror Maria do Céu no Contexto da Epistolografia Feminina.....	30
4. “Desde el Parnaso os escribo”: Cartas de uma Escritora	41
5. A Literatura como Pólo Agregador de Comunidades e Espaços	57
6. Conclusão.....	73
7. Critérios de Edição do Texto	76
8. Bibliografia	82
PARTE II	95
1. Edição das Cartas de Soror Maria do Céu à Duquesa de Medinaceli Ms. Cx. 24, nº99, fl.2 da B.N.P.....	97
2. Edição da Carta de Soror Maria do Céu à Duquesa de Medinaceli. ADM. Fondo Historico, Legajo 46, R12, 1. Arquivo Medinaceli.....	196
ANEXOS	201

PARTE I

1. Introdução

O primeiro contacto que tivemos com a escrita feminina emanada dos mosteiros portugueses, e que está na origem do presente trabalho, teve lugar durante a frequência do seminário de Literatura Feminina, no âmbito do Mestrado em Estudos Literários Culturais e Interartes, onde, entre outras religiosas escritoras, nos marcou particularmente o nome de Soror Maria do Céu¹, pela sua vasta e interessante obra e, também, pelo facto de ter mantido uma troca epistolar regular com ilustres representantes da aristocracia portuguesa e espanhola. Cativou-nos particularmente o seu epistolário trocado com a Duquesa de Medinaceli², pela faceta intimista do seu discurso, pela exposição de aspectos mais privados da sua vida (doenças, sensibilidade à velhice, etc.) e da vida comunitária (morte de religiosas do mosteiro, ocupação em dia de confissão, etc.), que permitem trazer à luz algumas facetas da história da vida privada dos mosteiros femininos portugueses, de tão difícil acesso, sabendo-se, como se sabe, que as crónicas monásticas retratam mais os aspectos institucionais e modeladores de comportamentos do que esta afectividade que as cartas permitem revelar.

O facto do *corpus* epistolar trocado entre SMC e a DM apresentar uma extensão considerável levou-nos a ponderar a hipótese de o considerarmos como objecto de estudo da presente dissertação, agulhando para uma área de investigação ainda consideravelmente embrionária em Portugal: a da epistolografia feminina, particularmente a monástica.

O trabalho que aqui se apresenta foi, pois, efectuado a partir de um *corpus* textual concreto e marcado por condições de produção particulares. Referimo-nos ao conjunto epistolar trocado, na primeira metade do século XVIII, entre uma religiosa franciscana do Mosteiro da Esperança de Lisboa (Soror Maria do Céu) e três senhoras da alta aristocracia madrilena: D. Teresa de Moncada y Benavides, D. María del Rosario, sua filha, e D. Teresa da Silva, cunhada desta última.

O nosso objectivo foi levar a cabo a edição e análise desta cópia manuscrita das cartas de SMC, cujos conteúdos e especificidades reflectem uma forte interactividade entre os emissores implicados no epistolário, e cuja abrangência só poderá ser

¹ Daqui em diante referida no texto como SMC.

² Referida, ao longo desta dissertação, como DM.

devidamente ponderada, no âmbito das redes sociais e literárias existentes entre o mundo monástico feminino português e a corte espanhola.

Por que razão não foram até hoje editadas estas cartas? Não é possível responder, mas a existência desta cópia pressupõe que alguém, individual ou colectivamente, encontrou nelas algum interesse. A sua edição, no séc. XXI, pelo presente trabalho, insere-se no actual interesse generalizado por mulheres escritoras, no âmbito da História das Mulheres em geral e da história da vida monástica em particular. A edição destas cartas pretende, por isso, dar a conhecer textos ainda desconhecidos desta autora que tanto marcou o século XVIII e cujo interesse é de tal forma relevante, que suscitou a sua tradução parcial pela Professora Valerie Hegstrom, da Brigham Youth University, no Utah, que nela tem vindo a trabalhar³.

Trata-se de um epistolário que nos dá acesso apenas aos textos de uma das correspondentes (a religiosa), não se tendo até ao momento conseguido localizar as cartas da Duquesa de Medinaceli, a grande senhora que esteve na base desta correspondência. É provável que tenham sido destruídas pela própria SMC, uma vez que a excepcionalidade da relação epistolar levantava alguma controvérsia, segundo se pode inferir a partir das afirmações da própria SMC à Duquesa, registadas na carta XV: «Muy Señora de mi corazón, este se halla apasionado con las ignorancias que acerca de los estilos enviaron a decir a Don Nicolao (...). Digo ignorancias por no decir malicias; porque creo que la dicha de tratar con Vuestra Excelencia causa celos a quien no la logra, ansi buscan con que deshacerla».

Curiosamente, as cartas escritas por SMC, enviadas para Madrid, aparecem em Portugal, ao que se crê em testemunho único, numa cópia manuscrita do original enviado e também hoje perdido. As buscas que realizámos em Bibliotecas e Arquivos nacionais e castelhanos (Lisboa, Madrid, Sevilha, Toledo) apenas apuraram a inexistência dessas cartas. Da felicidade desta ocorrência resultou o trabalho que se segue.

³ No âmbito de um Seminário de Mestrado em *Utopias Femininas*, leccionado pela Professora Isabel Morujão, na Flup, a Professora Valerie Hegstrom, da Brigham Youth University, no Utah, proferiu, em 24/05/2011, uma conferência subordinada aos problemas levantados pela tradução para inglês de excertos da obra de SMC.

A tese que apresentamos encontra-se dividida em duas partes, sendo a primeira constituída por um estudo prévio das cartas e a segunda pela edição interpretativa das mesmas, realizada a partir do manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal⁴ (cujo *fac-simile* integra um dos anexos), com as informações contextuais que nos foi possível recolher, bem como com a identificação das personalidades referidas nas cartas, tanto quanto nos foi permitido investigar.

O arco cronológico desta correspondência é incerto, pois nenhuma carta está datada. No entanto, a sua leitura permite perceber que teve lugar numa fase em que SMC estava já em idade avançada. Neste âmbito, pode ainda adiantar-se que o carteio se estendeu, pelo menos, ao longo de sete anos. De facto, tanto quanto se pode avaliar, a data mais recuada que podemos apontar para esta correspondência é o ano de 1738, data em que se publica o volume V da *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, da autoria de D. António Caetano de Sousa, a que SMC se refere na carta V: «Todo lo que dice a la persona de Vuestra Excelencia y del Excelentísimo Duque anda manifiesto en esta corte, por un libro de genealogía, que ha pouco imprimió un Padre Teatino que es uno de los coronistas de la Academia Real». No ano de 1745, SMC e a Duquesa ainda se correspondiam, por alturas do casamento de D. María del Rosario com o décimo Duque de Arcos, (que ocorreu em 27 de Setembro) para a celebração do qual SMC envia as coplas «Em Madrid se desposó (...)»⁵. E provavelmente não terá sido esta a última carta, tal como provavelmente também não se reduzirá a oitenta e duas cartas a totalidade do epistolário trocado entre as duas senhoras.

Assim, verificamos que a função da literatura (poesia e prosa) resulta, entre outros factores, como malha aglutinadora de espaços, pessoas e grupos. Por outro lado, este conjunto de cartas é também eloquente da prática de escrita e de leitura no universo feminino português do século XVIII.

Neste período em que nos detemos, a produção epistolar – sobretudo se feminina – coloca-nos perante documentos manuscritos cuja edição levanta problemas de vária ordem, que se prendem essencialmente com a interpretação e com a transcrição, tanto mais que, no caso deste epistolário, se lida com textos escritos, na sua quase totalidade, em Castelhana, por uma religiosa portuguesa. Estamos perante uma cópia pouco

⁴ Daqui em diante referida no texto como B.N.P.

⁵ Cf. carta LXVII.

cuidada (embora de letra uniforme e legível) de um original hoje perdido, o que explica a presença de incorrecções várias, de repetições de cartas, de dificuldades de percepção da mancha gráfica de documentos nem sempre preservados nas melhores condições. De facto, a carta proveniente do Arquivo do Hospital de Toledo⁶ (que se agregou a este núcleo da B.N.P.) apresenta-se apagada e ilegível na margem das páginas, por problemas de humidade. Por seu lado, o conjunto guardado na B.N.P. apresenta o carimbo da biblioteca sobre certos fragmentos de texto, dificultando – e às vezes impedindo – uma descodificação precisa.

É, pois, o conteúdo dessa correspondência, registado num códice manuscrito da B.N.P., documento apógrafo do séc. XVIII, que constitui o *corpus* deste trabalho, que será explorado ao longo das páginas que se seguem, onde procederemos à leitura do manuscrito e faremos a sua transcrição para caracteres tipográficos, procurando actualizar a grafia dentro dos limites da preservação do estado da língua da época e da identidade do emissor.

Mas é necessário reforçar o interesse específico que a edição deste epistolário comporta. Trata-se, efectivamente, de um *corpus* raro, que revela a correspondência mantida entre SMC e a DM nos últimos anos de vida da religiosa. É, portanto, um epistolário consistente, desenvolvido pelos mesmos interlocutores, no decurso de poucos anos, mas sucessivos. Como se sabe, são escassos em Portugal os testemunhos epistolográficos, sobretudo provenientes de mosteiros femininos. A edição destas cartas ajudará, certamente, a reequacionar o conhecimento da realidade monástica, sobretudo nesta dimensão de rede social com o exterior.

Depois de convivermos largos meses com este epistolário, e no momento de o darmos a conhecer à comunidade portuguesa, uma questão se nos impôs com maior premência: Qual o aspecto mais marcante desta correspondência (para além da já referida raridade do *corpus*) que justifique a sua edição? Não hesitamos em responder que é a possibilidade que ele oferece de renovar e/ou reavaliar o olhar sobre a clausura feminina portuguesa do século XVIII, à luz da sua cultura, da sua literatura, do seu quotidiano e da sua rede de sociabilidades. Porque, como afirmou o Padre António

⁶ Referido, ao longo desta dissertação, como A.H.T.

Vieira, no *Sermão de Santo Inácio*, proferido em 1669, «o melhor retrato de cada um é aquilo que escreve⁷».

2. Apresentação do *Corpus*. Descrição Codicológica

O conjunto de cartas escritas em prosa e em verso dirigidas à Duquesa de Medinaceli, D. Teresa de Moncada y Benavides, e a sua filha D. María del Rosario, que constituem o *corpus* fundamental deste trabalho, compõe o códice manuscrito de 55 fólios numerados da B.N.P: Caixa 24-X-23, nº17. Seguimos inicialmente a descrição desse conjunto elaborada por Ana Hatherly, em *A Preciosa de Sórora Maria do Céu*: «São 76 cartas copiadas com letra do século XVIII. Da primeira carta existe um segundo exemplar, com letra que parece do século XIX, que se encontra apenso ao conjunto dos 55 fólios. As cartas estão numeradas só até à oitava. Daí em diante cessa a numeração, sendo por vezes difícil determinar onde começa ou onde acaba cada carta e a qual pertencem os poemas intercalados. Assim, a partir da carta 8, a numeração que indicamos deve ser entendida apenas como proposta. As cartas estão assinadas com o nome de María del Cielo, só Maria ou sem assinatura. Nenhuma leva data. Todas estão em castelhano, assim como os versos, excepto os das cartas 36, 42 e 43 e alguns títulos de poemas, que estão em português⁸».

De acordo com a numeração de Ana Hatherly exarada no capítulo «Obras de Sorora Maria do Céu»⁹, no final da sua edição de *A Preciosa*, o manuscrito contém 76 cartas. No entanto, a sua leitura atenta induziu-nos a proceder a pequenos acertos que nos pareceram mais adequados à realidade textual com que nos deparámos, resultando desses acertos a totalidade de oitenta e uma cartas.

O resumo do conteúdo das cartas apresentado por Ana Hatherly, ainda que às vezes insuficientemente esclarecedor ou incompleto, dispensou-nos, apesar de tudo,

⁷ Padre António Vieira, *Sermões*, Tomo I, org. de Alcir Pécora, 2ª Reimpressão, S. Paulo, Hedra, 2001, p. 136.

⁸ Hatherly, *op. cit.*, p 352.

⁹ *Op. cit.*, p. 327.

desse trabalho na presente edição, uma vez que apresentamos directamente ao leitor as cartas integrais. Mas reproduzimos esse resumo em anexo.

Este exemplar da Biblioteca Nacional de Portugal constitui, tanto quanto se sabe, como já se disse, o único testemunho conhecido deste epistolário. Da investigação realizada junto da Biblioteca Nacional de Madrid, apurou-se que não consta do acervo da biblioteca nenhum exemplar destas cartas, nem existe qualquer referência às cartas que a Duquesa de Medinaceli e a sua filha escreveram à religiosa portuguesa. Curiosamente, as cartas que possuímos são as que SMC escreveu à DM e à sua filha, e, pese embora as muitas diligências efectuadas nas bibliotecas e arquivos em Portugal e em Espanha (nomeadamente na Biblioteca Nacional de Madrid, na Biblioteca Infanta Elena e na Fundação da Casa Ducal de Medinaceli¹⁰) e no Arquivo do Hospital de

¹⁰ Sobre estes fundos, veja-se Joaquín González Moreno, *Catalogo del Archivo General de la Casa Ducal de Medinaceli*, Instituto de Estudios Sevillanos Excelentísima Disputación Provincial, 1969, pp. 9-11, onde se traça, pormenorizadamente, a história dos sucessivos responsáveis pelo Arquivo, bem como das progressivas integrações de fundos. Para contextualizar melhor a perplexidade sentida depois de constatada a inexistência das cartas que procurávamos, transcrevem-se, de seguida, alguns excertos da obra: «El archivo de la Casa Ducal de Medinaceli comenzó a formarse en la primera organización de los fondos del condado de Ampurias (...). Durante quinientos años fue el conde de Ampurias decano de la nobleza del principado catalán, llegando incluso a igualar en honores, mercedes y privilegios al Barcelona. El condado ampuriano se reconocía en documentos “por la gracia de Dios”, en igualdad de derechos y deberes con relación a los condes de Barcelona y reyes de Aragón. Sólo se doblegaban ante estos poderes, cuando las armas le eran adversas o lo tenían a bien.

El 22 de octubre de 1474 el rey Juan II de Aragón donó este título y el de Señor de Segorbe a su hijo el futuro Fernando el Católico. A partir de esta fecha se forma un sólo archivo con los documentos de Ampurias y Segorbe. Dos años después, el vizcondado de Segorbe se eleva a ducado en la persona del infante don Enrique. (...) Otra vez se amplía el archivo de la Casa en 1660 con los legajos del ducado de Feria y marquesado de Priego (...) Los fondos documentales se incrementan también en 1745 por el entronque de don Luis Fernández de Córdoba y Spínola con doña Teresa de Moncada y Benavides, VII duquesa de Camiña (título portugués de 1585, reconocido en España en 1619) VI marquesa de Aytona (concedido como conde en 1523 y elevado a marquesado en 1551, con grandeza de España en 1760) y de Ossona.

Un nieto de este matrimonio, don Luis Fernández de Córdoba y Pimentel casó en 1764 con doña Joaquina de Benavides, III duquesa de Santisteban del Puerto (título dado como conde en 1473, con grandeza de España en 1696 y elevado a duque en 1738.

(...) En los últimos siglos el archivo Medinaceli se fue aumentando considerablemente llegando no sólo a igualar, sino a superar en número de documentos al de la Casa Ducal de Alba. Ultimamente en 1911 casó el XVII duque con doña Ana Fernández de Henestrosa y Gayoso de los Cobos. A la muerte en

Toledo, lamentavelmente não nos foi possível localizar um único exemplar dessas cartas. Para um facto tão estranho, a hipótese que parece mais plausível é a de que terão sido destruídas¹¹, por conterem apreensões pessoais da Duquesa de Medinaceli (em relação ao casamento da filha, por exemplo) e desabafos vários que Soror Maria do Céu quererá ter preservado de terceiros, zelosa como era de tudo quanto implicasse D. Teresa de Moncada.

Como acima referimos, o *corpus* deste trabalho é constituído por oitenta e uma cartas ou, na verdade, oitenta e duas, se incluirmos a carta de SMC que descobrimos, mais tardiamente, no A.H.T. e que decidimos juntar ao conjunto da B.N.P. Este conjunto preservado pela biblioteca portuguesa contém uma miscelânea de prosa e poesia, englobando formas poéticas que alternam entre oitavas, décimas, soneto, sortes, romances e quadras soltas, versando assuntos do quotidiano profano ou religioso poetizados.

Cada fólio deste manuscrito apresenta aproximadamente entre dezanove a vinte e seis linhas. Cada linha mede em média dez centímetros, registando-se, em cada uma, um limite mínimo de cinco palavras e um máximo de oito, *grosso modo*. O espaço entre cada linha manuscrita é de meio centímetro. O manuscrito apresenta ainda, na sua mancha gráfica, uma margem esquerda fixa de três centímetros e uma margem direita fixa de um centímetro e meio.

1948 de don Ignacio, XVI marqués de Camarasa y Cilleruelo, conde de Riela, Ribadavia y Moriana del Río, vino en sucederle en algunos de estos títulos la actual duquesa de Medinaceli, su sobrina, quedando el archivo en la situación que hoy se encuentra».

¹¹ Cf. o artigo de Raquel Bello Vázquez, *A correspondência na segunda metade do Séc. XVIII enquanto espaço de sociabilidade*, Lisboa, 2006, p. 6: «(...) Embora possa ser argumentado que a correspondência é um meio de comunicação estritamente íntimo, e que só posteriormente à morte das pessoas implicadas é que as cartas transcendem para um público mais geral, o que negaria até certo ponto a existência de um verdadeiro controlo dos conteúdos por parte do autor/a no que denominamos espaço epistolar, julgamos essencial o controlo que os agentes do campo das letras exercem sobre a correspondência antes e depois da sua morte. Conhecemos abundantes casos em que os herdeiros recebem ordens estritas em relação ao epistolário legado (incluindo a queima de todos ou de uma parte dos documentos que o compõem), em que as cartas são arquivadas e ordenadas em vida do seu autor ou da sua autora, em que são reclamadas ao(s) seu(s) destinatário(s) ou destinatária(s), em que os rascunhos em poder da pessoa que os escreveu são corrigidos e emendados depois de terem sido enviados, etc.».

Neste sentido, podemos tirar algumas conclusões da descrição codicológica acima apresentada. Parece tratar-se de um documento relativamente organizado, com letra bastante legível e regular, toda da mesma mão, apresentando alguns traços de grafia que poderíamos classificar de feminina, pelo conservadorismo gráfico evidenciado. Esta vertente exigiria até um estudo no âmbito da gramática histórica e da História da Língua Castelhana em geral, no contexto da sua utilização por falantes portugueses. Mas tais dimensões excedem, naturalmente, os objectivos e os limites do presente trabalho. No entanto, apesar destes traços, a cópia apresenta cartas repetidas, com algumas frases incompletas, palavras por vezes omissas, etc. A interrupção da numeração a partir da carta VIII pode resultar de vários factores, entre os quais o reconhecimento do copista de que a ordem do manuscrito a partir do qual copiava não respeitava uma cronologia, sendo, por isso, desnecessária.

Como já se disse, no roteiro de pesquisas realizadas, encontrámos mais uma carta de SMC à Duquesa de Medinaceli, referenciada no *Catalogo del Archivo General de la Casa Ducal de Medinaceli*,¹² elaborado pelo investigador e responsável do Arquivo da Casa Medinaceli, Joaquín González Moreno, que consultámos na Biblioteca Infanta Elena, em Sevilha. O manuscrito, todavia, pertence, como se disse, aos fundos do A.H.T. Este achado vem comprovar que a cópia manuscrita da B.N.P. não contempla a totalidade da correspondência entre a religiosa e a Duquesa, como já havíamos suspeitado pela leitura atenta do manuscrito.

As páginas que nos chegaram digitalizadas deste manuscrito dos fundos do A.H.T. apresentam uma grafia bastante regular e legível, também com algumas marcas de traço feminino, contendo a primeira página trinta linhas (mais os espaçamentos das formas de saudação inicial), a segunda página, trinta e seis linhas e a última, quinze linhas, acrescidas das de despedida.

Diga-se ainda que esta foi uma correspondência bastante regular («Le agradezco la puntualidad con que me honra con sus cartas»)¹³ que dava lugar a cartas de queixa e saudade, sempre que escasseavam as notícias: «Muy querida Señora mía, yo no quiero

¹² O catálogo a que nos referimos elenca o documento com a cota: LEG. 214-2 - «Carta de María del Cielo a la Duquesa de Medinaceli, en la cual le dedica su relato de las virtudes y letras de D.^a Leonor de Noroña, hija de D. Fernando de Meneses, segundo Marqués de Villareal» (s.l.n.a.), Sevilla, 1969, p. 162.

¹³ Cf carta LX.

quebrar esta cadena de oro a que estoy tan atada, como rendida. Mande Vuestra Excelencia darme nuevas suyas, que es crédito mío el procurarlas como dicha el tenerlas»¹⁴.

As cartas de SMC para a DM são, na sua maioria, registos breves¹⁵ (raramente excedendo as vinte e seis linhas). Das oitenta e uma cartas (sem incluirmos, nesta contabilidade, a carta do A.H.T.), quarenta e seis incluem poesias oferecidas à Duquesa por SMC. Algumas cartas são de cariz religioso, suscitadas pela celebração de festividades religiosas, outras de circunstância, perguntando pela saúde de D. Teresa e da sua família, felicitando a Duquesa pelos aniversários e pelo casamento da filha com o X Duque de Arcos, Francisco Ponce de León. Outras ainda são de inserção no tecido quotidiano, com a inclusão de poesias de temática diversificada e relativa a aspectos do dia-a-dia e da vida mundana, como, por exemplo, a referência à seca que prejudicou as colheitas, a alusão a episódios da *petite histoire* da vida de clausura, a sangria a que os Duques se submeteram para o tratamento de doenças, o envio de presentes e iguarias (que incluem conservas e ... chocolate), o pedido e envio de umas “sortes” para jogos de corte, etc. Há cartas de lamento, de agradecimento, de parabéns, de pêsames, de congratulações, de conselho e consolo espiritual, etc. Em todas, sempre a expressão do desejo de ser útil e a promessa de fidelidade na oração pela Duquesa e sua família: «Vuestra Excelencia me mande en que la sirva, que se queja mi voluntad de su olvido, porque la amo mucho, y quisiera lo conociese en las obras. A mi Señora Doña María del Rosario me recomiendo con mil afectuosas memorias, y la de Vuestra Excelencia no pierdo nunca [para] encomendarla a Dios y a su Casa¹⁶».

¹⁴Cf. carta XXIV.

¹⁵ Algumas cartas apresentam assuntos recorrentes: pedir notícias, inquirir sobre a saúde, falar do tempo, etc. Trata-se, quase exclusivamente, de manter a comunicação em aberto. Essa função fáctica explica, de algum modo, a brevidade de muitas missivas.

¹⁶ Cf. carta XIII.

3. Soror Maria do Céu no Contexto da Epistolografia Feminina

(...) *Que basta sola una carta suya, para durar toda una vida mía*¹⁷.

Inevitavelmente, o levantar da ponta deste longo véu revelou-nos o perfil de uma mulher religiosa e escritora de talento reconhecido – Soror Maria do Céu, que desde cedo fez adivinhar uma mestria inata para a arte da escrita, sendo da sua autoria algumas das obras mais emblemáticas produzidas nos conventos femininos. Sabe-se que algumas destas senhoras recolhidas e, em particular, a autora de *A Preciosa*, sentiram o apelo da escrita, que, no caso de SMC, se traduziu numa extensa produção literária quase toda editada em vida da própria autora¹⁸. A partir de 1744, SMC deixa de editar, correspondendo esta data, curiosamente, à última edição, em Madrid, por Antonio Marín, das suas *Obras Varias y Admirables* que dedica, justamente, a esta Duquesa de Medinaceli¹⁹.

No vasto *corpus* literário desta autora destaca-se, pela raridade que o constitui, o conjunto de cartas que trocou, já em idade avançada, com a Duquesa de Medinaceli. Trata-se de um acervo invulgar, não só pelo registo único e manuscrito que existe na B.N.P., como pelo recorte social desta correspondência, dirigida a uma grande do mundo²⁰, marcada pelo carácter de circunstância e de exibição das redes genealógicas

¹⁷ Cf. carta XXVI.

¹⁸ Para uma perspectiva consistente da extensão e variedade da produção literária de SMC, ver Ana Hatherly, *op. cit.*, pp. 327 a 357.

¹⁹ Já em 1735, na edição portuguesa das *Obras Várias e Admiráveis da M. R. Maria do Céu, Religiosa, e duas vezes Abadessa do Religiosíssimo Mosteiro da Esperança em Lisboa Ocidental da Província de Portugal, Dadas ao Prelo Pelo zelo e diligência do P. Francisco da Costa, do Hábito de S. Pedro*, Lisboa Ocidental, Oficina de Manuel Fernandes da Costa, 1735, p.86, SMC dá conta de um certo cansaço: [...] porque escrevo com o coração frio, cabeça cansada, pena grosseira e quebrada do tempo, que cortando por cousas grandes, não perdoa às pequenas».

²⁰ De acordo com Nuno Gonçalo Monteiro, as Casas de Grandes são as dos «[...] duques, marqueses, condes e viscondes com grandeza» (cf. “Casamento, celibato e reprodução social: a aristocracia nos séculos. XVII e XVIII”, in *Revista Análise social*, Vol. XXVIII, n.ºs 123-124, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (1993), p. 922.

da alta nobreza ibérica (neste sentido, a carta por nós descoberta no A.H.T. permite uma leitura mais consistente deste carteamto).

Soror Maria do Céu tinha já trocado correspondência com a Marquesa de Marialva a quem envia por carta as *Verdades do Tempo e Máximas do Século*, com que procurou converter a nobreza, indicando o caminho do desprendimento das coisas terrenas²¹. Mas este epistolário que agora trabalhamos regista mais de oitenta cartas sucessivas, enviadas à DM, pelo que esta extensão as torna merecedoras de um olhar atento e detalhado.

De facto, apesar de alguma correspondência feminina já editada e trabalhada, é escassa a documentação epistolográfica de que dispomos para o estudo da história da vida privada e da literatura feminina em Portugal. Para além da edição da correspondência de D. Joana de Vasconcelos²² a seu marido, da reedição parcial das cartas de Soror Isabel do Menino Jesus²³, da edição de algumas cartas de Soror

²¹ Cf. Isabel Morujão, “Verdades do Tempo e Máximas do Século: dois manuscritos inéditos de Soror Maria do Céu”, in *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas*, IX (1992), pp.299-307. Veja-se particularmente a Máxima 3ª «A Vaidade nasceu Fumo, viveu Ar, acabou nada».

²² Ana Lúcia Pinheiro de Oliveira, *Cartas de Amor. Correspondência de D. Joana de Vasconcellos e Meneses para seu marido D. Diogo de Lima – 1642/1644*, 2 vols., dissertação de mestrado em História da Cultura Portuguesa – Época Moderna, Porto, 1997 (edição da autora).

²³ Cf. Isabel Morujão, «Um Epistolário Português de Clarissa: contributo para a reconstituição de um património esquecido», in *El Franciscanismo en la Península Ibérica. El viaje de San Francisco por la Península Ibérica y su legado*, vol. II, Córdoba, Asociación Hispánicas de Estudios Franciscanos, 2012, pp. 541-555.

Esta religiosa, terceira filha de Domingas Rodrigues e de João Morato, nasceu em Marvão, a 3 de Fevereiro de 1673. Teve educação religiosa em casa com mestre comprado pelo pai, que, contrariamente à vontade da família, queria que a sua filha fosse versada nas letras. Soror Isabel do Menino do Jesus foi religiosa do Mosteiro de Santa Clara de Portalegre, sendo a sua autobiografia editada, posteriormente, em 1757, por Frei Martinho de S. José. Do seu espólio epistolar contam-se trinta e cinco cartas escritas a diversas autoridades religiosas (sacerdotes, madres abadessas, etc), em que se destaca a originalidade de ser ela a orientadora espiritual de um sacerdote. O excerto seguinte atesta este mesmo aspecto: «Recebi a carta de V. Paternidade (...) E assim recorri ao Senhor muitas vezes, me desse luz, para acertar no que hei-de dizer; pois guiar um sacerdote, só mesmo Deus o pode guiar. (...) Porém, para se alcançarem todas estas virtudes, é preciso passar pela via purgativa, para que se vá dispondo, para seguir a vida espiritual.»

Feliciano Maria de Milão²⁴, da correspondência da Madre Maria Perpétua da Luz²⁵ e de uma ou outra carta esparsa de religiosas²⁶, pouco mais se conhece da realidade epistolar que envolveu a clausura feminina. As *Verdades do Tempo* e as *Máximas do Século*, da autoria de SMC e enviadas por carta à Marquesa de Marialva, resultaram de uma troca epistolar que se supõe ocasional. Tanto quanto se pôde ainda apurar, Portugal não dispõe de exemplificativos conjuntos de cartas, escritas num lapso de tempo amplo e regular. As cartas de *Lília e Tirse*²⁷ recentemente editadas por Vanda Anastácio pertencem já a um período mais tardio.

Falta ainda, para o contexto português, um estudo de fôlego sobre a epistolografia nacional. Os *Usos da Carta no Século XVIII* constituem a mais recente aproximação a esta realidade, sem contudo proceder a sistematizações e taxonomias. A introdução à obra *A Epistolografia em Portugal*, de Andrée Crabbé Rocha, pelo seu carácter generalista, também não constituiu propriamente uma teoria global da carta portuguesa, tanto mais que não leva em conta a questão da correspondência feminina e da sua especificidade, que nos importaria sobremaneira para o enquadramento deste epistolário de SMC. As cartas, como se sabe, abrangeram várias tipologias. Há cartas de negócios, de viagens, cartas diplomáticas, familiares, etc. O estudo da epistolografia na Época Moderna tem-se revelado uma importante fonte de informação no que diz respeito à história cultural e ao quadro das relações da época.

O mundo conventual não ficou imune a esta importância da carta. Soror Maria do Céu manteve uma correspondência muito regular com a Duquesa de Medinaceli e, mais esporádica, com a sua filha, María del Rosario. Sendo a carta uma mensageira de notícias, transmite também estados de espírito, como comprovaremos no âmbito desta relação epistolar. De facto, o contexto do carteamo monástico feminino estava

²⁴ Claude-Henri Frèches, «Contestation de Vieira au XVIIIe siècle», in *Aufsätze Zur Portugiesischen Kulturgeschichte* 11 (1971), pp. 206-214.

²⁵ Referimo-nos, concretamente, a *Aforismos Espirituais ou Ditos de Maria*, da autoria de Soror Maria Perpétua da Luz, fixação do texto, prefácio e notas de J. Pinharanda Gomes, Lisboa, Carmelo Lusitano, 1995 e a Fr. José Pereira de Santa Ana, *Vida da Insigne Mestra de Espírito a Virtuosa Madre Maria Perpétua da Luz, Religiosa Carmelita Calçada do Convento da Esperança da Cidade de Beja (...)*, Lisboa, Oficina dos Herdeiros de António Pedrozo Galram, 1742

²⁶ Veja-se a carta da Madre Mariana das Estrelas ao Conde de Unhão, por exemplo, reproduzida em Ana Hatherly, *A Preciosa de Sórora Maria do Céu*, op. cit., incluída nos anexos finais, não numerados.

²⁷ Cf. Vanda Anastácio, *Cartas de Lília e Tirse*, Lisboa, Edições Colibri, 2007.

sujeito a regras próprias que decorriam da situação de clausura das religiosas escritoras. Particularmente no séc. XVIII, a tentativa de cercear desmandos e desrespeitos pelos votos religiosos feitos pelas monjas conduziu as cartas da clausura a um destino em tudo oposto ao sigilo, à confidencialidade e à privacidade que normalmente se apontam como aspectos configuradores da carta em geral. Lembre-se a advertência do Padre Manuel Velho nas suas cartas a uma prelada: «(...) cartas e grades pedem a principal vigilância desses olhos»²⁸.

A correspondência que SMC manteve com a nobre madrilena, Dona Teresa de Moncada y Benavides, não escapou às circunstâncias do controle da abadessa do seu mosteiro, algumas vezes referida nas próprias cartas²⁹. Mas o que esperávamos que fosse um epistolário de acompanhamento espiritual (à semelhança do que caracterizou o epistolário de uma Soror Isabel do Menino Jesus³⁰ ou de uma Brígida de Santo António) revelou-se um epistolário em que quase parece ser a religiosa portuguesa quem aprende lições de vida e de virtude da Duquesa: «Sobre las prendas de Vuestra Excelencia me llega la noticia de sus vertudes, y me confundo mirando las muchas que ejercita en el mundo y las que a mí me faltan en la religión»³¹.

A permissão superior e a continuidade desta correspondência não espiritual por um largo espaço de tempo deveram-se, certamente, a razões ponderosas que convém tentar clarificar. A altíssima virtude da Duquesa³² terá constituído um motivo forte para o facto, funcionando a Duquesa como uma espécie de espelho de virtude para a religiosa. É nesse sentido que ganha especial importância a carta I, onde SMC afirma:

²⁸ Manuel Velho (pseudónimo de Frei Manuel Guilherme, O. P.), *Cartas Directivas e Doutriniais (...)*, Lisboa Ocidental, Oficina dos Herdeiros de António Pedrozo Galram, 1730, p. 383. Para uma perspectiva sobre a necessidade deste comportamento controlador sobre a clausura feminina, ver Isabel Morujão, *No deserto espiritual: entre a cruz e a grade*, "Revista Portuguesa de Psicanálise", nº 24, Dezembro de 2003, p.52.

²⁹ Cf. carta XXI: «La Madre Abadesa agradece la en hora buena que le da, y le ofrece su rendimiento (...)».

³⁰ Religiosa do Mosteiro de Santa Clara em Portalegre, nascida em 1763. É um dos raros casos de mulheres que escrevem para além do preceito de obediência.

³¹ Cf. carta XV.

³² Veja-se a carta XXI: «Vuestra Excelencia me dice tiene parte de portuguesa, y yo por eso estimo en más el serlo».

«(...) Portugal, adónde se saben las raras prendas com que Vuestra Excelencia esmalta su regio sangre».

Não são comuns, como se disse já, os epistolários femininos em Portugal. Para o século XVIII, a já citada edição das *Cartas de Lília e Tirse* trouxe alguma luz para este universo feminino que se revela através da carta e que tem permanecido, na sua generalidade, em suporte meramente manuscrito. A carta terá constituído, mais do que estamos em condições de supor, um meio privilegiado de comunicação feminina, pelo qual se pediam favores e serviços, se esclareciam dúvidas, se atalhavam saudades e se traduziam afectos³³. De facto, como sintetizou A. Crabbé Rocha, «a ausência não só motiva, pela nostalgia dos contactos humanos perdidos ou interrompidos, um desejo de reafirmação no campo dos afectos, como provoca também um considerável enriquecimento daquilo que se tem para dizer (...)»³⁴.

Assim se explicam os contornos deste carteiro entre SMC e a DM, pois nele são frequentes as queixas pelo espaçamento das cartas e a manifestação da felicidade experimentada por SMC pela recepção de correspondência: «las nuevas de Vuestra Excelencia son mi alivio³⁵»; «siempre que logro sus favores es para mí dia de fiesta»; «Agradezco a Vuestra Excelencia el favor de su carta, y el gusto de sus nuevas, que para mí el día en que las recibo es el mayor día³⁶». O pedido de notícias por parte de SMC é transversal a várias cartas, e nesta tipologia da saudade se revelam alguns traços curiosos que dão um tom muito especial a este carteiro. De facto, salvaguardando os contornos literários que sempre podem relativizar as nossas conclusões, as cartas que a Duquesa envia a SMC constituem para esta última, a certa altura, uma espécie de descoberta da sua própria identidade corporal, religiosa e nacional³⁷. Se nos lembrarmos

³³ A este propósito é significativa a correspondência (61 cartas) de D. Joana de Vasconcelos e Meneses para seu marido D. Diogo de Lima, enviada entre 1642 e 1644. Veja-se o estudo e edição de texto de Ana Lúcia Pinheiro de Oliveira, *Cartas de Amor. Correspondência de D. Joana de Vasconcellos e Meneses*, *op. cit.*

³⁴ Cf. *A Epistolografia em Portugal*, 1965, p. 14.

³⁵ Cf. carta V.

³⁶ Cf. carta XIII.

³⁷ Vejam-se os sugestivos exemplos da carta XXI («Vuestra Excelencia me dice tiene parte de portuguesa, y yo por eso estimo en más el serlo») e da carta LXIII («Vuestra Excelencia también es Portuguesa como yo Castellana, porque soy suya»), nas quais SMC ora se declara mais portuguesa, ora se reconhece um pouco castelhana, em função da relação com a Duquesa.

que, na primeira carta, SMC se apresenta como “semiviva”, declarando que «los favores de Vuestra Excelencia vienem a restituir el Espíritu a este cadáver», é possível atribuir a esta correspondência uma função construtora de vida, que se percebe em algumas formas de despedida ou em certas passagens de maior densidade emotiva. Assim, são particularmente sugestivas da fusão identitária com que Maria do Céu percebe a sua relação com a Duquesa as afirmações da carta XVI, que, pelo facto de ocorrerem numa carta muito breve (apenas seis linhas), se tornam mais enfáticas: «Quisiera nuevas de su salud para saber de la mía, que estando Vuestra Excelencia enferma, no puedo quedar sana».

Também na forma de despedida da carta II, ao fazer referência ao seu nome (esse primeiro sinal da identidade de cada um), SMC parece só lhe atribuir sentido em função da relação estabelecida com a Duquesa: «Y a Dios ilustre Señora / y no olvide tu ser / aquella que por ser tuya / María del Cielo es». Mas é curioso como a poesia, que SMC às vezes tem relutância em produzir, se torna, neste caso, uma forma de expressão mais livre dos constrangimentos sociais a que a vincularia a expressão de sociabilidade para com uma grande senhora: «Sin letras vuestras, Señora, / ciegos mis ojos están» (cf. carta XXVI). Neste mesmo poema, as liberdades poéticas permitem-lhe expressar abertamente ciúmes, queixas, receios de esquecimento, numa linguagem que recupera a tradição cancioneril dos suspiros, dos lamentos, etc.:

Un suspiro va por ellas
al correo sin hallar
y siendo al partir suspiro
al volver se queda ay.
[...]
Si es olvido soy perdida
si fue queja estoy mortal
si vesitas tengo celos
si ocupación tengo afán.

A prosa que se lhe segue relativiza e corrige todo esse excesso afectivo, reconduzindo a relação aos contornos adequados, quer aos preceitos da clausura

monástica, quer ao respeito pela hierarquia social que a distinguiu da Duquesa de Medinaceli: «Muy querida Señora mía, Vuestra Excelencia ha de escrebirme cuando pudiere y cuando quisiere. [...] Lo más son atrevimientos poéticos de que Vuestra Excelencia gusta» (carta XXVI). Tal facto não rasura as inúmeras manifestações de saudade e de afecto que perpassam nesta correspondência: «Ahora quiero nuevas tuyas, que son saudades mías, y las espero como las deseo» (carta XLV); «Quisiera nuevas de su salud para saber de la mía» (carta XVI). Estas exigências de proximidade são bilaterias, pois ainda que tenham desaparecido as cartas da Duquesa, podem reconstituir-se os seus pedidos através das respostas de SMC: «(...) Vuestra Excelencia me pide la escriba, y yo en cuanto tuviere alma en los dedos no he de dejar de hacerlo» (carta L).

As formas de abertura e de encerramento das cartas testemunham desta relação de admiração, amizade e serviço. Veja-se o «Mi Señora de mi corazón» ou «Niña de mis ojos, grande en los de todos» com que abre as cartas, ou as despedidas com que, prolongando formas caídas em desuso nos meios cortesãos,³⁸ expressam a dedicação total da religiosa à Duquesa: «Sierva y captiva»; «Sua amante sierva»; «Su amante captiva», etc... Estas formas espelham uma humildade própria de quem dedica a sua vida ao serviço do outro. Todo este mundo de afectos teve a sua expressão mais pública na dedicatória que Soror Maria do Céu fez à Duquesa de Medinaceli na edição castelhana das *Obras Varias y Admirables*.

A teorização sobre a carta tem realçado a sua capacidade de tornar a ausência em presença (como disse Rodrigues Lobo em *Corte na Aldeia*³⁹). É este, de facto, um tópico muito recorrente nas cartas trocadas por estas duas senhoras, que substituem imaginativamente letras, papéis ou retratos por imagens do ausente, cambiando sinais em presenças: «Cada letra de Vuestra Excelencia es para mí estimación» (carta LXXV); «Señora y querida mía⁴⁰, mucho tengo que agradecer a Vuestra Excelencia pues a troca

³⁸ Cf. Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*, Ed. de José Adriano de Carvalho, Lisboa, Presença, 1992, pp. 81-82, onde Solino ironiza com a forma de despedida “siervo”. «(...) Um homem, escrevendo a sua própria mulher, se assinou “vosso servo” N., e ela o fazia tal mesma na sua ausência».

³⁹ Cf. *Corte na Aldeia*, ed. cit., pp. 89-90: «É uma mensageira fiel que interpreta o nosso ânimo aos ausentes, em que lhes manifesta o que queremos que eles saibam de nossas cousas, ou das que a eles lhes relevam».

⁴⁰ Note-se o tratamento particularmente afectuoso deste início de carta.

de mis noticias me da sus letras, siendo estas preciosas» (carta LXXVIII); « (...) como tengo su imagen en mi corazón no profío en el retrato; el de mi Señora Doña María estimaré como suyo, y en el de la hija miraré la madre» (carta LXIV) e « Con particular alborozo aguardo a ver el retrato de mi Señora la Duquesa de Arcos, que siquiera por las sombras rastrearé las luces» (carta LXX).

Mas a carta também serviu fins menos nobres, como veículo de burburinhos e boatos, como suporte de má-língua, etc. Vejam-se algumas cartas de Soror Feliciana Maria de Milão, como, por exemplo, a "Carta Satírica de D. Feliciana contra o sermão que o Padre António Vieira pregou em a Capela Real, pelos anos da Rainha N. S. no de 1668", editada em 1971 por Claude-Henri Frèches, na sua obra *Contestation de Vieira au XVIIe siècle*, ou ainda algumas cartas em verso, de teor subversivo ou irónico, escritas por e para religiosas, conforme documentou o extenso trabalho sobre literatura conventual feminina, realizado por Isabel Morujão⁴¹.

Facto é que estas figuras da literatura feminina, tendo pegado na pena, eternizaram com a força da palavra testemunhos pessoais das suas próprias vidas e, ao mesmo tempo, da vida monástica feminina, possibilitando-nos o conhecimento mais aprofundado da sociedade setecentista. Foram muitas as religiosas que dedicaram algum do seu tempo à escrita, fazendo-o, as mais das vezes, de um modo totalmente autodidacta, conforme se sugere nos tópicos hagiográficos das suas biografias e autobiografias⁴².

A dimensão cultural da produção epistolar e o seu impacto na sociedade setecentista determinaram esta vontade de levar a cabo um estudo detalhado e atento, que permitisse traçar um retrato o mais abrangente possível da vida literária e cultural desta época. A epistolografia potencia e fomenta práticas de leitura e de escrita, neste caso feminina, a par da sua função de informação e formação, com consequências sobre as novas práticas de sociabilidade então emergentes, que, no caso vertente, se

⁴¹ Isabel Morujão, *Por trás da Grade: literatura conventual feminina em Portugal (séculos XVI a XVIII)*, Lisboa, I.N.-C.M., 2012 (em vias de publicação).

⁴² Ver esses tópicos nas biografias de Soror Mariana Josefa e Soror Teresa Juliana de S. Boaventura, estudadas por Isabel Morujão em *Poesia e Santidade: alguns contributos para uma percepção do conceito de santidade a partir de duas biografias devotas de religiosas do século XVIII português*, in *Via Spiritus*, Ano 3 (1996), pp. 235-261.

desenvolveram entre duas nações geograficamente contíguas e unificadas por uma mesma península. Por outro lado, o veio auto-reflexivo que a carta suscita ajuda-nos a melhor compreender os contornos de personalidade desta religiosa escritora e dos seus destinatários.

Como documentam alguns relatos de confessores, as religiosas escreviam também a pedido dos seus orientadores espirituais, que as incitavam a narrar os seus momentos de diálogo com Cristo. Podemos facilmente comprovar este facto, se nos detivermos sobre a correspondência trocada por várias religiosas com os seus confessores e orientadores espirituais, residente ainda nos acervos de bibliotecas e arquivos⁴³.

Mas não podemos esquecer que, a par desta motivação pela escrita, andou igualmente a necessidade de comunicação intrínseca ao ser humano. O apelo da escrita atravessou vários tempos e épocas, e a carta foi talvez a forma de comunicar que conheceu consideráveis desenvolvimentos nos séculos XVII e XVIII. Convém lembrar que, já em 1619, na incontornável *Corte na Aldeia*, de Rodrigues Lobo, foi referenciado o tratado de Baltasar Castiglione sobre a corte e o comportamento cortesão (havendo, ainda, na obra, considerações que nos permitem afirmar que outros tratados estão implícitos na redacção destes Diálogos), atribuindo-se às cartas o valor de género mais elucidativo sobre os hábitos da corte. Assim, não parecerá estranho que esta correspondência dinamize as práticas de leitura e as reuniões na corte dos Medinaceli.

Com efeito, na carta XXIX, o sentido das palavras de SMC («admiro en que estando Vuestra Excelencia en el aula de la poesía que es Madrid se acuerde de versos míos») torna implícito que o motivo que trouxe a Duquesa ao conhecimento de Maria do Céu foi o seu talento poético. A poesia parece ter sido o motivo que fez deslocar a Duquesa ao Mosteiro da Esperança, para conhecer a religiosa portuguesa autora. A reserva, a clausura e o silêncio poderiam ser condições impeditivas de uma inserção nas redes sociais que proliferaram particularmente no século XVII, abrindo caminhos a novas formas de sociabilidade, que impulsionará o individual em direcção ao colectivo. A vontade de participação em certas decisões, rasgando lugar nas comunidades

⁴³ Cf. Isabel Morujão, «Sinais de Fogo. Entre a voz e o silêncio: Literatura e espiritualidade nos mosteiros femininos», in *Mulher. Espírito e Norma. IV Encontro Cultural S. Cristóvão de Lafões*, Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões, 2009, pp. 51-66.

identitárias em que os indivíduos se inserem, poderia ter passado ao lado da clausura feminina. Mas é justamente um *corpus* de trabalho como o que tomámos por objecto deste estudo que permite ponderar a realidade monástica sob outros contornos.

De facto, sabe-se hoje que as modalidades de leitura na corte teriam lugar em espaços partilhados, mas também em espaços isolados, ou mesmo num grupo relativamente alargado. Ora vozeada ora silenciosa, a leitura era também uma prática corrente *intra muros monasterii* e constituía importantes momentos de partilha para as religiosas. Frei António das Chagas, nas suas *Cartas Espirituais*, recomenda às religiosas a leitura de vários livros devotos, na sequência dos conselhos solicitados por muitas delas que a ele se dirigiam por carta, quando se ausentava em missões⁴⁴.

A correspondência epistolar destas senhoras era, à sua morte, restituída ao convento, depois de registada em cartório. Suspeita-se que a modalidade de leitura partilhada tenha sido a mais frequente nos conventos femininos, dado o diferente grau de alfabetização das religiosas. A leitura *in absentia*, ou seja, a memorização dos textos como forma de os conservar e permitir a sua divulgação colectiva, era, na época, entre as religiosas menos instruídas, uma prática corrente.

Nas ermidas construídas nas cercas dos conventos, as religiosas praticavam a leitura, enquanto faziam retiros espirituais em que liam livros recomendados pelos seus orientadores. No que diz respeito à escrita, as próprias religiosas promoviam outeiros poéticos e enviavam as suas poesias para os mais variados concursos, o que nos permite concluir que eram bastante mais alargadas do que poderíamos imaginar as relações entre o convento e a corte. Mas não podemos esquecer que muitas destas mulheres aprenderam a escrever, como já referimos, por auto-didactismo ou por permissão dos padres, seus confessores, alcançando uma voz que de outra forma não teria sido possível.

A comunicação, ainda que à distância, é e sempre foi uma necessidade sentida pelo ser humano como imprescindível, independentemente da origem ou condição social de quem comunica. Este tipo de correspondência como a que agora apresentamos

⁴⁴ Sobre o contexto do epistolário trocado entre o Padre Chagas e as religiosas suas orientandas, ver Frei António das Chagas, *Cartas Espirituais*, edição, apresentação e notas de Isabel Morujão, Porto, Campo das Letras, 2000.

permitia um largo espectro de temas abordados e de informações de carácter pessoal, de uma extraordinária riqueza do ponto de vista afectivo e vivencial, que nos ajuda a compreender uma época tão recuada da nossa história.

Como pudemos constatar, o conjunto epistolográfico que constitui o *corpus* deste trabalho ajuda-nos a situar a autora num círculo de relações bem definido, ao nível social e cultural (importantes membros do clero, da nobreza e da alta aristocracia, interlocutores com os quais tinha afinidades várias), personalidades a quem, por vezes, recorria e de quem obteve o reconhecimento pessoal e literário que lhe permitiu, entre outras coisas, a publicação dos seus livros.

O lugar de onde se escreve a carta é primordial para determinarmos um conjunto de aspectos que terão importância no próprio conteúdo das mensagens a transmitir. E, neste aspecto, a origem conventual continuava a assegurar uma *auctoritas* que garantia o prestígio da literatura monástica na Idade Moderna. Para além da questão espacial e contextual, também a situação em que se encontram os interlocutores e a relação que entre si estabelecem fazem com que a troca de correspondência e a periodicidade com que ela acontece seja muito variável⁴⁵. Maria do Céu escreve enquanto autora, divulgando uma *auctoritas* que sabia lhe estava associada. De facto, as cartas da DM, sendo oriundas da sociedade dominante, conferem a SMC uma identidade legitimadora⁴⁶ que a autoriza a regular papéis sociais através do poder das suas cartas e dos seus versos.

No entanto, apesar da imprevisibilidade inerente a esta comunicação por carta, Soror Maria do Céu conseguiu, por mérito próprio e admiração da Duquesa, colocar em rede, através de cartas, uma variedade improvável de interlocutores e tornar assim audível a sua voz, num século de silêncios no feminino.

⁴⁵ «A ausência não só motiva, pela nostalgia dos contactos humanos perdidos ou interrompidos, um desejo de reafirmação no campo dos afectos, como provoca também um considerável enriquecimento daquilo que se tem para dizer [...]» (*op. cit.*, p.14).

⁴⁶ A propósito do poder da identidade, veja-se Darin Barney, «Network Identity», *The Network Society*, Cambridge, Polity Press Ltd., 2004, pp. 143 e seguintes.

4. “Desde el Parnaso os escrivo”⁴⁷: Cartas de uma Escritora

(...) *lo más son atrevimientos poéticos de que Vuestra Excelencia gusta*⁴⁸

Este epistolário conventual, de carácter privado, tem a particularidade interessante de constituir um conjunto de cartas escritas por uma escritora de grande projecção na corte portuguesa da sua época: Soror Maria do Céu.

Soror Maria do Céu foi religiosa franciscana no Convento da Esperança, em Lisboa, cidade onde nasceu a 11 de Setembro de 1658, filha de António d’Eça e de D. Catarina de Távora, e onde faleceu, com 94 anos, a 28 de Maio de 1753, segundo informação de Barbosa Machado. Foi, por duas vezes, eleita para o cargo de Abadessa, tendo desempenhado também funções como Porteira e Mestra de Noviças.

Trata-se de uma das religiosas que mais se distinguiram pela vasta e diversificada obra literária produzida, cujo elenco se pode ver no trabalho exaustivo realizado por Ana Hatherly na edição de *A Preciosa de Sórora Maria do Céu*. Editou em Portugal pelo menos oito obras, tendo reeditado algumas delas e publicado outras em Espanha (*Obras Varias y Admirables*, editadas em 1744; *La Preciosa*, editada em 1731 e em 1793, sendo esta última edição atribuída ao Padre Teodoro de Almeida, da Congregação do Oratório). As suas primeiras produções saíram à luz sob o pseudónimo de Marina Clemência.

É, aliás, a natureza de escritora de SMC que confere a estas cartas o seu carácter singular e muito específico. Logo na primeira carta escrita à Duquesa, após a sua visita ao Mosteiro da Esperança, SMC envia quatro poemas de circunstância (duas oitavas, um soneto e uma décima) para celebrar o aniversário dos Duques. Será talvez a carta que mais poesias contém, tal como sucede, de um modo geral, com as sete cartas seguintes: um romance (carta II), uma décima (carta III), uma oitava (carta V), uma décima (carta VI), uma décima (carta VII), uma quadra e uma oitava (carta VIII). A carta VII exhibe a particularidade de ser toda ela um poema-carta, pois o primeiro verso corresponde à saudação inicial e o último, à forma de despedida:

⁴⁷ Cf. carta XLIII.

⁴⁸ Cf. carta XXVI.

Décima

Vuestra carta recibí
Señora mía, y al verla
en cada letra una perla
en cada afecto un rubí;
¿qué puede decir aquí
mi estimación este día?
Mejor callarlo sería.
Yo quedo vuestra, y a Dios
que os guarde; y guardando a vos
también defiende a

María

Ao longo da correspondência, de algum modo se pressente que a poesia foi um factor decisivo na origem e na manutenção desta relação. A Duquesa sempre solicitava poemas, como se deduz das respostas de SMC, e esta sempre lhos enviava, ainda que algumas vezes acusando falta de vontade de o fazer, mas reconhecendo talvez para si mesma que, sem isso, poderia correr o risco de não prolongar esta relação.

Em todo o caso, na carta XXXII, SMC vai traduzindo esse receio, apontando para os laços que gostaria que conduzissem a sua relação com a Duquesa, libertando-a do espartilho que constituía a obrigatoriedade poética: «Y ahora no me deje, porque la digo que no puedo hacer versos, que yo deseo que Vuestra Excelencia me ame por sua obligación y no por mi poesia». Mas para atenuar este recado nascido de uma amizade que se sente sincera na súplica «no me deje», sempre vai enviando os versos solicitados pela Duquesa aos anos de D. María del Rosario.

Na sua visita inicial à religiosa, a Duquesa de Medinaceli conheceu pessoalmente uma mulher já em idade avançada, que se perspectivava a si mesma como «semiviva», «flor marchita», «cadáver» e «sombra», conforme se lê numa das primeiras (ou até mesmo na primeira) cartas que SMC escreve à Duquesa (cf. carta I). No entanto, na mesma carta, SMC reconhece ter renascido espiritualmente com essa visita e essa

admiração testemunhada pela Duquesa, sendo esse renascimento sentido como mais decisivo do que o seu próprio nascimento: «los favores de Vuestra Excelencia vienen a restituir el Espíritu a este cadáver, debiendo más a la revivida que al nacimiento, pues no hay ser que se iguale al que dan sus honores»⁴⁹. Estas afirmações explicarão a questão da renovada identidade assumida por SMC por referência à Duquesa, várias vezes afirmada ao longo desta correspondência.

Este carteio entre as duas senhoras reavivou também em SMC o ânimo para a produção de poesia, numa altura em que a religiosa já não publicava, pois a data da sua última publicação é 1741, ano em que editou *Obras Várias e Admiráveis*, obra em que afirmou, na declaração final das oitavas dedicadas à vida de Santa Petronilha, que escrevia «com coração frio, cabeça cansada, pena grosseira, e quebrada do tempo, que cortando por cousas grandes, não perdoa às pequenas»⁵⁰.

Não se conseguindo ordenar cronologicamente as cartas, sente-se que nelas SMC espelha este mesmo cansaço, pois ela própria o refere à Duquesa, nas cartas LXXVI e LXXVIII, por exemplo. Na carta XXXII, SMC serve-se, com originalidade e humor, da narrativa de um suposto encontro que teve com Apolo, que a teria mandado para a prateleira, para se escusar a mais pedidos de poesia e para denunciar a qualidade literária que sentia perder-se nos seus versos, em virtude da sua idade⁵¹. Pelo trilho desta correspondência, emerge, como se vê, um narrador feminino forte, que é a raiz desta escrita, mas numa fase da vida em que se agudizava a consciência da velhice e o receio de que a sua obra já não correspondesse às expectativas dos seus leitores.

Isto explicará talvez a razão destes poemas terem ficado manuscritos, constituindo o seu carácter inédito a mais-valia da presente edição destas cartas, que revela ao leitor composições ainda não conhecidas. As circunstâncias da produção (cansaço, velhice, achaques) explicam alguns momentos de menor apuro poético destes poemas, bem como o constrangimento experimentado por SMC ao saber-se lida em Madrid. Mas permitem-nos perspectivar a forma como foi evoluindo, em SMC, a sua relação pessoal com a sua própria produção literária.

⁴⁹ Cf. carta I.

⁵⁰ Cf. *Obras Várias e Admiráveis*, p. 86.

⁵¹ «(...) Entrando uno destos días en el Parnaso me miró Apolo muy sañudo y dijo: quítenme de aquí esa vieja, y pónganla en un rincón de su coro para encomendarse a Dios, que ya no es tiempo de otra cosa».

O conjunto destas cartas inclui, pois, poemas inéditos, num total de cinquenta e cinco, presentes nas oitenta e duas cartas encontradas. Destas, quarenta e seis contêm poesia. Quer as cartas quer os poemas encontram-se em Castelhana, à excepção de três poemas que estão em Português⁵² (uma quadra solta, quinze quadras soltas e uma oitava), repartindo-se por diversas tipologias: nove oitavas, um soneto, catorze décimas, vinte e quatro romances e algumas quadras soltas ou agrupadas. Aparentemente, não parece haver qualquer relação entre a forma escolhida e a temática versada, uma vez que, para a mesma circunstância dos anos do Duque e/ou da Duquesa, encontramos oitavas, soneto, décimas e romances.

A totalidade das cartas enviadas recobre uma vasta tipologia, onde podemos reconhecer cartas de agradecimento⁵³ (por oferta de um chocolate ou por outros favores recebidos), cartas de melhoras⁵⁴ (da saúde da Duquesa ou de qualquer familiar), cartas de pêsames⁵⁵ (pela morte do cunhado da Duquesa, por exemplo), cartas de felicitações⁵⁶ (pelos anos dos Duques ou da filha, pelo noivado e casamento de D. María del Rosario), cartas de devoção⁵⁷ (ao Senhor Sacramentado, ao Menino Jesus, a Santa Teresa, etc.), cartas satíricas⁵⁸ (onde se exerce a crítica aos costumes da corte, como a moda das senhoras cortarem os cabelos), cartas de pedido⁵⁹ (nas quais se pede uma assinatura de Santa Teresa, para uma sobrinha, ou se relembra a promessa da Duquesa de lhe enviar um retrato de sua filha, María del Rosario), cartas de elogio e louvor⁶⁰ (pelas quais se exalta a beleza, a juventude ou as qualidades morais da Duquesa e da filha), cartas de oferta⁶¹ (que acompanham ou anunciam o envio de presentes: «Acá tengo unas curiosidades para enviarla que me parece no desdeñará» [carta XVIII]; «Para el correo imbiaré la dedicatoria y prólogo para el libro» [carta XV]), cartas de queixa⁶² (pelo

⁵² Os poemas em Português encontram-se nas cartas XL, XLVII, e XLVIII.

⁵³ Cf. carta LXIV.

⁵⁴ Cf. carta V.

⁵⁵ Cf. carta LXXXI.

⁵⁶ Cf. cartas I, LXVII e LXVIII.

⁵⁷ Cf. cartas LXII, XI e XLVII.

⁵⁸ Cf. carta LXXI.

⁵⁹ Cf. cartas LXXIX e XVII.

⁶⁰ Cf. cartas XV, XXXIV e LVII.

⁶¹ Cf. carta LXIV.

⁶² Cf. cartas LXXIII, LXXVII e LXXVIII.

atraso da correspondência, pelas doenças que sente), cartas de afecto (em que SMC expressa a sua fidelidade e carinho à DM: «Mi Duquesa y mi Señora muy querida, recibí la de Vuestra Excelencia con la estimación que debo a su persona y con el alvoroço que debo a mi amor; porque sus noticias son mi alivio⁶³»), cartas de aconselhamento⁶⁴, cartas de circunstância⁶⁵ (enviadas estando a Duquesa e o Duque sangrados), etc.

Tal classificação não esgota, no entanto, a complexidade de sentimentos, afirmações e situações que enquadram esta correspondência. A notação de mexericos e ciúmes, o relato de sonhos⁶⁶ (talvez o mais invulgar, pelo desvelar do mundo onírico e absolutamente pessoal da religiosa), a pesquisa genealógica, a declaração de fidelidade e de dedicação, a inquietação perante doenças na Casa de Medinaceli, a referência ao tempo e aos efeitos da seca ou da chuva⁶⁷ em Portugal, a alusão ao sofrimento provocado pela doença e morte de alguma religiosa ou às ocupações resultantes da vida de clausura (confissão⁶⁸, por exemplo) constroem um quadro vivencial que, ainda que registado em pinceladas breves e contidas, constituem um observatório privilegiado de registos afectivos, emocionais e relacionais que revelam a pulsação da vida de uma monja portuguesa de idade muito avançada, nos meados do século XVIII.

Os cinquenta e cinco poemas incluídos neste epistolário permaneceram, como já se disse, inéditos. No entanto, tal não significa que fossem desconhecidos, pois os mesmos circulavam por via manuscrita. De facto, este número considerável tem uma explicação. Como se verá adiante, o grande atractivo que as cartas de SMC tinham para a Duquesa de Medinaceli era o facto de conterem poesia. Aliás, a própria religiosa se refere a essa particularidade estruturante do epistolário, quando afirma, a propósito de uns versos seus: «son atrevimientos poéticos de que Vuestra Excelencia gusta»⁶⁹. Assim, são raras as cartas em que SMC não envia um poema, mesmo depois de dizer que não pode fazê-lo por estar cansada, doente ou já pouco criativa. É, de facto, muito

⁶³ Cf. carta IV.

⁶⁴ Cf. carta LXXIV.

⁶⁵ Cf. carta LXV.

⁶⁶ Cf. cartas XXXII e XLVIII.

⁶⁷ Cf. carta XLIX.

⁶⁸ Cf. carta LXXXV.

⁶⁹ Cf. carta XXVI.

explícita desta obsessão da Duquesa a já referida súplica de SMC na carta XXXII, quando afirma: «Y ahora no me deje, porque la digo que no puedo hacer, que yo deseo que Vuestra Excelencia me ame por sua obligación y no por mi poesía». No entanto, sempre vai enviando versos, mesmo depois de se ter esquivado a fazê-lo. É o caso, entre outros, do poema aos anos de María del Rosario ou do poema que celebra o casamento desta última com D. Francisco de Spínola, décimo Duque de Arcos: «Vuestra Excelencia me pide versos al intento. Señora, las flores de mi Parnaso ya están marchitas, [...] ni en mí hay capacidad para celebrarlo, y en lugar de coplas imbio a Vuestra Excelencia esas flores, pues flores y versos son lo mismo».⁷⁰ No entanto, a carta segue com um poema ao assunto pedido.

A primeira carta que integra o *corpus* que trabalhamos merece um destaque especial, por se tratar de uma longa carta, em prosa e verso, onde SMC refere os favores concedidos pela Duquesa, mencionando a sua visita ao convento e comparando-a a uma deusa. É certamente, se não a carta inaugural desta correspondência, pelo menos uma das primeiras. De facto, sintetiza, em parte, o teor de toda esta correspondência: louvor, gratidão, admiração, serviço, produção de poesia, queixas de saúde, etc.

O registo epistolar permite, muitas vezes, no contexto desta relação por carta entre SMC e a DM, espelhar a sinceridade e a autenticidade das relações humanas e dos gestos quotidianos, ainda que no século XVIII o carteio estivesse espartilhado pelos protocolos das sociabilidades e do respeito pelo género. Com efeito, a correspondência que constitui o objecto do nosso trabalho dá conta de testemunhos vivos da sociedade e realidade setecentista, que não se restringe apenas a Portugal, mas igualmente à alta aristocracia espanhola. Nela está plasmado o retrato de uma sociedade nos seus aspectos mais quotidianos: as dificuldades sentidas no dia-a-dia⁷¹, as questões de saúde, (cansaço, dores de cabeça, velhice), o trabalho realizado diariamente no convento, os gostos pessoais (mesmo no que diz respeito aos hábitos alimentares), os contactos, as leituras e orações, a satisfação com que se anuncia a publicação de um livro. As referências à escassez de tempo e às circunstâncias que acompanham o envio de algumas cartas, bem como as contingências do correio da época determinaram a maior

⁷⁰ Cf. carta XXXIII.

⁷¹ Veja-se a carta XLIX: «En esta corte no han faltado dolencias causadas de la seca contra la cual se han hecho muchas preces. Nuestro Señor envíe agoa pues da sus misericordias a lluvias».

ou menor expansão das mensagens («que ahora me piden esta respuesta con prisa» [carta XXXVI]). Cartas há que encerram com o início da forma de despedida, não a terminando. Esta interrupção denota uma certa pressa⁷² e um pragmatismo próprio de quem já demonstra pouca predisposição para a escrita. Por vezes, perpassa nas cartas uma certa impaciência que imediatamente é justificada pelas dores de cabeça ou mesmo por alguma falta de forças inerente à velhice. Circunstancialmente, são, ainda, referidos nas cartas os aniversários, casamentos, festividades religiosas, hábitos e costumes de duas realidades tão diversas como a monástica e a de corte, em Portugal e em Castela. Esta ponte ibérica constituiu, pois, um importante contributo para a percepção do pulsar da época, entre duas nações, duas culturas e dois estados de vida tão diferentes.

Na segunda metade do século XVIII, é também a carta familiar (e não esqueçamos que SMC não escreve institucionalmente, mas como amiga da Duquesa) considerada um testemunho especial, pois o seu carácter pessoal e espontâneo conduz a uma maior abertura de sentimentos e emoções, com recorrentes manifestações de ternura e afectividade. Na sua essência, tanto na sua dimensão privada, como numa vertente mais pública, as cartas permitiam o alargamento de uma sólida rede de relações sociais com o exterior, entroncando num eficaz intercâmbio cultural. Apesar da natureza confidencial e privada da correspondência, (uma característica que, neste tempo, era mais ideal do que real) estão estas duas interlocutoras, à partida, numa situação de certa inconfidencialidade, pois não só o mosteiro obrigava as religiosas a mostrarem à Prelada o que escreviam e liam, como a sociedade de corte, em Madrid, se alimentava da singularidade das notícias que a Duquesa compartilhava com os seus círculos mais privados.

No contexto da escrita conventual, a tradição das cartas após a publicação do epistolário de Santa Teresa, editado nas suas *Obras Completas* a partir do fim do século XVI, acentua-se, legitimando-se. No contexto do mundo conventual feminino abre-se caminho para a individualização das práticas de escrita⁷³.

Era uma prática comum, nos conventos femininos, as religiosas com natural inclinação para as “letras” prestarem auxílio às suas companheiras, quando, por motivos

⁷² Vejam-se as cartas LXXVIII e LXXIX: «Guardé Dios a Vuestra Excelencia».

⁷³ Sobre esta modalidade das práticas de escrita, veja-se Luc de Vaillancourt, *La Lettre familière au XVIe. Siècle – Rhétorique humaniste de l'épistolaire*, Paris, Honoré Champion, 2003, p. 399.

de saúde ou velhice, não conseguiam ler nem escrever por mão própria a sua correspondência. Sabendo nós que esta religiosa autora, no período em que se correspondeu com a Duquesa, tinha já entrado na fase crepuscular da sua vida, e contava, por isso, com o apoio de uma sua secretária, como ela própria revela à Duquesa, identificando a pessoa que com ela partilhava as informações da Casa de Medinaceli («[...] y para que sepa quién me hace el favor de ser mí sacrataria es una señora hermana de las camaristas de la princesa de Asturias a las cuales la dicha señora escribe todos los correos y trata con toda la estimación y cariño. [...] La dicha monja se llama Leonor»⁷⁴). Temos, logo nesta circunstância, um primeiro alargamento da correspondência.

Pelo estudo destas cartas, apercebemo-nos de que elas, muitas vezes, cumprem uma função meramente fática, limitando-se a manter viva a correspondência, para alimentar a relação. Desse modo, são recorrentes as cartas que apenas solicitam novas da saúde da Duquesa, sem outro assunto que não seja a necessidade já referida de recriar presenças através de letras (enviadas ou recebidas). De facto, «la lettre est donc présence dans l'absence (...). Rien ne saurait égaler le bonheur du contact réel, mais la correspondance apparaît comme une compensation suffisante lorsque les règles du contrat sont respectées»⁷⁵. Assim, para SMC, cada letra da Duquesa é uma «perla» que ela retribui com amizade: «mucho tengo que agradecer a Vuestra Excelencia pues a troca de mis noticias me da sus letras, siendo estas preciosas, y aquellas mías. Lo que seguro es que sé pagar sus grandezas con mi amor, moneda fina que no engaña»⁷⁶.

A carta cumpre, normalmente, neste epistolário, uma função reverenciadora da DM, a quem SMC quase presta vassalagem. Lisonjeada pela deferência de ter sido visitada pela Duquesa, que se terá deslocado propositadamente para a conhecer⁷⁷, a

⁷⁴ Cf. carta XLVIII.

⁷⁵ Cf. Luc Vaillancourt, *La Lettre familière (...), op. cit.*, p. 334.

⁷⁶ Cf. carta LXXVIII.

⁷⁷ Veja-se a este propósito a carta I, da qual transcrevemos o excerto que se segue: «Al recibir su visita fui hacer aprehensión de su persona, mas no cupo en la fantasía lo que sólo cabe en la admiración; así quedé reprehendida de mí, y vencida de Vuestra Excelencia (...).»

religiosa portuguesa coloca-se claramente ao serviço de D. Teresa de Moncada, a quem solicita, sucessivamente, ocasiões para a servir⁷⁸.

Embora redigidas por uma grande escritora, as cartas de SMC procuraram eximir-se ao estatuto de cartas literárias. No entanto, a metáfora, a repetição e o paradoxo são bastante recorrentes e permitem-nos delinear contornos mais ou menos precisos da personalidade e das emoções destas duas senhoras. Esse é o grande interesse destes documentos: a possibilidade de desvendar os matizes da relação existente entre as duas. O que manteria unidas estas duas mulheres pertencentes a mundos tão diferentes? Com efeito, conseguimos perceber que o gosto pela poesia funcionou, em primeira instância, como pólo agregador, mas manifestamente insuficiente, parece-nos, para sustentar e prolongar esta assídua correspondência por vários anos. A insistência da Duquesa em prolongar este intercâmbio literário (através de reiterados pedidos de envio de poesia) fez com que esta relação epistolar permanecesse activa por um longo período de tempo. SMC desejaria prolongá-la também com D. María del Rosario, mas entendeu que uma rapariga tão jovem não quisesse comprometer-se com uma tarefa eventualmente incómoda: «Deme siempre nuevas de su hija, que yo no la escrevo por no tomarla el tiempo, que es niña y no querrá prenderse a esta correspondencia, que eso fuera atar un hilo de perlas a un cordón de estopa⁷⁹». É esta vivacidade estilística que, apesar da idade da religiosa, encontraremos em quase todas as cartas, sobretudo para expressar uma relação afectiva fortíssima: «basta sola una carta suya, para durar toda una vida mía⁸⁰». Também a antítese sublinha estilisticamente a maioria das cartas: «La Señora Duquesa para quien Vuestra Excelencia me pide oraciones seguraria con su vida la felicidad de su muerte⁸¹»; «Acuérdese de mí en sus oraciones, que es buena secular, y yo mala monja⁸²».

⁷⁸ O final das cartas expressa claramente essa intenção. Veja-se a recorrência de expressões como: «Yo deseo ocasiones de servir a Vuestra Excelencia que ese será para mi voluntad el mejor empleo» (carta LXVI); «Déjese Vuestra Excelencia servir de mi voluntad, que esta vence distancias pues tiene vuelos» (carta LIX); «La Madre Abadesa agradece la en hora buena que le da, y le ofrece su rendimiento, y yo mi corazón para amarla y mi voluntad para servirla» (Carta XXI).

⁷⁹ Cf. carta L.

⁸⁰ Cf. carta XXVI.

⁸¹ Cf. carta LI.

⁸² Cf. carta XXII.

Apesar da brevidade das cartas que envia à Duquesa, o epistolário de SMC permite captar o *ethos* da religiosa escritora. De facto, a autora deixa transparecer a singularidade da sua personalidade através de um estilo conciso, sintético, marcado muitas vezes por uma tendência sentenciosa, que exprime sínteses de vida e de experiência, através de frases lapidares. São várias as cartas em que se registam essas formulações sintéticas e retoricamente barrocas: «los espinos son rosas, los trabajos dichas⁸³»; «no hay ausencia para quién ama⁸⁴»; «lo que aleja la distancia, une el amor⁸⁵»; «la muerte no tiene jurisdicción en el amor⁸⁶»; «el amor tiene tanto de atrevido, como la humildad de cobarde⁸⁷»; «dolores sufridos, deben ser remedidos⁸⁸», etc.

A par desta feição aforística, os comentários humorísticos e alguns segmentos narrativos de cariz demonstrativo complementam os contornos de atitude directa e assertiva da religiosa: «sean con Vuestra Excelencia todos los santos y ninguno de los difuntos⁸⁹». Veja-se como, para se escusar a fazer versos, SMC narra à Duquesa este singular encontro com Apolo: «uno destes días en el Parnaso me miró Apolo muy sañado y dijo: quítenme de aquí esa vieja, y pónganla en un rincón de su coro para encomendarse a Dios, que ya no es tiempo de otra cosa⁹⁰».

São cartas claras e directas as que SMC escreve à Duquesa e à sua filha, não se demorando em atalhos ou rodeios. Cartas que, como já referimos, acusam algum cansaço da religiosa portuguesa, nesta fase avançada da sua vida. O intercâmbio epistolar prevalece, como se viu, por alguns anos, ao longo dos quais se percebe o quanto a própria correspondência contribui para a construção de uma identidade relacional: «Vuestra Excelencia también es Portuguesa como yo Castellana porque soy suya» (carta LXIII).

⁸³ Cf. carta LXVII.

⁸⁴ Cf. carta XLIX

⁸⁵ Cf. carta XLIX.

⁸⁶ Cf. carta do A.H.T.

⁸⁷ Cf. carta do A.H.T.

⁸⁸ Cf. carta XXII.

⁸⁹ Cf. carta XXX.

⁹⁰ Cf. carta XXXII.

O outro (a Duquesa) que está ausente vai completar a identidade da escritora portuguesa, e a manutenção desta teia relacional de carácter literário ajuda a tecer a personalidade de ambas as senhoras. Uma identidade outra vai sendo construída, ao mesmo tempo que se expande uma relação identitária entre as partes dialogantes.

Pode igualmente afirmar-se que a dimensão afectiva que perpassa nas cartas quase conduz a uma inversão dos papéis que estaríamos à espera de encontrar bem definidos em cada uma das interlocutoras. Soror Maria do Céu reconhecia em Teresa de Moncada uma mulher de grande virtude e exemplaridade, junto de quem se sentia estar mais próxima da perfeição. Isso explica o apagamento, a reverência, o rebaixamento com que SMC se apresenta perante a Duquesa, cumprindo, nesse aspecto, um dos lugares-comuns da retórica epistolar. Ao afirmar à Duquesa a sua subalternidade e a perda de todas as suas virtudes, SMC exhibe umas das «chaves de sedução» referidas por Vaillancourt, ao mesmo tempo que faz prova de boas maneiras, pondo «em relevo as suas competências sociais»⁹¹: «Veo que se inclina una flor a un tronco, una perla a una arena, una Diosa a una sombra; y en esta disparidad rompe el agradecimiento por la admiración; todo grandezas de Vuestra Excelencia siendo tantas, que las reparte hasta a quien no las merece. Mas hace mérito de la fe para logralas. Yo en toda mi vida sola una virtud [t]uve⁹², cual fue no ver la cara a la vanidad, mas Vuestra Excelencia me ha destruido esta, pues con sus recuerdos me deja tan vana que paso a soberbia viendo que la primera persona de Castilla hace memoria de la ultima de Portugal»⁹³.

É muito interessante esta forma de comunicação entre a sociedade conventual e a sociedade de corte⁹⁴. A comunicação alargada tornava-se cada vez mais imperativa nesse século XVIII. SMC, apesar dos argumentos com que tenta justificar o seu não-alinhamento nesse colectivo que são as redes literárias, termina cedendo aos pedidos

⁹¹ Cf. Vaillancourt, *La Lettre familière (...)*, *op. cit.*, p. 324.

⁹² O original com mancha de tinta.

⁹³ Cf. carta I.

⁹⁴ «La lettre conçue comme une «conversation écrite», s'adapte aux usages de la civilité et devient mondaine: *L'art de la vie en société, devenant art de la conversation, marque de succès l'art épistolaire et, peut-être, la littérature tout entière*». Une sociabilité exemplaire, se développe dans les lettres dites de «compliment», où l'on tente tant bien que mal d'accomoder l'idéal du style conversationnel aux exigences de la rhétorique et de la bienséance» (Luc Vaillancourt, *La Lettre familière au XVIe. Siècle (...)*, *op. cit.*, p. 318.

reiterados da DM e de María del Rosario e envia versos, como se pode ler na carta LXXV: «Estimo su salud, conforme a mi deseo, que así que no habrá queja que se le atreva. En cuanto a versos, tengo ya la cabeza tan cansada, que no puedo aplicarme; pouco se pierde en mi poesía, mas yo ganaba mucho en dar gusto a Vuestra Excelencia. Ya no paseo el Parnaso, de que quité tantas flores para la galantaría, ninguna para el fruto, porque las planté ociosa, sino vana. Mucho lo quedo con los favores de la Señora Duquesa de Arcos [...]». SMC desvaloriza a poesia, provavelmente tentando também alertar indirectamente a DM da sua *vanitas*, mas acabando sempre por ceder, enviando poemas. É igualmente verdade que, se, por um lado, SMC achava que estas senhoras eram merecedoras, pois admirava a sua virtude e não as queria descontentar, por outro, sabemos que os mosteiros viviam economicamente na dependência destas redes. Para além do mais, estes contactos possibilitavam à nossa autora, em nome da *auctoritas* que emanava dos mosteiros, uma intervenção social, ajudando a manter paradigmas de boa moral, num exercício elaborado de alteridade⁹⁵.

Para SMC, esse «outro» que está para lá da grade torna-se apelativo e imprescindível, pois, pesem embora semelhanças e diferenças, ajuda-a a compreender melhor o mundo e, simultaneamente, a definir os contornos de uma renovada identidade, que sente construir-se em si: «pues no hay ser que se iguale al que dan sus honores»⁹⁶.

De um ponto de vista estritamente literário, em algumas poesias que Soror Maria do Céu envia à Duquesa, encontramos reiteradas alusões a flores e frutos, com uma clara simbologia que não escapa ao diálogo com o *Tratado das Significações das Plantas Flores e Frutos* de Isidoro Barreira⁹⁷. Além disso, facilmente nos damos conta da existência de uma inequívoca relação de intertextualidade interna com alguma produção anterior de SMC, nomeadamente com as *Obras Várias e Admiráveis*⁹⁸, onde o poema «Cântico ao Senhor pelas Frutas» remete de algum modo para o romance que

⁹⁵ SMC manifesta-se algumas vezes sobre assuntos mundanos. Cf. carta LXXI: «Al asunto de los cabellos cortados deseo decir más, pero ya el Parnaso me despide como inútil, y me mira como ajena».

⁹⁶ Cf. carta I.

⁹⁷ A essa relação já aludiu Ana Hatherly em *As Misteriosas Portas da Ilusão. A propósito do imaginário piedoso em Sórora Maria do Céu e Josefa d'Óbidos*, in *Josefa d'Óbidos e o tempo barroco*, 2ª edição, coord. Vitor Serrão, TLP, Instituto Português de Património Cultural – IPPC, 1993, pp. 71-85.

⁹⁸ *Op. cit.*, pp. 119-120.

SMC envia à Duquesa na carta XLVII, por altura do Natal, e cuja abertura é «As frutas esta noite / se atrevem ao Menino / não só a regalá-lo / mas se atrevem também a defini-lo». As frutas assumem, neste romance, um carácter descritivo, configurando um retrato do Menino, numa transfiguração quase delirante da natureza: «Ora vá um retrato / do infante nascido / que o Menino esta noute / dá licença por festa a tais delírios». A selecção de frutas que aqui desfilam recupera a exuberância e os processos construtivos das naturezas mortas (das romãs aos limões...) a que já aludiu Ana Hatherly⁹⁹. Os frutos que se aproximam («Também chega o limão / pode ser admetido») vão ocupando o seu lugar no retrato que vai tomando corpo, encerrando moralidades, mas demonstrando sobretudo engenho e imaginação, tão do gosto “barroco”. Lembrem-se aqui os célebres retratos de Giuseppe Arcimboldo (1527-1593). Assim, as diferentes frutas com que se “veste” o Menino (a avelã dá cor às sobancelhas; a cidra empresta o verde aos olhos; as faces assemelham-se a maçãs encarnadas; a cereja vermelha desenha uma boca que «quando chora faz bequinhos»; os pinhões são os dentinhos; os pezinhos lembram «duas amêndoas»; a romã rainha oferece-lhe a sua coroa) evocam, ao mesmo tempo, os rituais de mudas de roupa do Menino Jesus, com que as religiosas se entretinham nas suas devoções¹⁰⁰ e parecem transpor para o texto um universo sensorial e imagético muito caro a Soror Maria do Céu. De facto, das catorze frutas referidas no «Cântico ao Senhor pelas frutas», de *Obras Várias*, SMC recupera, nesta carta, oito entre as onze que convoca, retirando-lhes a espessura simbólica que adquiriam em *Obras Várias e Admiráveis*, sem contudo as esvaziar totalmente de significação. As proximidades entre os dois poemas são, de facto, explícitas. Se encontramos recorrência nas frutas privilegiadas pela autora, são ainda de salientar as semelhanças nos atributos de algumas delas: «romãs régias¹⁰¹» / «romãs rainhas¹⁰²»; «melão nas letras¹⁰³» e «melão letrado¹⁰⁴». No entanto, a contaminação vai ainda mais longe, pois a romã é apresentada

⁹⁹ Cf. Ana Hatherly, *As Misteriosas Portas da Ilusão*, op. cit.

¹⁰⁰ Ver Mário Martins, “Natal Franciscano”, in *Brotéria*, vol. 44, nº 6 (1947), pp. 565-580, e Flávio Gonçalves, *O vestuário mundano de algumas imagens do Menino Jesus*, Separata da *Revista de Etnografia*, nº 17 (1968). Sobre esta faceta da devoção monástica feminina, ver ainda Isabel Morujão, *Por Trás da Grade*, op. cit., pp. 496-497.

¹⁰¹ Cf. *Obras Várias e Admiráveis*, p. 119

¹⁰² Cf. carta XLVII.

¹⁰³ Cf. *Obras Várias e Admiráveis*, p. 120

¹⁰⁴ Cf. carta XLVII.

como coroa num texto e no outro. O limão, que em *Obras Várias* «encerra a vontade fina», reaparece no poema desta carta também associado à vontade: «porque como é vontade / da significação faz sacrefício». Mas é reduzida a dimensão moralizada das frutas neste poema de SMC à DM, sendo de reter sobretudo a corporização de uma linguagem artística transversal às várias artes e ainda um imaginário comum que insiste em refigurar o Menino, numa ternura que o representa atractivamente «em metáfora de doce», parafraseando Jerónimo Baía¹⁰⁵. O mesmo procedimento transfigurador já SMC tinha ensaiado na descrição de Cristo no encontro com a Samaritana, na poesia inserida em *Obras Várias (...)*, onde a cada traço do corpo de Cristo correspondia uma metáfora de flor¹⁰⁶.

Pela leitura das cartas somos confrontados com uma clara relação cerimonial e reverencial de Soror Maria do Céu em relação a esta importante figura, que foi a Duquesa de Medinaceli, perspectivando-a como superior em sangue e em virtude. Parece importante reafirmar a nossa convicção de que a religiosa portuguesa acede aos muitos pedidos da Duquesa para o envio de poesias, não apenas pela posição social superior desta nobre madrilena, mas porque a vê como uma mulher de virtude e, sobretudo, como alguém por quem nutre profunda amizade. Essa parece-nos constituir a principal razão que explica que uma mulher de fé consolidada, de recato e descrição, abraçada havia mais de meio século aos preceitos da clausura, aceda, por exemplo, a enviar umas “sortes” para diversão da corte, a pedido da Duquesa, como se regista na carta XIV: «Para umas sortes que mandou pedir a Duquesa» (ainda que as “sortes” tivessem também nos conventos uma certa fortuna, em contexto devoto e religioso¹⁰⁷).

¹⁰⁵ Cf. Jerónimo Baía, «Ao Menino Deus em Metáfora de Doce. Romance», in Natália Correia, *Antologia da Poesia do Período Barroco*, Lisboa, Moraes Editores, 1982, pp. 154-156.

¹⁰⁶ Nesse poema à Samaritana, o rosto de Cristo é perspectivado na face como jasmins e rosas; nas mãos como açucenas; nos lábios e nariz como mirra (p. 167 de *Obras Várias e Admiráveis*, ed. cit.). Veja-se, a propósito dos retratos de Cristo, o que afirmou Isabel Morujão em *Por trás da grade (...)*: «Nariz, lábios, boca, face, mãos, pés são objecto de caracterizações marcadas por metáforas de expressão espiritual (...)», *op. cit.*, p. 529. Estas formas de devoção ao Menino eram tão comuns na época, que Jerónimo Baía, no poema já citado, regista: «Fazem dele estimação / As Freiras com tal capricho, / Que apuram para este doce / Todos os cinco sentidos» (p. 155 da edição citada).

¹⁰⁷ Vejam-se as «”sortes” de exercício de virtudes para se tirarem dia da Exaltação da Cruz – quartetos» de Soror Mariana Josefa Joaquina de Jesus, in *Vida e Obras da Serva de Deus a Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus, religiosa carmelita descalça do convento de Santa Teresa do lugar de Carnide*,

A fronteira entre o privado e o público concede a esta troca epistolar um dos seus traços mais relevantes. O domínio privado interliga-se com a dimensão comunitária e integra-se numa esfera pública, no âmbito de uma rede mais ou menos organizada, com consequências e alcances que nem sempre conseguimos entender na sua amplitude.

Efectivamente, nas linhas e entrelinhas das cartas trocadas entre a religiosa portuguesa e a aristocrata madrilena encontra-se um importante elemento de compreensão dos estímulos de vida femininos, quer na esfera do privado, quer na do individual. O facto da troca epistolar persistir durante alguns anos dá consistência às constatações que temos vindo a fazer: a Duquesa sentia efectivamente um grande apreço pela poesia de SMC, tanto mais que partiu de si a iniciativa desta relação com contornos tão privados, atitude que a religiosa autora muito preza, como refere na poesia incluída na segunda carta: «Y aún así te debo más / cuando más no puede ser / pues por buscar una hormiga / has inclinado un laurel».

Cada uma à sua maneira pugna por manter activa e eficaz a sua relação com a outra. Nesse contexto, e em muitos momentos deste vivido testemunho epistolar, a Duquesa de Medinaceli parece-nos ser, para Soror Maria do Céu, como uma extensão do seu olhar que atravessa a grade, ligando-a ao mundo e a uma outra realidade. É talvez nas formas de despedida «ya sabe que soy suya» (carta XIX) e no envio, ainda que contrariado, de poesia que a autora atinge consciência dos contornos da sua relação com a Duquesa, que se traduzem numa nova percepção de si mesma, num processo elaborado de alteridade/identidade. O “outro”¹⁰⁸ ausente, neste caso mais específico, Teresa de Moncada, vai completar a identidade de Maria do Céu: «Quisiera nuevas de su salud para saber de la mía» (carta XVI).

De facto, as notícias do exterior eram uma fonte de sensações muito desejadas e aguardadas com ansiedade. A privação de correspondência era sentida como falta de um “ar” que lhe alimentava a alma “aprisionada” intramuros, e os versos presentes na

Lisboa, *Régia Oficina Tipográfica*, 1783, pp. 306-318. Sobre a poesia desta religiosa carmelita, veja-se ainda Isabel Morujão, *Poesia e Santidade (...)*, *op. cit.*

¹⁰⁸ No seu livro intitulado *O Outro*, Kapuscinski afirma: «(...) Cada encontro com o Outro é uma incógnita, um enigma e até, diria mais, um mistério» (Kapuscinski, *O Outro*, Porto, Campo das Letras, 2009, p. 13).

segunda carta («Búscote en flores, y frutos / y es deligencia infiel / viendo, que sólo a tí misma / comparada puedes ser») traduzem bem essa necessidade e ajudam a atenuar uma solidão que, embora desejada a maior parte do tempo pela condição e vocação de monja, poderia em alguns momentos ser sentida como agreste e pesada. Maria do Céu procura não só notícias que a ligam ao mundo, mas também viver através desse cordão/canal que a liga à vida exterior. Assim, esta rede social e afectiva que se percebe entre as duas interlocutoras foi sentida por SMC como crucial na sua vida, como tão bem o traduzem os versos «Tus favores son mi gloria / tus honores mi placer / y sin estos miro mal¹⁰⁹». Sendo assim, uma pergunta se impõe: tratando-se, como se sabe, de correspondência de SMC com duas senhoras representantes de uma das maiores Casas de Espanha, como é perspectivada pela religiosa escritora essa mesma correspondência? Como sopro vital («es para mí dia de fiesta» [carta XXVIII]), como luz («En el mar por las perlas más hermosas / cuentos los años a la luz beninas / que naciste a ser, Teresa, dina / clara luz, bella flor, y perla fina» [carta I]), como preciosidade («cada letra de Vuestra Excelencia es para mí estimación una perla» [carta LXXV]; «no quiero quebrar esta cadena de oro a que estoy tan atada, como rendida» [carta XXIV]), tal como se infere das sucessivas metáforas de luz, pedras preciosas e flores. Talvez por isso SMC aluda várias vezes ao ciúme¹¹⁰ de outras pessoas face a essa relação que, naturalmente, aguçaria a curiosidade das suas companheiras de convento em relação às cartas de Espanha. Por isso, talvez SMC tenha preservado essa relação, queimando ou mandado queimar os originais recebidos. Aliás, a religiosa portuguesa confessa, em alguns momentos, que esses ciúmes não levariam a melhor. Isso poderá explicar o desaparecimento das cartas da Duquesa e da filha, embora não explique o desaparecimento do autógrafo de Soror Maria do Céu em Espanha.

O conteúdo de certas cartas deixa-nos adivinhar que algumas delas partem da iniciativa da religiosa, embora a maioria seja de resposta à sua interlocutora ou interlocutoras. Tal facto confirma a bilateralidade desta relação e a amizade profunda

¹⁰⁹ Cf. romance da carta II.

¹¹⁰ Veja-se a carta XXXIV: «(...) lo que la aseguro es que todo la pago, en el mucho que la amo. Y ya por acá hay celos deste afecto pero nunca serán satisfechos, porque sólo lo que estimo en mí es amar a Vuestra Excelencia como mi Señora, y aún mi ídolo, pues se idolatrara sólo fuera en su belleza».

que une SMC à Duquesa. De facto, o desengano do mundo¹¹¹ e o desprezo pelas honras a que a vida de clausura conduzia as religiosas de alguma forma poderá ter perturbado esta relação, em que grandes do mundo procuraram quem dele se quis isolar.

5. A Literatura como Pólo Agregador de Comunidades e Espaços

A historiografia monástica tem sido construída fundamentalmente a partir de discursos institucionais: crónicas, biografias editadas, regras monásticas, livros de receitas e despesa, inventários de bibliotecas, etc. No entanto, é necessário avaliar também o impacto da actuação de redes várias (individuais e informais) que, paralelamente às redes institucionais e formais, construíram dinâmicas históricas que é importante recentrar. Com a edição deste epistolário, pretende-se também alertar para o interesse de uma leitura não institucional da vida monástica feminina, sustentada pelo conhecimento de redes privadas, em interacção com interlocutores diversos e além fronteiras.

O nosso objecto de estudo – o epistolário trocado, ao longo de anos, entre a DM e SMC – implica a convocação dos dois elementos (os “nós”, na perspectiva da teoria das redes¹¹²) que nele intervêm e que o vão construindo. Assim, a sua análise e interpretação fundamentou-se em algumas premissas metodológicas de análise de redes, desenvolvidas pela sociologia americana e anglo-saxónica, fundamentalmente a partir dos anos trinta do século XX, com significativo recrudescimento na década de noventa¹¹³. Por isso, focalizar-nos-emos também numa perspectiva das relações

¹¹¹ Entre a literatura pedagógica e comportamental que SMC publicou destacam-se *As verdades do Tempo e Máximas do Século*, onde a autora expressou claramente essa polaridade entre a virtude e a glória: «O Merecimento Nasce sem Ventura, Vive sem Amparo e acaba sem Prémio» (4ª Máxima) e «O Desengano nasceu Dor, viveu Remédio, durou Saudade» (12ª Máxima). Ver Isabel Morujão, *Verdades do tempo e Máximas do Século (...)*, *op. cit.*, 306 e 305, respectivamente.

¹¹² Sobre esta fecundidade dos estudos no âmbito das redes, ver, entre muitos outros autores, John Scott, *Social Network Analysis: a handbook*, second edition, London, Sage, 2000 e *Models and methods in social network analysis*. Edited by Peter J. Carrington, John Scott and Stanley Wasserman, New York, Cambridge University Press, 2005.

¹¹³ *Ibidem*.

interpessoais, procurando entender este epistolário fundamentadas no pressuposto de que «os actos dos indivíduos só são compreensíveis no contexto das suas interacções com outros actores sociais¹¹⁴».

De facto, nesta correspondência, de acordo com a teoria das redes, a DM e SMC constituem elementos nodais desta actuação que envolve a nobreza madrilena e a comunidade de clarissas portuguesas do Mosteiro da Esperança de Lisboa: «Social network theory views social relationships in terms of nodes and ties. Nodes are the individual actors within the networks, and ties are the relationships between the actors. There can be many kinds of ties between the nodes. In its most simple form, a social network is a map of all of the relevant ties between the nodes that are being studied» (Scott, 2000). Os actores ou nós 1 e 2 assumem, por sua vez também, a função de intermediários. Assim, a DM é intermediária do D. Nicolao e do Padre Castellano e SMC é intermediária da Madre Abadessa do Mosteiro da Esperança e do pedido de uma assinatura de Santa Teresa para uma sua sobrinha.

Há, entretanto, dois tipos de grupos sociais (o monástico português e o da nobreza madrilena) que se servem destes dois nós, expandindo as redes. O correio constitui sempre o único canal que assegura a manutenção da rede, uma vez que a DM e SMC só se encontraram pessoalmente, tanto quanto se sabe, uma única vez. SMC alude, por vezes, ao contexto de circulação das cartas, referindo a urgência dos portadores que a não deixavam terminar como queria: «que ahora me piden esta respuesta con prisa¹¹⁵». Na carta que envia a D. Teresa da Silva, alude também aos atrasos na recepção das cartas como forma de se desculpar da falta de cortesia que o atraso na sua resposta pressuporia, pois, entre os lugares comuns desta tipologia, «la correspondance a ses exigences et la diligence fait partie du contrat (...). Il faut en outre donner réponse pour chaque missive reçue, sans quoi l'on doit s'excuser auprès du correspondant»¹¹⁶. Assim, SMC apressa-se a justificar-se perante esta grande senhora, que não conhecia pessoalmente: «Vuestra Excelencia me tendrá ce[ns?]jurado de grosera por no haberla respondido; pues sepa que esta carta suya me llega a 29 de mayo siendo escrita a 16 de

¹¹⁴ Joaquim Ramos de Carvalho, *Comportamentos morais e estruturas sociais numa paróquia do Antigo Regime (1680-1720)*, citado por Maria do Rosário Castiço de Campos, *Redes de sociabilidade e de poder: Lousã no século XVIII*, 2003, p. 22.

¹¹⁵ Cf. carta XXXVI.

¹¹⁶ Cf. Vaillancourt, *La Lettre familière (...)*, *op. cit.*, p. 335.

febrero, y que yo no había de desairar a tan grande Señora con no darle luego la respuesta¹¹⁷».

Esse grande espaçamento, que por vezes acontecia, entre a data do envio e a data da recepção dá-nos a entender que a correspondência poderia ter sido interceptada por terceiros, desencadeando, involuntariamente, uma rede de destinatários não prevista.

Entre os vários factores que podem determinar a construção e o dinamismo das redes está, sem dúvida, a reputação¹¹⁸. De facto foi a reputação de SMC que levou a DM a iniciar este epistolário, que, por sua vez, só é alimentado pela religiosa autora depois desta se ter informado detalhadamente acerca da personalidade e da virtude da Duquesa: «Al recibir su visita¹¹⁹ fui hacer aprehensión de su persona, mas no cupo en la fantesía lo que sólo cabe en la admiración; así quedé reprehendida de mí, y vencida de Vuestra Excelencia cuya correspondencia procuraré para crédito, sus noticias para alegría, sus favores para gloria, y espero que Vuestra Excelencia me acabe de honrar mandándome en que la sirva, que no hay distancias contra la obligación, ni lejos contra la voluntad». Estavam lançadas as condições para o estabelecimento de uma ligação forte, entre estas duas mulheres, superadora de distâncias geográficas e de clivagens sociais e de estado. Aliás, um dos tópicos recorrentes nas cartas de SMC à DM é justamente a reverência da religiosa à virtude dessa grande senhora: «Suplico a vuestra virtud / reparta con mi pobreza¹²⁰». Uma virtude que, paradoxalmente, SMC parece encontrar mais na Duquesa do que em si própria: «A Vuestra Excelencia me encomiendo esta Cuaresma, para que se acuerde de mí en sus ejercicios, que en su palacio, y yo en mi monasterio presumo me lleva muchas ventajas en sus operaciones¹²¹». Nas condicionantes que determinam a construção de redes, haverá que levar em conta, não só esta reputação moral, mas ainda outros factores. De facto, a transposição da teoria das redes para o contexto dos estudos literários e culturais

¹¹⁷ Cf. carta LXXIII.

¹¹⁸ Para uma percepção dos factores potenciadores de redes, veja-se Ana Sofia Ribeiro, *Mechanisms and criteria of cooperation in trading networks of the first global age, the case study of Simon Ruiz network (1557-1597)*, Porto, Flup, 2011 pp. 17-21.

¹¹⁹ Conforme se pode ler nesta carta, a Duquesa terá visitado Soror Maria do Céu no Mosteiro da Esperança em Lisboa.

¹²⁰ Cf. romance da carta X.

¹²¹ Cf. carta XX.

pressupõe que esta relação por carta só possa ser cabalmente explicada também pela reputação literária e pela fama de SMC, e não só pela sua virtude. Foi a fama da religiosa escritora que esteve na origem do carteamo entre as duas senhoras e que foi o pólo agregador de grupos sociais em torno destas duas personalidades individuais: o clero e a nobreza madrilenas e o clero e o monacato feminino português. Assim, o prestígio literário associado a uma religiosa do também prestigiado Mosteiro da Esperança de Lisboa determinou o início deste cartei e a expansão desta ligação, que deve, pois, ser perspectivada como rede social e literária.

As redes em geral – e também as literárias - têm o seu ciclo de vida dinâmico¹²²: iniciam-se, alteram-se e terminam em função de circunstâncias específicas. Para este epistolário, conseguimos perceber as circunstâncias do início e captar momentos sensíveis de alteração do seu dinamismo, porque enquanto SMC «tuviere alma en los dedos», como a própria afirma, escreverá. É difícil, todavia, perante um *corpus* de trabalho não passível de uma ordenação cronológica sistemática e documentável¹²³, delimitar a sua evolução em ciclos sequenciais. No entanto, há, pelo menos, três fases diferentes que se podem detectar: uma fase que, claramente, deve ter sido a primeira, de entusiasmo e novidade, que se repercute numa multiplicidade de envio de poesias; uma outra fase, em que se nota já, por parte de SMC, alguma relutância em produzir poemas, mesmo sabendo que foi essa sua condição de escritora que determinou o carteamo; e uma outra ainda (que poderá ser a segunda ou a terceira), em que SMC receia que, ao não corresponder às solicitações poéticas da Duquesa, precipite o termo desta rede literária que tinha funcionado, pelo menos para o lado da religiosa portuguesa, como um vínculo de sentido afecto. Aliás, como já notou Luc Vaillancourt, uma das funções da carta é assegurar a perenidade do afecto e da admiração, como formas compensatórias da ausência ou da falta de eloquência. A religiosa franciscana mostra-se consciente de que a grande alavanca impulsionadora destas cartas é a função que a sua poesia cumpre, no âmbito das redes de sociabilidade em Madrid.

¹²² Ver Ana Sofia Ribeiro, *Mechanisms and criteria of cooperation in trading networks*, *op. cit.*, pp. 3, 16 e 59.

¹²³ Lamentavelmente, a única cópia manuscrita destas cartas não segue uma ordem cronológica, sendo impossível datar com rigor a maior parte delas, pelo que a possibilidade de acompanhar o percurso da interactividade de Maria do Céu com a Duquesa de Medinaceli e com a sociedade madrilena da época se torna de algum modo inviável.

Há que investigar, aturadamente, nos arquivos portugueses e castelhanos, no sentido de tentar perceber quando é que este carteamo terá encerrado o seu ciclo vital. Certo é, porém, que a morte de SMC, em 1753, lhe terá posto cobro definitivo, se ele não tivesse, entretanto, terminado, mas esta é uma questão a que lamentavelmente, por falta de elementos, este trabalho não poderá dar resposta.

Com efeito, o mapeamento dos laços criados e alimentados por esta correspondência revela a existência de uma variada tipologia, que podemos facilmente elencar: laços religiosos e espirituais, laços literários, laços sociais, laços de afectos, laços de nacionalidade, entre outros. E, se bem que tenhamos como objectivo prioritário do nosso trabalho a edição deste epistolário feminino, cuja singularidade já oportunamente sublinhámos, não foi possível deixar de levar em conta a perspectiva da “network analysis” que transfere o objecto de análise para o indivíduo, concebido como um agente dinamizador de relações.

Neste epistolário, de facto, vemos emergir contornos de individualidade de SMC, no que diz respeito à poetisa, à religiosa, à portuguesa, à amiga, à confidente, papéis que vai assumindo, de modo oscilatório, ao longo de todo este relacionamento por carta.

Os percursos da vida de SMC e da DM cruzaram-se, como se disse já, no momento em que esta se deslocou ao Mosteiro da Esperança, para conhecer a religiosa/poeta que tanto admirava. Este foi o ponto de partida que tornou possível a interacção pouco provável de duas comunidades distantes no espaço e nas especificidades. A fama de virtude, mais provavelmente a fama de poeta que Soror Maria do Céu gozava fora de fronteiras portuguesas foi, como se viu, o pólo aglutinador que possibilitou a intercepção destes dois grupos. De todo o epistolário, a carta XXI é emblemática desta interacção, pela concentração destes laços e, ainda, pela revelação da forma como esta rede permitiu a unificação identitária dos dois agentes (SMC e DM), cuja interacção foi determinante para a construção de uma identidade que venceu fronteiras geográficas e físicas: «Vuestra Excelencia me dice tiene parte de portuguesa, y yo por eso estimo en más el serlo, y sobretodo su comunicacion que es mi corona¹²⁴».

¹²⁴ Veja-se, também a este propósito, o que SMC escreve na carta XXX: «Envío a Vuestra Excelencia un cajote de flores y quisiera fuesen estrellas; la mía seguraré cuando Vuestra Excelencia entienda que de Portugal la puedo servir en Castilla».

De facto, este esbatimento das fronteiras geográficas tornou possível o alargamento de relações, colocando em rede vários actores sociais com diferentes idiosincrasias. Sabe-se já o quanto as modalidades de relacionamento social privilegiam certas formas de escrita¹²⁵. Os salões, as academias e os outeiros favoreceram a poesia de circunstância (devota ou profana) e, no século XIX, os romancistas emergentes privilegiaram os “récits de table”¹²⁶.

Os relacionamentos à distância sobreviveram a uma prática epistolar mais ou menos sucessiva, modalidade em que se inscreve este epistolário aqui editado. A sua singularidade reside não só nas cartas em si (algumas delas de claríssimo recorte literário), mas nos poemas inéditos que contêm, e que brotaram em nome desse relacionamento que não se queria desiludir. Foi neste contexto que SMC produziu um conjunto de cinquenta e cinco poemas de várias tipologias, para dar resposta às solicitações da Duquesa.

Entre o mosteiro e a corte desenha-se assim, por via epistolar, uma rede social que coloca o Mosteiro da Esperança e as Casas de Arcos e de Medinaceli num interface pessoal, social, religioso, económico e literário que merece todo o interesse para o estudo da forma como as casas religiosas femininas cruzavam o seu mundo próprio e recluso com esse mundo que faziam votos de abandonar. O alcance relacional e a configuração da clausura feminina urge, pois, ser compulsados com este tipo de documentos, que atestam a existência de redes de relações igualmente estruturantes e mais alargadas do que à partida suporíamos.

Assim, reconstituir a biografia de uma pessoa, neste caso de Soror Maria do Céu, pressupõe reconstituir simultaneamente as biografias de várias pessoas que com ela interagiram, nos diferentes contextos da sua vida de clausura. A edição deste epistolário torna visível que, para além da valorização das redes de interacção vividas pela nossa autora no interior do Mosteiro da Esperança (com a Abadessa e companheiras da sua comunidade monástica, particularmente com a Madre Helena da

¹²⁵ Sobre este assunto, ver André Bénit - «Le réseau: une notion en plein essor dans les études littéraires belges», in <http://carnets.web.ua.pt/> (consultado em 25/11/2011).

¹²⁶ Ver Cristina Robalo Cordeiro - “O Contador de Histórias e os seus Companheiros de Mesa: Aspectos de Sociabilidade do Séc. XIX”, in *Actas do Colóquio Formas e Espaços de Sociabilidade. Contributos para uma História da Cultura em Portugal*, Lisboa, 2008, p. 8.

Cruz, de quem escreveu a biografia que tencionava imprimir¹²⁷, dedicando-a à Duquesa¹²⁸ e, naturalmente, com a secretária que lhe escreveu as cartas, etc.) é fundamental conceder espessura à identidade relacional de SMC, seguindo o trilho da sua relação social com o exterior do Mosteiro. Neste caso, afigura-se desde logo significativa a relação literária ou de conselheira de leituras que SMC estabeleceu em Portugal com a Marquesa de Marialva, por exemplo, para quem escreveu as *Verdades do Tempo* e as *Máximas do Século* (que, curiosamente, também permaneceram manuscritas até finais do séc. XX), e com esta DM, com quem estabelece uma estreitíssima relação, com contornos literários e marcadamente pessoais.

Como foi já referido, o conceito de “rede social”, tão dinâmico nas Ciências Sociais, permite surpreender «afiliações a grupos, a partir de conexões interpessoais construídas quotidianamente¹²⁹». Assim, as cartas, na periodicidade com que se apresentam e se reclamam, permitem ainda perceber que a poesia de SMC foi o cimento agregador de uma comunidade de nobres madrilenos que se regozijava com a poesia da religiosa portuguesa, a quem a Duquesa de Medinaceli insistentemente requestava com pedidos de versos, enviando-lhe também, esporadicamente, poemas de autores castelhanos:

«También le estimo las que me da de este gran Padre hasta aquí escondido a mis noticias¹³⁰, si bien me avergüenzo de que llegasen a tal sujeto mis ignorancias, que soy una monja idiota y simple sin más estudio que mi breviario, mas su descripción doraría mis yerros. Los versos están sublimes, y ansi los hallaron todas a quien los fié, que no vi

¹²⁷ A Vida da Madre Helena da Cruz não chegou a ser editada, mas esta referência, é importante para se perceber o quanto a correspondência entre estas duas senhoras se estruturava em torno da virtude e da literatura.

Esta alusão à impressão da obra que nunca chegou a ver a luz do prelo denuncia ainda a fragilidade das redes sociais, de que as religiosas se serviam, para poderem editar as suas obras.

¹²⁸ Cf. carta III: «mas en una dedicatoria, que deseo hacerle imprimiendo la vida, que escreví de la Madre Helena de la Cruz le hablará Don Nicolao».

¹²⁹ Tese online sobre *Trajetórias de sociabilidade: a idéia de relé social enquanto mecanismo criador de novas redes sociais*, de Bruno Souto Maior Fontes, p. 1 (consultada em 21/06/2011).

¹³⁰ Fica-se na dúvida se este Padre a que se refere SMC é o Padre Carmelita a quem envia a décima integrada nesta carta XIII, «del Carmelo honor y glória» ou o Padre Castellano da carta anterior. Em todo o caso, estas dúvidas apenas confirmam a dificuldade de numerar as cartas em função de uma autonomia própria.

en poesía ni con más gracia, ni agudeza, y yo me hallé imposible a corresponderlos, ni el día me dio lugar por ser de confesión¹³¹».

A tudo isto SMC respondia com o conhecimento da Madre Abadesa e, certamente, de mais elementos da comunidade da Esperança, pois, no excerto citado, não deixa de ser significativo o pronome indefinido flexionado no feminino: «y así los hallaron todas a quien los fie»¹³².

A partir do Mosteiro da Esperança, e suscitada pela intervenção da DM, constrói-se assim uma rede de laços sociais e poéticos que se estende ao Padre Castellano, a Don Nicolao, ao Padre Carmelita (que ela considera “asombro de las ciencias”) e também a D. Teresa da Silva, a D. María del Rosario, à Princesa das Astúrias e, naturalmente, ao Duque, marido da Duquesa. Todos eles, recrutados para esta teia de sociabilidades por afinidades poéticas, se tornam, por sua vez, ligações desta mesma rede entre o Mosteiro e a corte, movidos pela admiração e apreço que partilhavam pela religiosa, através do “nó” responsável por toda esta rede: a Duquesa de Medinaceli.

Do contacto existente entre Soror Maria do Céu e a Duquesa de Medinaceli resultou este epistolário que versa os mais diversos assuntos do quotidiano profano e religioso e que eterniza momentos de partilha de vivências do foro pessoal e privado da vida destas duas mulheres, estabelecendo uma rede de sociabilidade transibérica. Estamos perante um interessante caso documentado de troca regular de correspondência entre Lisboa e Madrid, resultante da estreita relação entre estas duas senhoras, num lapso de tempo de, pelo menos, sete anos, como se demonstrou já na Introdução deste trabalho.

É provável que a transversalidade temporal que caracteriza esta correspondência tenha eventualmente marcado outros epistolários (até hoje ainda não compulsados) entre o convento e a corte, onde se poderá confirmar esta capacidade da carta de atingir destinatários vários e de congregar, ainda que à distância, grupos diversos. A pulverização das mensagens é, certamente, um efeito a ponderar, quando se perspectiva a dinâmica da carta de origem monástica feminina. De facto, SMC tinha receptores

¹³¹ Cf. carta XIII.

¹³² Cf. carta XXI: «La Madre Abadesa agradece la en hora buena que le da, y le ofrece su rendimiento».

atentos entre a sociedade madrilena, por intermédio da DM ou da sua filha, com os quais interagiu intencionalmente e consciente desse poder da carta, particularmente da carta com dimensão literária. Veja-se a carta XL, onde SMC expõe o seu ponto de vista sobre o comprimento do cabelo das senhoras, e pede, explicitamente, à Duquesa e à filha que sejam elas próprias transmissoras desse seu ponto de vista: «Hacen muy bien Vuestra Excelencia y su hija en no consentir las corten el cabello, y digan a quien la da matraca

La que desprecia me espanta
bienes de raíz se toca
que o tiene mucho de loca
o tiene mucho de santa.

Y de mi parte dirá a las señoras que los cortan, y será en mi lengua».

Esta atitude de SMC (que se desculpa junto da Duquesa pelo «atrevimiento de hacerla recadista¹³³») em optar pela língua portuguesa quando enuncia regras de comportamento social denuncia uma consciência da sua autoridade fora do seu convento, da sua cidade e do seu país. A religiosa portuguesa sabia que era lida e que a recepção da sua poesia lhe permitia intervir na sociedade, influenciando comportamentos e moralizando à distância. Essa consciência de *auctoritas* alia-se, neste caso, curiosamente, a uma identidade linguística, como forma de criar uma demarcação em relação a essa rede de sociabilidade que sempre dinamizou em língua castelhana. A ruptura linguística transforma-se, assim, em reforço de autoridade. Aliás, como se disse já, só por três vezes, em todo este longo epistolário, SMC escreve composições poéticas em Português e só neste caso vertente a opção linguística é intencional, por forma a demarcar a enunciação de uma normativa. Nos outros dois poemas em Português («As frutas esta noite» e «Eu com bichos sonhei»), o uso da língua portuguesa deve-se, muito provavelmente, ao aproveitamento de rascunhos ou até de textos que SMC já tinha

¹³³ Cf. carta XL.

sobre a mesma temática e à falta de tempo físico e interior¹³⁴, para compor, no momento, textos de raiz.

Esta rede social e literária ancorada em torno de SMC e da DM aglutinou, na sua teia de abrangências, agentes de diferentes vivências e origens. Ela agrupou, como já foi por nós referido, personalidades diversas, atraídas por um elemento unificador que foi o impacto que os conventos e a sua literatura ainda exerciam sobre a vida da corte. O conceito de Casa, em que assentava a realidade social e familiar ibérica desta época, predispunha também à circulação em rede de objectos materiais ou imateriais.

Segundo Nuno Gonçalo Monteiro, a noção de “Casa” pressupõe «(...) um conjunto coerente de bens simbólicos e materiais, a cuja reprodução alargada estavam obrigados todos os que nela nasciam ou dela dependiam – cada um no seu lugar, por demais conhecido e bem definido¹³⁵». “Casa” que, conforme afirma também o autor, «representava um valor fundamental que condicionava estreitamente os modelos reprodutivos de quase todas as elites sociais¹³⁶».

O conceito de Casa, na sua abrangência conceptual, era, portanto, símbolo de afirmação e de poder, onde a poesia espelhava uma forma de estar própria dos comportamentos aristocráticos. A Casa dos Duques de Medinaceli era uma importantíssima Casa de Espanha (como se pode verificar pelo mapa que se apresenta em anexo a este trabalho), com ramificações situadas em toda a Península Ibérica, Portugal incluído. É natural, portanto, que a poesia desta religiosa portuguesa fosse

¹³⁴ O poema «As frutas esta noite», pelas ressonâncias já analisadas com outro poema semelhante, editado em *Obras Várias*, parece efectivamente uma forma de aproveitar material poético que SMC já tinha esboçado para outras circunstâncias internas ao Mosteiro da Esperança e a que, por falta de tempo, lança mão para responder à Duquesa, sem defraudar as expectativas de poesia que ela sempre tinha: «Yo no pude componer más de ese pesebre, otro día me alargaré a más por darla gusto» (carta XLVII). Quanto à oitava «Eu com bichos sonhei», pode aplicar-se a mesma justificação, pois integra uma carta em que SMC se ressentia de um tempo de muitas mortificações, resultantes da morte de um monja e da fase terminal em que outra se encontrava. Envia, assim, à Duquesa um poema que em nada se coaduna, nem com as suas vivências no Mosteiro, nem com as circunstâncias da Duquesa, mas que a religiosa envia «por cosa extravagante», com o pormenor de traduzir para a Duquesa a palavra «bichos», denunciando, assim, que não se tratou de um poema escrito expressamente para D. Teresa de Moncada: «y con lo que acá llamamos bichos y allá guzanos hize esa otava que por cosa extravagante la invío».

¹³⁵ Nuno Gonçalo Monteiro, *op. cit.*, pp. 937-938.

¹³⁶ *Ibidem*, p. 938.

acolhida favoravelmente no círculo dos Medinaceli, sobretudo porque a própria Teresa de Moncada tinha ascendência portuguesa, como ela mesma se preocupou em lembrar a SMC: «Vuestra Excelencia me dice tiene parte de portuguesa, y yo por eso estimo en más el serlo» (carta XXI).

Deste modo, os destinatários das cartas são a Casa de Medinaceli (toda a correspondência à Duquesa e família) e a Casa de Arcos (carta LXXIII, por exemplo). A especificidade desta rede explica a inclusão, na carta do A. H. T., de uma genealogia da DM, o que ajuda a uma melhor compreensão da dinâmica das redes familiares na correspondência de SMC. A carta encontrada no referido arquivo constitui um importantíssimo testemunho da época setecentista, pois refere alguns hábitos e interesses da corte, como por exemplo, a genealogia. Um interesse que, pelos vistos, era partilhado também pelas comunidades monásticas, pois de outra maneira não se pode explicar a recepção, no Mosteiro da Esperança, da *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*¹³⁷.

Neste contexto, assume uma particular relevância esta carta de SMC à DM respigada no Arquivo do Hospital de Toledo, cuja reprodução em *fac-símile* se encontra em anexo. Aí se apresenta, como modelo, a figura de D. Leonor de Noronha (1488?-1573), filha de D. Fernando de Meneses, mulher muito admirada por SMC, por ser de grande virtude e dedicação ao estudo das humanidades, tal como a apresenta a religiosa, na referida carta: «[...] entre las más celebres heroínas aplicadas a las ciencias y estudios, como fue la excelentísima D. Leonor de Noroña».

Mas teria a carta do A.H.T. sido resposta a algum pedido concreto da Duquesa? Trata-se de um texto que exhibe tanta genealogia, que nos surpreende o facto de senhoras recolhidas do mundo saberem tanto de títulos e laços de parentesco. Este facto era, certamente, muito próprio do mundo de nobres da época, mas era também sinal de que SMC tinha sido uma grande senhora portuguesa e que o Mosteiro da Esperança também era muito importante, desse ponto de vista. Esta preocupação de genealogia aparece ainda numa outra carta à Duquesa, em que Soror Maria do Céu lhe pede informação sobre os títulos de D. Teresa da Silva: «Pídola me diga qué título tiene la Señora Doña

¹³⁷ Veja-se a carta V, que mostra a larga repercussão, na corte portuguesa, desta obra de D. António Caetano de Sousa.

Teresa de Silva¹³⁸ que me hizo el favor de escribirme sin expresarlo, por parienta de Vuestra Excelencia»¹³⁹. Naturalmente que este pedido se prendia sobretudo com necessidades protocolares, na medida em que a correspondência entre desiguais exigia uma escrita formalizada. No entanto, ele é sinal desta importância dada aos títulos nobiliárquicos, mesmo por parte de quem vive retirada do mundo e poderia apenas escudar-se na forma de tratamento por V. Ex.^a. Dar conta à Duquesa da correspondência encetada com D. Teresa da Silva parece, além disso, ser o objectivo fundamental da carta de SMC, que, por este modo, reitera a sua fidelidade à grande Senhora com quem única e realmente se correspondia, contextualizando a sua interacção com esta Duquesa de Arcos e confirmando o funcionamento social das redes. De facto, as redes sociais, que se alimentaram por carta, permitem surpreender a correspondência entre quem nunca se conheceu, como é o caso da carta que SMC envia a esta D. Teresa da Silva e dos versos que escreve em resposta ao Padre Castellano. Em toda esta teia, a única relação ancorada num conhecimento pessoal é, efectivamente, a da DM com SMC.

Deste modo, este epistolário ilustra bem, no âmbito das redes de sociabilidade, as diferentes funcionalidades dos nós e dos laços, cabendo aos primeiros uma função chave na dinamização da teia, e aos segundos um desdobramento exponencial das interacções. D. Teresa da Silva escreve a SMC «por parienta» da DM e a monja franciscana responde ao Padre Castellano, cuja existência desconhecia, por intermédio da Duquesa: «También le estimo las que me da de este gran Padre hasta aquí escondido a mis noticias, si bien me avergüenzo de que llegasen a tal sujeto mis ignorancias, que soy una monja idiota y simple sin más estudio que mi breviario».

Não é possível ainda deixar em branco um pormenor que as cartas exibem. D. María del Rosario, filha da Duquesa, representa para SMC uma espécie de réplica ou duplo desse nó que é a Duquesa, pois não só SMC afirma que «en dos las miro una¹⁴⁰», como a própria Duquesa promete à religiosa o envio de um retrato da filha, retrato esse

¹³⁸ Esta carta prova que existia de facto uma rede de relações sociais e literárias a partir de SMC e da própria DM, pois no inventário da biblioteca de D. Teresa da Silva, elaborado logo após a sua morte, consta um título, *Obras Várias de Madre Maria do Zeo*, que supomos tratar-se das *Obras Várias* de Soror Maria do Céu.

No manuscrito, «Silvia».

¹³⁹ Cf. carta LXXII.

¹⁴⁰ Cf. carta LIX.

que SMC aguarda com ansiedade: «El retrato de mi Señora Doña María espero con el alborozo que se debe a la sombra de tal luz¹⁴¹». Para SMC o retrato de D. María del Rosario funciona como um duplo do da própria mãe, que ela não conseguiu obter: «mas como tengo su imagen en mi corazón no profío en el retrato; el de mi Señora Doña María estimaré como suyo, y en el de la hija miraré la madre y entre ambas daré gracias a la naturaleza¹⁴²». O retrato de María del Rosario substitui-se, assim, ao seu conhecimento pessoal. Na carta L, SMC afirma: «Deme siempre nuevas de su hija, que yo no la escrevo por no tomarla el tiempo, que es niña y no querrá prenderse a esta correspondencia, que eso fuera atar un hilo de perlas a un cordón de estopa». O que prova que, em María del Rosario, se pretendia replicar esta relação Duquesa/ Soror. Por sua própria iniciativa ou por solicitação da mãe, não deixa de ser significativo que D. María del Rosario solicitou, ela própria, a SMC que lhe escrevesse: «Niña de mis ojos, grande en los de todos, Vuestra Excelencia me manda que la escriba, y creo lo hace más por engrandecer mi persona que por leer mis cartas; sea como fuere yo siempre quedo la interesada, Vuestra Excelencia la honradora¹⁴³».

Este conjunto de cartas não preenche apenas, como se tem visto, uma mera função de comunicação privada, uma vez que, na grande maioria dos casos, as cartas incluem poemas e, portanto, estão, à partida, determinadas a uma recepção plural, isto é, não circunscrita exclusivamente ao destinatário.

Assim, o carácter particular desta correspondência fica, por vezes, relegado para segundo plano, pois, se é certo que a Duquesa se aconselhou com SMC sobre questões privadas da sua consciência («Muy querida Señora mía, muy sentida me deja el pesar que Vuestra Excelencia me refiere, mas no hay grandeza segura, donde hay muerte cierta¹⁴⁴»; «Muy Señora mía, vuelvo a dar a Vuestra Excelencia el parabién del gusto con que se halla en el acierto deste casamiento a que espero se sigan muchas dichas¹⁴⁵»; «la carta de Vuestra Excelencia me dejó con doblado gusto por la noticia que en ella me comunica, de que le doy mil parabienes pues no habiendo quién su hija mereciese halló

¹⁴¹ Cf. carta XXVII.

¹⁴² Cf. carta LXIV.

¹⁴³ Cf. carta LVII.

¹⁴⁴ Cf. carta LXXII.

¹⁴⁵ Cf. carta XXXIII.

en quién la emplease; a la Casa de Arcos se debía esa fortuna¹⁴⁶»), não é menos verdade que alimentou este carteio para dar forma e espessura às suas redes sociais através dos poemas que solicitava à religiosa portuguesa. Veja-se esta última dimensão no pedido que faz a SMC por ocasião do noivado de sua filha: «La carta de Vuestra Excelencia, y la de la Señora Duquesa de Arcos recibí con la estimación que debo a su grandeza y de que ella esteja en el nuevo estado tan contenta me alegro mucho. Dios le aumente las felicidades, (...). Vuestra Excelencia me pide coplas al asunto, ya la dije que para ese eran más propias los poetas de Madrid¹⁴⁷ que mi musa no es capaz de celebrarlo. Ellos festejarán lo que deben a tal unión, y yo rogaré al cielo la conserve por siglos¹⁴⁸». A consciência desta pluralidade relacional nem sempre agradava a SMC, que gostaria que o seu carteio com a Duquesa se estruturasse de forma mais singular.

Nesse sentido, este epistolário testemunha de uma rede social e literária que, *bon gré, mal gré*, funcionou por carta, dada a distância geográfica dos interlocutores. Note-se que não é SMC quem a alimenta, mas a Duquesa, que insere SMC na literatura de circunstância, que marcou tantas vezes as redes de sociabilidade do século XVIII.

As mudanças que então se viviam no quadro das relações sociais da época tornaram possível aos intervenientes implicados nesta troca epistolar (Duquesa de Medinaceli, Duquesa de Arcos, D. Teresa da Silva, D. Nicolao e Padre Castellano) estabelecer uma rede de sociabilidades e de afectos que ultrapassou largamente as paredes do convento e do palácio e permitiu unificar e consolidar uma relação que se construiu por carta, isto é, na ausência e na distância. Quer a Duquesa, quer Soror Maria do Céu, são entidades dialogantes num mesmo lapso de tempo, desempenhando papéis activos nesta errante coexistência realizada através das cartas.

Por outro lado, as trocas de presentes testemunhadas pelas cartas ajudaram, certamente, a estabelecer laços de união entre quem oferecia e quem recebia e indicam-nos uma reciprocidade bilateral. Naturalmente, os presentes da Duquesa eram materiais, enquanto que os da religiosa franciscana eram, por motivos óbvios, quase

¹⁴⁶ Cf. carta XXXI.

¹⁴⁷ SMC parece conhecer a poesia profana dos poetas madrilenos. Esta é a segunda referência que lhes faz, na correspondência com a Duquesa.

¹⁴⁸ Cf. carta LXVII.

exclusivamente de cariz espiritual, ligados à sua condição de religiosa e de escritora (orações, conselhos, poesias e flores).

O envio sistemático de poemas, por parte de SMC, prova que ela colaborava nessa rede que a Duquesa dinamizava, como o atesta, por exemplo, a carta XXXV: «Vuestra Excelencia me pide versos, yo ya no sé hacerlos como verá en esos que le envío por obedecerla». Esta obediência fiel e voluntária (ainda que por vezes contrariada) de SMC permitiu o equilíbrio destes nós e, assim, a sustentabilidade da rede num espaço e num tempo mais alargados. De facto, SMC não queria de todo «quebrar esta cadena de oro a que estoy tan atada, como rendida¹⁴⁹».

Tratando-se de textos não impressos, a sua leitura, em reuniões sociais, frequentadas por homens e mulheres de letras, contribuiu para o conhecimento e a consolidação da fama de SMC em terras madrilenas. O contributo de textos provenientes dos mosteiros portugueses funcionaria, certamente, nesse círculo em torno das Casas de Arcos e de Medinaceli, como um reforço do atractivo que esta forma de sociabilidade literária sempre procurava. A carta funcionava, neste caso, apesar do seu destinatário aparentemente único, como um eficaz canal de difusão de poesia, integrando-se os seus poemas na convivialidade social madrilena. Pode concluir-se, assim, que a vida nos conventos femininos portugueses não era destituída de dinamismo, do ponto de vista das suas sociabilidades, mesmo antes de 1755, essa data que alguns investigadores têm apontado como o momento de viragem da sociabilidade feminina em Portugal¹⁵⁰.

É importante referir que SMC, na sua correspondência com a Duquesa, não escreve enquanto religiosa do Mosteiro da Esperança, embora tenha para tal a anuência da Madre Abadessa. Por seu lado, a Duquesa não escreve como representante da Casa de Arcos, embora SMC nunca se esqueça dessa sua condição. Não estamos, portanto, perante uma correspondência de carácter institucional, mas, e aí reside mais uma vez a sua singularidade, perante uma troca epistolar de carácter privado, o que nos permite

¹⁴⁹ Cf. carta XXIV.

¹⁵⁰ Para uma percepção das formas de sociabilidade em Lisboa, no final do século XVIII, ver Vanda Anastácio, “Cherchez la femme (À propos d’une forme de sociabilité littéraire à Lisbonne à la fin du XVIII.e siècle)”, in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, Fundação C. Gulbenkian, 2005, pp. 93-101.

apreender aspectos da vida dos mosteiros (particularmente da vida das religiosas) pelo lado menos conhecido e, conseqüentemente, menos estudado.

6. Conclusão

Após este percurso por vários aspectos implicados no epistolário trocado entre Soror Maria do Céu e a Duquesa de Medinaceli, impõe-se sistematizar os pressupostos que lhe estiveram subjacentes e apresentar as conclusões dele resultantes. A análise do epistolário procurou captar não só as características obviamente literárias das cartas de uma escritora (ponderando-as no âmbito deste particular quadro comunicativo), mas, sobretudo, a sua funcionalidade, no contexto das práticas sociais que caracterizaram o Antigo Regime.

São poucos os trabalhos teóricos sobre o género epistolar português, embora não falem referências pontuais a cartas, aos seus usos e às suas formas. A edição de alguns epistolários portugueses, ocorrida no final de 2011¹⁵¹, ainda que centrada em cartas de autoria masculina, vem trazer um considerável contributo para a desejável elaboração de uma taxinomia deste género, em Portugal.

Nesse sentido, a existência deste epistolário ainda manuscrito revelou-se particularmente interessante para esta dissertação, na medida em que, na época em que as cartas foram escritas, teoria e prática literárias se apresentavam estreitamente ligadas entre si, no que se refere à formação de certos géneros. Por isso, nunca será demais salientar a importância destes conjuntos (como o que agora se edita) na consolidação do género epistolar. O estudo de outros epistolários femininos, particularmente conventuais, perfila-se como urgente, para a elaboração de uma codificação do género no contexto da vida de clausura e da sua “forma mentis”.

O carteamo entre SMC e a DM arrastou a nossa reflexão para o entendimento da função desta correspondência, que não se deixava surpreender na mais corrente tradição de orientação espiritual associada ao carteio monástico. Assim, fomos conduzidos na nossa reflexão pela natureza do próprio texto, que nos fez desaguar na

¹⁵¹ Referimo-nos, concretamente, a *Cartas da Índia. Correspondência Privada de Jorge de Amaral e Vasconcelos (1649-1656)*, org. de Amândio Jorge Morais Barros, Porto, CITCEM, 2011 e a *Um Diálogo Epistolar. D. Vicente Nogueira e o Marquês de Niza*, Int. e ed. João Carlos Gonçalves Serafim, Porto, CITCEM, 2011.

teoria das redes, ajudando-nos a perceber a forma como os nós desta correspondência determinaram laços que a catapultaram para a esfera do social e do público.

Estamos conscientes de que parte deste estudo, adoptando para os estudos literários a metodologia das redes, constitui uma perspectiva algo pioneira, mas do nosso ponto de vista fundamental, para a abordagem da complexidade da cultura e da literatura monástica feminina em Portugal.

A literatura e a fama de SMC constituíram o interesse que esteve na origem desta relação “in absentia”. Será no exercício desta correspondência que, inesperadamente, SMC redescobrirá uma identidade outra, construída no interface com a Duquesa. Das suas cartas emerge um *ethos* que inscreve no texto a sua subjectividade, revelando simultaneamente um sujeito monástico distinto, escrevendo textos de natureza moral, mas também preocupado com a imagem que dá de si próprio e com a realidade exterior ao próprio texto («si bien me avergüenzo, de que llegasen a tal sujeto mis ignorancias; que soy una monja idiota y simple sin más estudio que mi breviario» - carta XIII). SMC revela dominar os códigos sócio-discursivos da carta de cumprimento, onde, acima de tudo, o que interessa é não desagradar. Mas ressalve-se que, embora revelando por carta as suas competências sociais (através de conhecimentos genealógicos, cedências à cortesia, etc.), as cartas de SMC nunca abandonam o lugar da enunciação, denunciado na vida de oração, nas referências ao quotidiano da clausura, na intimidade com Deus. Nesse sentido, o *ethos* emergente destas cartas parece ir ao encontro das expectativas que dele fazia uma grande senhora de Espanha: ser poetisa de corte e religiosa de virtude. Por isso, como se viu, SMC escreve para agradar.

Não será de esquecer o facto de que este epistolário teve lugar numa fase de adiantada velhice da religiosa franciscana, o que explica a natureza inédita dos poemas que o integram e a importância que adquirem para a História da Literatura Portuguesa. Seria interessante, noutra lugar, avaliar o quanto o cansaço e a doença poderão, eventualmente, ter determinado, em SMC, reaproveitamentos poéticos de produções suas anteriores. De qualquer forma, a incompletude do *corpus* editado e a consequente impossibilidade de estabelecer uma cronologia para estas cartas, impede ainda um trabalho consistente no âmbito referido.

Todos os trabalhos académicos têm um termo que não se compadece com as exigências de certo tipo de investigação. Continuaremos, por isso, a pesquisar os

arquivos nacionais e estrangeiros, na tentativa de recuperar o mais alargadamente possível a totalidade das cartas trocadas entre estas duas senhoras, conseguindo, eventualmente, datá-las e restitui-las à sua circunstância histórica.

De qualquer forma, este *corpus* epistolar permitiu já, de algum modo, clarificar alguns dos muitos contornos e circunstâncias da literatura produzida nos mosteiros femininos, sobretudo por se tratar de um carteiro não institucional e privado.

Urge pesquisar mais incisivamente nos arquivos e bibliotecas nacionais e estrangeiros, de forma a reconstituir outros epistolários, que façam ressoar menos distorcidamente os contornos do pensamento e da sensibilidade de religiosas portuguesas.

À semelhança de Cândido Lusitano que, no seu *Secretário Português*¹⁵², editado em 1745, sonhava com uma ampla antologia de cartas de escritores portugueses também reputados no estrangeiro, desejaríamos poder contribuir para esse vasto e sonhado volume, com a edição desta correspondência feminina¹⁵³. É nesse sentido que aqui se apresenta este epistolário português de uma clarissa escritora que viveu entre 1658 e 1753 e cujo reconhecimento ultrapassou fronteiras e obteve especial acolhimento na corte madrilena, de que a Duquesa de Medinaceli foi uma significativa representante. Soror Maria do Céu foi, no seu tempo, uma religiosa que viveu bem para além da circunscrição das grades da clausura. Pelo talento literário de que deu provas e pela atracção que exerceu sobre os grandes da corte (tal como se depreende deste epistolário), num âmbito internacional, ela ocupa, de direito, um espaço no mundo.

¹⁵² Cf. «Ao Leitor – Satisfação Necessária» de Francisco José Freire (Cândido Lusitano), *O Secretário Português ou Método de Escrever Cartas*, 4ª edição, Lisboa, Tip. Rollandiana, 1782.

¹⁵³ Cf. «Tenho firmes esperanças de que ainda vejam a luz pública muitos volumes de cartas de autores nacionais, cujas obras oculto agora (...). Sim, ainda espero que os eruditos estrangeiros conheçam que não necessita Portugal de seus documentos, para fazer seus filhos insignes na verdadeira composição epistolar (...)» (Cf. «Ao Leitor – Satisfação Necessária», *ibidem*).

7. Critérios de Edição do Texto

A edição que nos propomos fazer não é uma edição paleográfica, uma vez que lidamos com um manuscrito de testemunho único, de cópia alógrafa¹⁵⁴. Esta será, de algum modo, uma edição interpretativa¹⁵⁵ visando um público alargado e diversificado (já que as resistências se eliminam através da uniformização gráfica), ao mesmo tempo que se destina também a um público mais específico e selectivo, na medida em que a interferência do editor aparece assinalada através de parênteses rectos. As cartas destinam-se, pois, em primeiro lugar, aos investigadores de literatura e de cultura feminina em Portugal, mas, também, aos curiosos em geral.

Neste tipo de edições, o grau de mediação do editor é bastante acentuado. No entanto, o texto editado não apresentará as anotações das interferências editoriais sobre o texto-base, por intencional atitude de simplificação de leitura. Por isso se especificaram detalhadamente os critérios de intervenção editorial, de forma a que, de algum modo, o leitor possa recuperar as especificidades do texto de base.

Esta edição das cartas manuscritas de Soror Maria do Céu à Duquesa de Medinaceli obedeceu aos critérios que abaixo se enumeram. Trata-se de um conjunto de cartas em Castelhana, escritas por uma religiosa portuguesa, e que, por esse motivo, contêm alguns lusismos e contaminações ao nível lexical, que se preservaram.

Assim, e em linhas gerais, são os seguintes os critérios de edição deste texto:

¹⁵⁴ Alógrafo é a «cópia de um texto de um autor manuscrita por outra pessoa» (ver Luiz Fagundes Duarte, *Dicionário de Crítica Textual*, edição online [consultado em 10-06-2011]).

¹⁵⁵ Veja-se a definição de edição interpretativa: [1] edição crítica de um texto de testemunho único; nesta situação, o editor transcreve o texto, corrige os erros por conjectura (*emendatio ope ingenrii*) e regista em aparato todas as suas intervenções; [2] Edição de um texto de testemunho único ou de um determinado testemunho isolado de uma tradição, destinada a um público de não-especialistas: para além da transcrição e da correcção de erros, o editor actualiza a ortografia e elabora notas explicativas de carácter geral» (ver *Dicionário de Crítica Textual*, *op. cit.*, edição online [consultado em 10-06-2011]).

I – Para o Castelhana:

1 – Acrescentou-se ao texto manuscrito da B.N.P. a numeração sequencial das cartas, sem qualquer preocupação de ordenação cronológica, impossível pelos motivos apresentados na introdução deste trabalho.

2 – Desenvolveram-se todas as abreviaturas, exceptuando as que ainda hoje perduram nas formas de tratamento. Ex: *am* com *te* em expoente passou a *amante*; *cap* com *va* em expoente passou a *capitua*; *g* com *de* em expoente passou a *garde*; *mx* com *a* em expoente passou a *máxima*, etc.

3 – Uniformizou-se de modo coerente o uso de maiúsculas e minúsculas, mas introduziram-se, neste campo, apenas modernizações cautelosas, atendendo ao valor expressivo de algumas maiúsculas. No que diz respeito à transcrição dos poemas, respeitou-se o uso do copista no que se refere a início de verso.

4 – Colocou-se entre [] algum acrescento ou correcção introduzida no texto original, bem como uma ou outra expressão ilegível (devido, fundamentalmente, ao carimbo da B.N.P. que, lamentavelmente, abrange parte do texto, em várias páginas) cuja leitura se conjectura. As expressões reconstituídas, sempre que suscitem alguma dúvida, são seguidas de ponto de interrogação. No caso específico do manuscrito de Toledo, a impossibilidade de reconstituir excertos desaparecidos devido ao estado degradado do documento assinalou-se por ponto de interrogação inserido entre parênteses rectos.

5 – Dada a alternância vocálica *i/e* nas formas do verbo “recibir” ao longo do manuscrito («recibo», nas cartas XII, XIII e LXIV; «recebí», nas cartas III, IV, XVII, LIV, etc.), optou-se por actualizar a forma. No entanto, regista-se em nota de rodapé a lição original, atendendo a que “las vacilaciones de timbre en las vocales no acentuadas”, que começaram a desaparecer durante o séc. XVI, penetraram ainda nos séculos seguintes (cf. Rafael Lapesa, *Historia de la Lengua Española*, novena edición, Madrid, Gredos, 1985, p. 368). Por esta mesma razão, se respeitou a forma *afición*, no sentido de afecto.

6 – A alternância vocálica *u/o* actualizou-se sempre que não oferecia dúvidas. De facto, algumas oscilações eram bastante comuns no século XVI, tendo mesmo entrado no século XVII, conforme afirma R. Lapesa, *op. cit.*, p. 280. Assim, por exemplo, *titolo* passou a *título*, registando-se em nota de rodapé a lição do original, como forma de

assinalar o hiato entre as realizações linguísticas orais e os hábitos de escrita, sobretudo neste contexto de escrita feminina.

7 – Actualizaram-se as grafias antigas das fricativas (*s, ss, x, sc, c, ç, z*), com especial relevância na grafia de *-ss* para *-s*. Ex: *esso > eso*.

8 – Modernizou-se a grafia da oclusiva velar surda *-q* para *-c* em casos como *quanto > cuanto*.

9 – Modernizou-se a grafia de algumas palavras, acrescentando o *-h* inicial sem realização fonética. Ex: *oy > hoy; as > has; era > hera; allareis > hallaréis*. Pelo contrário, retirou-se o *-h* não etimológico nas formas do artigo e em formas verbais como *hes*, que grafámos *es*, conduzidas pelo próprio manuscrito, que apresenta uma oscilação na grafia desta forma do verbo *ser*.

10 – Suprimiram-se os *-h* etimológicos em posição medial, sempre que não correspondiam a uma realização fónica, como podemos observar na grafia latinizante de: *christalinas > cristalinas*, mas introduziu-se o *-h* actual, em posição medial, como em *anelo > anheló; aora > ahora*.

11 – Da linguagem arcaizante e literária, conservaram-se as formas de terminação do pretérito perfeito da segunda pessoa do plural, pelo que se mantiveram formas como *distes* e *recibistes*, em vez de *distéis* e *recibistéis*; antigas assimilações com clíticos – *búscote, ofrézcote*; e as formas contraídas da preposição com o determinante demonstrativo. Ex: *de este > deste*.

12 – Manteve-se a alternância em casos como *digno / dino; precepto / preceto*, etc por respeito à realização fonética castelhana da época, que manteve esta tensão durante bastante tempo: “El problema de la pronunciación de esos grupos en las palabras latinas importadas después era muy antiguo, sin que se hubiera llegado a una solución general. Todo el período áureo es época de lucha entre el respeto a la forma latina de los cultismos y la propensión a adaptarlos a los hábitos de la pronunciación romance. (...) Ni siquiera a fines del siglo XVII existía criterio fijo; el gusto del hablante y la mayor o menor frecuencia del uso eran los factores decisivos”, conforme afirma Rafael Lapesa, na *Historia de la Lengua Española, op. cit.*, p. 390. Por este mesmo motivo mantiveram-se algumas grafias que actualmente se grafam na sua forma culta, na

sequência da imposição da Academia, durante o século XVIII (Lapesa, *op. cit.*, p. 421).

Ex: *efeto, conceto e perfeición*.

13 – Por respeito à rima e à realização fonética castelhana, conservaram-se as ocorrências arcaizantes de *aceto* e *vitoria, dina* e *benina*.

14 – Actualizou-se a grafia da velar fricativa surda oral *x* e *g* que passou a *j*, em casos como *quexas* > *quejas*; *agenos* > *ajenos*.

15 – Mantiveram-se as antigas assimilações com clíticos, como, por exemplo, *abrigábale* e *dábale, mandándome, tenerlas* e *procurarlas*. Fundamentámo-nos em Sebastián de Covarrubías (*Tesoro de la Lengua Española o Castellana*, 1611).

16 – Uniformizou-se, de acordo com a grafia actual, a conjunção coordenada copulativa *-y*, que no original oscila com *-e*.

17 – Eliminou-se a alternância gráfica *u/v*, grafando-se sempre *-u* nas ocorrências vocálicas e *-v* nas consonânticas. Exemplo: *outaua* > *outava*.

18 – Corrigiu-se, modernizando, a indeterminação *b/v*, em casos como *joben* > *joven* e *imbidia* > *invidia*.

19 – Emendaram-se os erros óbvios, resultantes de *lapsus calami*, e uniformizaram-se algumas formas lexicais variáveis, como a metátese *bignino* > *binigno*.

20 – Mantiveram-se os lusismos gráficos, próprios de uma portuguesa que escrevia em Castelhana, determinada pela sua destinatária. Ex: *São Pedro; pouco* e *estou*.

21 – Evitou-se interferir demasiado sobre a pontuação original, para não introduzir leituras forçadas. Concretamente no caso da poesia, evitou-se, assim, acrescentar mais pausas às previstas pela estrutura prosódica de Soror Maria do Céu. No entanto, introduziram-se algumas vírgulas e pontos necessários a uma leitura inteligível do texto para um leitor actual, na medida em que, na generalidade dos manuscritos da época, a pontuação era praticamente nula.

22 – Reduziram-se as formas ortográficas latinizantes da escrita pós-renascentista. Ex: *Theresa* > *Teresa*; *delicto* > *delito*.

A possibilidade de datação de algumas cartas (que, sempre que verificada, se exibiu em nota de rodapé) não se estende, infelizmente, a todas elas. Respeitou-se, assim, a numeração das oito primeiras cartas, conforme a lição do códice manuscrito, e deu-se continuidade sequencial às restantes, embora eliminando as cartas repetidas que o manuscrito comportava, delimitando cartas novas que surgiam indiferenciadas e procedendo a ajustes de poesias, deslocando-as para a carta seguinte ou para a carta anterior, seguindo a imposição resultante da relação entre a carta propriamente dita e o poema em causa. A descrição deste códice realizada por Ana Hatherly, na sua edição de *A Preciosa*, omitiu, por exemplo, a nossa carta XXXV.

II – Para o Português:

1 – Nesta língua, que ocorre unicamente nas cartas XL, XLVII e XLVIII, respectivamente nos poemas «cessai já deidades belas», «as frutas esta noite» e «eu com bichos sonhei» e, substituiu-se *-u* com valor consonântico por *-v*. Ex. *atreuen* > *atrevem*; *laurarem* > *lavrarem* e *-i* por *-j*. Ex. *ia* > *já*.

2 – Mantiveram-se as grafias antigas referentes à alternância vocálica *i/e*, por respeito às sonoridades específicas do registo poético em que ocorriam, e porque, como refere Paul Teyssier (*História da Língua Portuguesa*, p.62), a pronúncia fechada do *-e* pré tónico só surgiu no séc. XVIII, razão pela qual devem ter perdurado ainda muito para além desse momento. Ex: *letigio*, *sacreficio* e *bequinhos*. O mesmo critério se adoptou para a alternância *a/e*, como em *fantesia*.

3 – Grafaram-se de modo aglutinado as palavras que, na época, tinham uma grafia separada. Ex: *ande* > *hãode*, pois esta grafia já não reflectia a pronúncia da época que havia evoluído. O mesmo critério não se utilizou em *tão bem*, que não se actualizou para *também*, sobretudo porque a grafia arcaica nos devolve uma sonoridade que ainda hoje subsiste em algumas realizações fonéticas do Português.

4 – Actualizou-se a grafia de *y* > *i*. e de *g* > *j*. Ex: *ayrosa* > *airosa*; *g* > *j* e *laranginha* > *laranjinha*.

5 – Actualizou-se a grafia das nasais: usou-se *ã* em vez de *an*. Ex: *avelan* > *avelã* e *maçanzinha* > *maçãzinha*.

6 – Eliminou-se o *-h* inicial sem valor fonético. Ex: *he huma* > *é uma* e *he* > *é*.

7 – Actualizou-se a sibilante *s* > *ç*. Ex: *feitiso* > *feitiço* e *cabesinha* > *cabecinha*.

8 – Mantiveram-se as metáteses de certas formas lexicais, dada a sua ocorrência singular ao longo de tão poucas cartas em Português, o que não permitiu a verificação de grafias díspares. Assim, manteve-se *prefeitos*.

No entanto, o manuscrito de Toledo, ao referir a portuguesa Casa de Bragança, regista oscilação entre a grafia *Bargança* e *Bragança*, que uniformizámos, actualizando.

9 – Mantiveram-se os castelhanismos que ocorriam nos poucos textos portugueses deste epistolário, por serem sinal das mútuas contaminações linguísticas entre as duas línguas, que ocorreram nestes séculos de diglossia. Ex: *regalalo*, no sentido de ofertar.

10 – Atendendo ao contexto poético, quer para o Castelhana, quer para o Português, respeitaram-se as sonoridades implicadas em algumas formas arcaicas, que não se actualizaram por respeito à matéria poética.

8. Bibliografia

I. Siglas Utilizadas

- A.H.T. – Arquivo do Hospital de Toledo
- A.M. – Arquivo de Medinaceli
- B.N.P. – Biblioteca Nacional de Portugal
- DM – Duquesa de Medinaceli
- Mss. – Manuscrito
- SMC – Soror Maria do Céu

II. Fontes Manuscritas

- «Cartas em prosa e em verso à Duquesa de Medinaceli, D. Teresa de Moncada y Benavides e a sua filha D. María del Rosario», Ms 55 fólhos numerados, cx 24, nº 99, da B.N.P.
- «Carta de Soror Maria do Céu à Duquesa de Medinaceli, D. Teresa de Moncada y Benavides». ADM. Fondo Histórico, Legajo 46, R12, 1.

III. Bibliografia da Autora

- CÉU, Soror Maria do – *A Fénix aparecida na vida, morte, sepultura e milagres da gloriosa S. Catarina, Rainha de Alexandria, Virgem e Mártir*, Lisboa, Oficina Real Deslandesiana, 1715.
- CÉU, Soror Maria do – *A Preciosa. Alegoria Moral*, oferecida à Excelentíssima Senhora D. Maria Ana das Estrelas, religiosa no Mosteiro da Esperança de Lisboa. Sua autora a Madre Marina Clemência, Lisboa, Oficina da Música, 1731.
- CÉU, Soror Maria do – *A Preciosa. Obras de Misericórdia Em Primorosos e Místicos Diálogos Expostas, Elogios de Santos, em vários Cantos Poéticos e Históricos*,

expedidos por Marina Clemência, Religiosa de S. Francisco do Convento da Ilha de S. Miguel (...), Segunda Parte, Lisboa Ocidental, Oficina da Música, 1733.

– CÉU, Soror Maria do – *Aves Ilustradas para as Religiosas servirem os ofícios dos seus Mosteiros*, Lisboa, Oficina de Manuel Rodrigues, 1734.

– CÉU, Sórora Maria do – *Obras Várias e Admiráveis da M. R. Maria do Céu, Religiosa, e duas vezes Abadessa do Religiosíssimo Mosteiro da Esperança em Lisboa Ocidental da Província de Portugal, Dadas ao Prelo Pelo zelo e diligência do P. Francisco da Costa, do Hábito de S. Pedro*, Lisboa Ocidental, Oficina de Manoel Fernandes da Costa, 1735.

– CÉU, Soror Maria do – *Enganos do Bosque e Desenganos do Rio, em que a alma entra perdida e sai desenganada. Com outras muitas obras várias e admiráveis*, Lisboa, Oficina de Manuel Fernandes da Costa, 1736.

– CÉU, Soror Maria do – *Enganos do Bosque e Desenganos do Rio, Primeira e Segunda Parte*, Lisboa, Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1741.

IV. Catálogos, Dicionários, Enciclopédias, Gramáticas e Manuais

– AGUILAR PIÑAL, Francisco – *Bibliografía de Autores Españoles del Siglo XVIII*, Tomo II, Madrid, CSIC – Instituto Miguel Cervantes, 1983.

– BIBLOS. *Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, 4 vols., Lisboa, Verbo, 1995-2001.

– BLECUA, Alberto – *Manual de Crítica Textual*, Madrid, Castalia, 1983.

– CARDENA, L. – *Dicionário Terminológico de Ciências Médicas*, Salvat Editores, S.A., Barcelona - Madrid, 1960.

– COROMINAS Joan – *Dicionário Crítico Etimológico Castellano e Hispânico*, Madrid, Gredos, 1984.

– COVARRUBÍAS, Sebastián de – *Tesoro de la Lengua Castellana o Española*, Madrid, por Luis Sanchez, [1611].

- *DICIONÁRIO DE ESPANHOL – PORTUGUÊS/ PORTUGUÊS – ESPANHOL* - Porto Editora, 2009.
- GRIMAL, Pierre – *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, Lisboa, Difel, 1992.
- LAPESA, Rafael – *Historia de la Lengua Española*, novena edición, Madrid, Gredos, 1985.
- MACHADO, Diogo Barbosa – *Biblioteca Lusitana: História, Crítica, e Cronológica, na qual se Comprehende a Noticia dos Authores Portugezes, e das Obras, que Compuserão desde o Tempo da Promulgação da Ley da Graça até ao Tempo Prezente*, reprodução da edição *princeps* de 1741-1759, Coimbra, Atlântida, 1965-1967.
- MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 3ª ed., Vol. V, Lisboa, Livros Horizonte, 1977.
- MORENO, Joaquín González – *Catalogo del Archivo General de la Casa Ducal de Medinaceli*, Tomo I, Sevilla, Instituto de Estudios Sevillanos Excelentísima Diputación Provincial, Sevilla, 1969.
- MORENO, Joaquín González – *Historia e investigación en el archivo de Medinaceli*, Sevilla, El Adalid Serafico, 1979.
- MORENO, Joaquín González – *Serie Documental Espanhola* – Sevilla, Monte de Piedad y Caja de Ahorros, 1977.
- MORUJÃO, Isabel – *Contributo para uma Bibliografia Cronológica da Literatura Monástica Feminina Portuguesa dos Séculos XVII e XVIII (Impressos)*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa – Universidade Católica Portuguesa, 1995.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo – Coordenação, *História da Vida privada em Portugal*, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2010.
- PALAU Y DULCET, A – *Manual del librero hispano-americano*, Barcelona e Londres, 1925.
- RAMALHO, Américo da Costa – *BIBLOS – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Vol. III, Lisboa, Editorial Verbo, 1999, p. 1162.

- SANTIAGO, Frei Diogo – *Postilla Religiosa, e arte de enfermeiros*, Introdução de Aires Gameiro, Lisboa: Alcalá, 2005.
- SILVA, Inocêncio Francisco da – *Dicionário Bibliográfico Português*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858.
- SOUSA, D. António Caetano de – *História Genealógica da Casa Real Portuguesa, desde a sua origem até ao presente com as famílias ilustres, que precedem dos Reis, e dos Sereníssimos Duques de Bragança (...)*, editada em Lisboa, na Régia Oficina Silviana e da Academia Real entre 1735 e 1749.
- TEYSSIER, Paul – *História da Língua Portuguesa*, Trad. de Celso Cunha, 3ª ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1987.
- VIEIRA, Domingos – *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa*, Porto, Casa dos Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Morais, 1871-1874.

V. Bibliografia Geral

- AA. VV. – *A mesa dos reis em Portugal. Ofícios, consumos, cerimónias e representações (séculos XIII-XVIII)*, coord. Ana Isabel Buescu & David Felismino, apresentação de Maria Helena da Cruz Coelho, Temas e Debates, círculo de Leitores, 1ª ed. Maio de 2011.
- ANASTÁCIO, Vanda – *Cartas de Lília e Tirse*, Edições Colibri, 2007.
- ANASTÁCIO, Vanda (org.) – *Correspondências (Usos da carta no século XVIII)*, Lisboa, Edições Colibri – Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2004.
- ARENAL, Electa – *Literatura Conventual Femenina: Sor Marcela de San Felix, hija de Lope de Veja - Obra Completa / Edición*, Estudio Bibliografía y Notas de Electa Arenal, Georgina Sabat-Rivers, con un prólogo de José Maria Diez Borque, 1ª edición, Barcelona, PPU, 1988.
- BARNEY, Darin – *The network society*, Cambridge, Polity Press Ltd., 2004.

- BARREIRA, Isidoro de – *Tratado das significações das plantas, flores, e frutos que se referem na Sagrada Escritura: tiradas de divinas e humanas letras, com suas breves considerações*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1622.
- BELO, Filomena – *Rellação da vida e morte da serva de Deos, a Venerável Madre Elena da Crus por Sórora Maria do Céu – Tradução do códice 87 da Biblioteca Nacional precedida de um estudo histórico*, Lisboa, Quimera, 1993.
- *BÍBLIA SAGRADA*, Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), Lisboa, 1986.
- BLUTEAU, Rafael – *Vocabulário Português e Latino*, Lisboa, Pascoal da Silva, 1716.
- BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond – “O Chocolate à Mesa: Sociabilidade, Luxo e Exotismo”, in *Actas do Colóquio Formas e Espaços de Sociabilidade. Contributos para uma História da Cultura em Portugal*, Lisboa, Universidade Aberta, 2008 [cd-rom].
- CAMPOS, Maria do Rosário Castiço de – *A Lousã no Século XVIII: Redes de Sociabilidade e de Poder*, Coimbra (edição de autor), 2003.
- CARNEIRO, María Isabel Barbeito – *Mujeres y Literatura del Siglo de Oro: Espacios Profanos y Espacios Conventuales*, Madrid, Ediciones del Orto, 2007.
- CARNEIRO, María Isabel Barbeito – *Por qué escribieron las mujeres en el Siglo de Oro?* “Cuadernos de História Moderna”, nº19, 1997, pp.183-193.
- CARVALHO, Amorim de – *Tratado de Versificação Portuguesa*, 4ª ed., Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1981.
- CARVALHO, José Adriano de – “Do Recomendado ao Lido. Direcção Espiritual e Prática da Leitura entre Franciscanas e Clarissas em Portugal no séc. XVII”, in *Via Spiritus*, Ano 4 (1997), pp. 7-56.
- CASTELLS, Manuel e INCE, Martin – *Conversas com Manuel Castells*, Porto, Campo das Letras, 2003.
- CHAGAS, Frei António das – *Cartas Espirituais*, edição, apresentação e notas de Isabel Morujão, Porto, Campo das Letras, 2000.

- *Colóquio Formas e Espaços de Sociabilidade. Contributos para uma História da Cultura em Portugal*, Lisboa, Palácio Fronteira, 24, 25 e 26 de Maio de 2006, Edição em CD da Universidade Aberta, 2008.
- CORDEIRO, Cristina Robalo – “O Contador de Histórias e os seus Companheiros de Mesa: Aspectos de Sociabilidade do Séc. XIX”, in *Actas do Colóquio Formas e Espaços de Sociabilidade. Contributos para uma História da Cultura em Portugal*, Lisboa, Universidade Aberta, 2008 (edição em CD).
- CORREIA, Natália – *Antologia da Poesia do Período Barroco*, Lisboa, Moraes Editores, 1982, pp. 154-156.
- DUBY, Georges e PERROT, Michelle – *Histoire des Femmes. XVI.e – XVIII.e siècles*, sous la direction de Natalie Zemon Davis e Arlette Farge, Paris, Plon, 1991.
- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700*, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995.
- FRÈCHES, Claude-Henri – “Contestation de Vieira au XVII.e Siècle “, in *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte, Münster Westfalen*, 11-ban (1971), pp. 209-213.
- FREIRE, Francisco José (Cândido Lusitano) – *O Secretário Português ou o Método de Escrever Cartas*, 4ª edição, Lisboa, Tipografia Rollandiana, 1782 [1745].
- GLÓRIA, Soror Madalena da – *Orbe Celeste adornado de brilhantes estrelas e dois ramilhetes: um colhido pela consideração, outro pelo divertimento*. Autora Leonarda Gil da Gama, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Rainha, 1742.
- GOMES, J. Pinharanda – “Criptónimos de Escritores (Contributo)”, Separata da *Revista Gil Vicente* (2002), Guimarães [s. n.].
- GONÇALVES, Flávio – “O Vestuário Mundano de Algumas Imagens do Menino Jesus”, Separata da *Revista de Etnografia*, nº 17 (1968).
- GÓNGORA, Luis de – *Sonetos Completos*, Edición, introducción y notas de Biruté Ciplijauskaitė, Madrid, Editorial Castália, 1969.

- HATHERLY, Ana – *A Preciosa de Soror Maria do Céu*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990.
- HATHERLY, Ana – *As misteriosas portas da ilusão. A propósito do imaginário piedoso em Soror Maria do Céu e Josefa d’Óbidos*, in “Josefa d’Óbidos e o Tempo Barroco”, Coord. Vitor Serrão, 2ª ed., Lisboa, TLP, Instituto Português do Património Cultural – IPPC, 1993.
- *HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA – Do Renascimento ao Século das Luzes*, sob a direcção de Philippe Ariès e Georges Duby, Vol. 3, Lisboa, Edições Afrontamento, 1990.
- KAPUSCINSKI, Ryszard – *O Outro*, Porto, Campo das Letras, 2009.
- LISBOA, João Luis e MIRANDA, Tiago dos Reis – “A cultura escrita em espaços privados”, in *HISTÓRIA da VIDA PRIVADA em PORTUGAL – A Idade Moderna*, Direcção de José Mattoso e Coordenação de Nuno Gonçalo Monteiro, Maia, Círculo de Leitores, 2011, pp. 333-394.
- LOBO, Francisco Rodrigues – *Corte na Aldeia*, Introdução, notas e fixação do texto de José Adriano de Carvalho, Lisboa, Editorial Presença, 1991.
- LOUREIRO, Olímpia Maria da Cunha – *O livro e a leitura no Porto na segunda metade do século XVIII*, Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 1993, (edição da autora).
- LUZ, Soror Maria Perpétua da – *Aforismos Espirituais ou Ditos de Maria*, fixação do texto, prefácio e notas de J. Pirnharanda Gomes, Lisboa, Carmelo Lusitano, 1995.
- MARTINS, Mário – “Natal Franciscano”, in *Brotéria*, Vol. 44, nº 6 (1947), pp. 565-581.
- MENDES, Margarida Vieira – *Rimas Várias de Sórora Violante do Céu*, Lisboa, Editorial Presença, 1994.
- MENINO JESUS, Soror Isabel do – *Vida da Serva de Deus Soror Isabel do Menino Jesus, Abadessa que foi do Mosteiro de Santa Clara de Portalegre. Escrita pela mesma venerável religiosa, de mandado de seus padres espirituais, com outros tratados místicos*, Lisboa, Oficina de S. José da Costa Coimbra, 1757.

- MONTEIRO, Nuno Gonçalo – “Casamento, celibato e reprodução social: a aristocracia nos séculos. XVII e XVIII”, in *Análise Social*, Vol. XXVIII, n.ºs 123-124, Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (1993), pp. 921-950.
- MORENO, Joaquín González – *Conflictos sociales en el Ducado de Medinaceli*, Sevilla, Gráfica de los Palacios, S.A., 1994.
- MORUJÃO, Isabel – “A César o que é de César: Acerca da Atribuição ao Padre Simão Vaz de Camões, S. J. de dois textos editados em *A Preciosa* de Soror Maria do Céu”, in *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas*, Porto, XX, I (2003), pp. 297-3003.
- MORUJÃO, Isabel – “Entre o profano e o religioso. Processos de divinização na poesia de Soror Violante do Céu”, in *Península. Revista de Estudos Ibéricos da Faculdade de Letras*, n.º 1 (2004), pp. 277-287.
- MORUJÃO, Isabel – “Literatura devota em Portugal no tempo dos Filipes: *O Memorial da Infância de Cristo* de Soror Maria de Mesquita Pimentel”, in *Via Spiritus*, Ano 5 (1998), pp. 177-208.
- MORUJÃO, Isabel – “Livros e Leituras na Clausura Feminina de Setecentos”, in *Revista da Faculdade de Letras “Línguas e Literaturas”*, XIX (2002), Porto, pp. 111-170.
- MORUJÃO, Isabel – “Morrer ao pé da letra: relatos de morte na clausura feminina portuguesa”, in *Via Spiritus*, vol. 15 (2008), pp. 163-194.
- MORUJÃO, Isabel – “No deserto espiritual: entre a cruz e a grade”, in *Revista Portuguesa de Psicanálise*, n.º 24 (2003), pp. 49-73.
- MORUJÃO, Isabel – “O Tema do Eremitismo na Literatura Conventual Feminina: S. Paulo Eremita de Soror Maria do Céu. Dos relatos em prosa à narrativa épica”, in *Via Spiritus*, Ano 9 (2002), pp. 255-286.
- MORUJÃO, Isabel – “Poesia e Santidade: alguns contributos para uma percepção do conceito de santidade, a partir de duas biografias devotas de religiosas do séc. XVIII português”, in *Via Spiritus*, Ano 3 (1996), pp. 235-261.

- MORUJÃO, Isabel – *Por Trás da Grade: poesia conventual feminina em Portugal (sécs. XVII – XVIII)*, Porto, FLUP, 2005 (a publicar até Dezembro de 2012 pela I.N.C.M.).
- MORUJÃO, Isabel – «Sinais de Fogo. Entre a voz e o silêncio: Literatura e espiritualidade nos mosteiros femininos», in *Mulher. Espírito e Norma. IV Encontro Cultural S. Cristóvão de Lafões*, Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões, 2009, pp. 51-66.
- MORUJÃO, Isabel – «Um Epistolário Português de Clarissa: contributo para a reconstituição de um património esquecido», in *El Franciscanismo en la Península Ibérica. El viaje de San Francisco por la Península Ibérica y su legado*, vol. II, Córdoba, Asociación Hispánica de Estudios Franciscanos, 2012, pp. 541-555.
- MORUJÃO, Isabel – “Verdades do Tempo e Máximas do Século: dois manuscritos inéditos de Soror Maria do Céu”, in *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas*, IX (1992), pp.299-307.
- OLIVEIRA, Ana Lúcia Pinheiro de – *Cartas de Amor. Correspondência de D. Joana de Vasconcellos e Meneses para seu marido D. Diogo de Lima – 1642/1644*, 2 vols., dissertação de mestrado em História da Cultura Portuguesa – Época Moderna, Porto, 1997 (edição da autora).
- PALMA-FERREIRA, João – *Novelistas e contistas portugueses dos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1981.
- RIBEIRO, Ana Sofia Ribeiro – *Mechanisms and criteria of cooperation in trading networks of the first global age, the case study of Simon Ruiz network (1557-1597)*, Porto, Flup, 2011, pp. 17-21.
- ROCHA, André Crabbé – *A Epistolografia em Portugal*, Coimbra, Livraria Almedina, 1965.
- SÁ, Isabel dos Guimarães e FERNÁNDEZ, Máximo García (dir.) – *Portas Adentro: comer, vestir e habitar na Península Ibérica (ss. XVI – XIX)*, Coimbra, Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

- SÁNCHEZ LORA, José L. – *Mujeres, Conventos y Formas de la Espiritualidad Barroca*, Madrid, Fundación Universitaria Española, 1988.
- SANTANA, Fr. José Pereira de – *Vida da Insigne Mestra de Espírito a Virtuosa Madre Maria Perpétua da Luz, Religiosa Carmelita Calçada do Convento da Esperança da Cidade de Beja (...)*, Lisboa, Oficina dos Herdeiros de António Pedrozo Galram, 1742.
- SANTOS, Maria José Azevedo – *Assina Quem Sabe e Lê Quem Pode*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2004.
- SANTOS, Zulmira – “Percurso e Formas de Leitura Feminina na segunda metade do séc. XVIII”, *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas* (2002), Porto, XIX, pp. 71-110.
- SCOTT, John – *Social Network Analysis: a handbook*, second edition, London, Sage, 2000 e *Models and methods in social network analysis*. Edited by Peter J. Carrington, John Scott and Stanley Wasserman, New York, Cambridge University Press, 2005.
- SILVA, Cristina - *Mariana, todas as cartas*, Lisboa, Gótica, 2002.
- SILVA, Victor Manuel Pires de Aguiar e – *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa*. Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1971.
- TAVARES, Pedro Vilas Boas – “Caminhos e Invenções de Santidade Feminina”, in *Via Spiritus*, Ano 3 (1996), pp. 163-215.
- VAILLANCOURT, Luc – *La Lettre familière au XVIIe. Siècle. Rhétorique humaniste de l'épistolaire*, Paris, Honoré Champion Éditeur, 2003.
- VÁSQUEZ, Raquel Bello – *A correspondência na segunda metade do séc. XVIII como espaço de sociabilidade*, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2006.
- VIEIRA, Padre António – *O Tempo e os seus Hemisférios*, Coord. de Maria do Rosário Monteiro e Maria do Rosário Pimentel, Lisboa, Edições Colibri, 2001.
- VIEIRA, Padre António – *Sermões*, Tomo I, org. de Alcir Pécora, 2ª reimpressão, S. Paulo, Hedra, 2001.

- ZARRI, Gabriella – “La vita religiosa tra rinascimento e controriforma. Sponsa Christi: nozze mistiche e professione monastica”, in *Monaca moglie serva e cortigiana. Vita e immagine delle donne tra rinascimento e controriforma* di Sabina Brevaglieri, Firenze, Morgana Editrice, 2001, pp. 103-151.
- ZARRI, Gabriella – *Le sante vive. Profezie di corte e devozione femminile tra '400 e '500*, Torino, Rosenberg & Sellier, 1990.

VI. Textos Disponíveis Online

- ARAÚJO, Joel Gonçalves – *António Vieira, entre o degredo e a pátria, percursos de saudades*, Coimbra, Faculdade de Letras, 2010.
https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/13543/1/Tese_mestrado_Joel%20Araujo.pdf
- BELLINI, Lígia – “Espiritualidade, autoridade e vida conventual feminina em Portugal no Antigo Regime”, Comunicação ao *Seminário Internacional Fazendo o Gênero 7*, Florianópolis, Universidade do Estado de Santa Catarina, 2006, pp. 1-8
http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/ST_24_B.html
- Bibliografía de Escritoras Españolas (BIESES) – <http://www.uned.es/bieses/>
- DUARTE, Luiz Fagundes – *Dicionário de Crítica Textual*:
<http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario>
- FONTES, Breno Augusto Souto Maior e STELZIG, Sabina – *Sobre Trajetórias De Sociabilidade: A Ideia de Relé Social Enquanto Mecanismo Criador de Novas Redes Sociais*: http://revista-redes.rediris.es/webredes/novedades/breno_sabina.pdf.
- MOYA, José Luis Barrio – *El inventario de los bienes de doña Teresa Silva Hurtado de Mendoza, Duquesa viuda de los Arcos e hija de los Duques del Infantado*:
<http://biblioteca2.uclm.es/biblioteca/CECLM/ARTREVISTAS/Wad/wad15Barrio.pdf>

– RAMÓN, Maria Micaela – *A Novela Alegórica em Português dos Séculos XVII e XVIII: o belo ao serviço do bem*, Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas, 2006:

<http://repositoprium.sdum.uminho.pt/browse?type=Author&value=Moreira%2+Maria+Micaela+Ramon>

PARTE II

1. Edição das Cartas de Soror Maria do Céu à Duquesa de Medinaceli Ms. Cx. 24, n°99, fl.2 da B.N.P.

Ms. Cx. 24, n°99, fl.2 [Cartas a la Duquesa de Medina Coeli] da B.N.P.

CARTA I

Excelentísima Señora,

Cuando ya los años y las quejas me tenían mujer semiviva, flor marchita, gloria deshecha, los favores de Vuestra Excelencia vienen a restituir el Espíritu a este cadáver, debiendo más a la revivida que al nacimiento, pues no hay ser que se iguale al que dan sus honores. Veo que se inclina una flor a un tronco, una perla a una arena, una Diosa a una sombra; y en esta disparidad rompe el agradecimiento por la admiración; todo grandezas de Vuestra Excelencia siendo tantas, que las reparte hasta a quien no las merece. Mas hace mérito de la fe para logralas. Yo en toda mi vida sola una virtud [t]uve¹⁵⁶, cual fue no ver la cara a la vanidad, mas Vuestra Excelencia me ha destruido esta, pues con sus recuerdos me deja tan vana que paso a soberbia viendo que la primera persona de Castilla hace memoria de la ultima de Portugal, adónde se saben las raras prendas con que Vuestra Excelencia esmalta su regio sangre. Al recibir su visita¹⁵⁷ fui hacer aprehensión de su persona, mas no cupo en la fantasia lo que sólo cabe en la admiración; así quedé reprehendida de mí, y vencida de Vuestra Excelencia cuya correspondencia procuraré para crédito, sus noticias para alegría, sus favores para gloria, y espero que Vuestra Excelencia me acabe de honrar mandándome en que la sirva, que no hay distancias contra la obligación, ni lejos contra la voluntad.

Con el Excelentísimo Duque he andado muy corta mas el dolor de cabeza me la tiene quebrada, pero con el juicio muy entero para amar, y venerar a Vuestra Excelencia cuya persona guarde a Dios cuanto le pido.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

Su amante y captiva,

María del Cielo

¹⁵⁶ O original com mancha de tinta.

¹⁵⁷ Conforme se pode ler nesta carta, a Duquesa terá visitado Soror Maria do Céu no Mosteiro da Esperança em Lisboa.

*A los años del Duque*¹⁵⁸

Vivas, Ilustre Duque, el más dichoso
cual Fénis¹⁵⁹, pero callo arrepentida
porque para héroe tan generoso
una edad viene a ser muy corta vida¹⁶⁰.
Vivas la edad del sol más luminoso
al lado de tu Esposa esclarecida
con quien la perla bella y oriental
ya huérfana no es pues¹⁶¹ [tiene] igual.

A los años de la Duquesa

Por la tierra en las flores numerosas
que al aire dan olores peregrinas
que el cielo en los Astros luminosos
que alumbran en la noche matutinas;
En el mar por las perlas más hermosas
cuenten los años a la luz beninas¹⁶²
que nacistes a ser, Teresa, dina
clara luz, bella flor, y perla fina.

¹⁵⁸ Trata-se de Luis Antonio Fernández de Córdoba y Spínola, nascido a 20 de Setembro de 1704, tendo falecido em 1768. Foi XI Duque de Medinaceli, tendo casado pela segunda vez com a Duquesa de Medinaceli, María Teresa de Moncada y Benavides, na igreja de San Sebastián (Madrid), em 19/11/1722. Desta união nasceram quatro filhos: Pedro de Alcántara, XII Duque de Medinaceli (1730-1789); María del Rosario (1732-1773); María de la O (1738-1782) e María Dolores (1746-1770).

¹⁵⁹ Manteve-se a grafia, com base em Corominas, vol. II, p. 880.

¹⁶⁰ De assinalar o eco camoniano do último verso do soneto «Sete anos de pastor Jacob servia».

¹⁶¹ Vocábulo ilegível pelo facto da biblioteca ter colocado o seu carimbo sobre esta parte do texto.

¹⁶² Manteve-se a forma «dina» e «beninas», por exigência de rima: «peregrinas» e «fina».

Ao mesmo assunto

*Sendo*¹⁶³ *dia de santa Teresa em que a Duquesa cumpria años*¹⁶⁴

Soneto

Dos Teresas¹⁶⁵ el día nos encierra
cuando en nuestro favor rompe los velos
la una para ornato de los cielos
la outra¹⁶⁶ para gloria de la tierra.

La primera en el orbe, quién no yerra,
su protección procura con anhelos
el adónde si la buscan con desvelos
las zozobras aleja, y las destierra.

Las dos mira el afecto superior
una del orbe Estrella y inmortal
outra de España flor y la mejor.

¹⁶³ Metade do título está em Português e a outra em Castelhana.

¹⁶⁴ A Duquesa de Medinaceli, *Doña* Teresa de Moncada y Benavides Portocarrero Meneses y Noronha, VII Marquesa de Aytona e de Villa Real y La Puebla, Duquesa de Caminha, Condessa de Ossona, Valença e Valadares, Viscondessa de Cabrera e Brás, Baronesa de La Laguna, etc., nasceu a 12 de Agosto de 1707.

¹⁶⁵ Soror Maria do Céu refere-se, nesta passagem, simultaneamente a duas Teresas: María Teresa de Moncada y Benavides, e santa Teresa de Jesús (n. 28 de Março de 1515; m. 4 de Outubro de 1582). Santa Teresa foi beatificada a 24 de Abril de 1614 pelo Papa Paulo V e posteriormente canonizada a 12 de Março de 1622, pelo Papa Alexandre VII. Festeja-se a 15 de Outubro. Dada a sua importante e vasta obra literária, da qual salientamos *Camino de Perfección* (1562-1564), é por muitos considerada a santa padroeira dos escritores.

¹⁶⁶ Tratando-se de texto poético, manteve-se a oscilação «outra» e «otra».

Pero nuestra Duquesa en dicha tal
con esta digo (si) tiene mayor
pero en otra ninguna tiene igual.

Décima

Ao mesmo assunto

¿A tus años celebrados
que pueden dizir¹⁶⁷ mis veras
si flores y primaveras
son ya concetos usados?
Callo pues metro hallados
pues que ninguno es compás
y sólo digo al comparar
de mis discursos no ajenos
que el sol tiene un rayo menos
tú tienes un año más.

¹⁶⁷ Tratando-se de texto poético, e considerando a hipótese de se tratar, neste caso, de uma interferência com o vocábulo português, optou-se por manter a lição do manuscrito.

CARTA II

Segunda carta à mesma Duquesa

*Romance*¹⁶⁸

Mi Duquesa, mi Señora
mi Gloria, mi ser también
pues por las dichas de hoy
dejo los timbres de ayer.

Sin verte te llevo a amar
que es el más fino querer
por señas, que ya la vista
tiene celos de la fe.

Como Deidad (si) te trato
en la distancia cruel
que estas se dejan amar
pero no se dejan ver.

Búscote en flores, y frutos
y es deligencia infiel
viendo, que sólo a ti misma
comparada puedes ser.

Tus favores son mi gloria¹⁶⁹

¹⁶⁸ Esta forma poética, de maior extensão, permite a ampla expressão de sentimentos pessoais. Trata-se de uma forma marcadamente peninsular, construída maioritariamente em versos heptassilábicos. Estes versos agradecem os favores prestados em crescendo de intensidade, que desagua na constatação de que a amizade da Duquesa é motivo de aperfeiçoamento da religiosa e reforço da sua própria identidade: «aquella que por ser tuya / María del Cielo es».

¹⁶⁹ Ainda que devamos ter presente os códigos de encarecimento e os estereótipos da interacção no âmbito das redes de sociabilidade, é notória, neste poema, como em outros que se seguirão, a gratidão e a deferência da religiosa para com a Duquesa.

tus honores mi placer
y sin estos miro mal
hasta lo que llaman bien.
De tu salud quiero nuevas
y buenas las hallaré
que en presencia de Deidad
no hay desmayos de mujer.
Ofrézcote cuanto valgo
(de mi me río esta vez)
cuando todo el mundo es poco
para estampa de tus pies.
Siendo tu grandeza tanta
sin llegar a encarecer
que no cabe en todo el orbe
aunque en España se ve.
Y aún así te debo más
cuando más no puede ser
pues por buscar una hormiga¹⁷⁰
has inclinado un laurel.
Y a Dios ilustre Señora
y no olvide tu ser
aquella que por ser tuya
María del Cielo es¹⁷¹.

¹⁷⁰ Tal como se disse na introdução e se registou em nota à primeira carta, a iniciativa desta relação deve-se à Duquesa, atitude que Maria do Céu nunca esquecerá, perspectivando-se poeticamente a si própria como «hormiga».

¹⁷¹ O pronome «tuya» e a forma verbal «es», colocados em posição final de verso e de poema, reforçam a identidade relacional entre estas duas senhoras.

CARTA III

Excelentísima Señora,

Recibí¹⁷² la carta de Vuestra Excelencia con aquella estimación, que se debe a tan gran Señora, siendo cada letra una perla y cada renglón un desvanecimiento; y porque el amor se explica por la fe y no por las palabras, corto pellas mías, que no quiero deslucir lo más por lo menos, mas en una dedicatoria, que deseo hacerle imprimiendo la vida, que escreví de la Madre Helena de la Cruz¹⁷³ le hablará Don Nicolao¹⁷⁴. Y yo digo que sus sangrías a no seren prevención fueron susto.

Décima

En esta ocasión presente
fue mi compasión notada
mirando una lanza armada
contra un jazmín inocente.
Mi gozo fuera evidente
Señora, al hallarse aquí
liquidándose el rubí
repartido entre las dos
el remedio para vos
y la hirida para mí.

¹⁷² No manuscrito, «recebí».

¹⁷³ A autora alude aqui a uma eventual edição da *Vida da Madre Helena da Cruz*, edição essa que hoje se desconhece, tendo por esse facto dado lugar à tese de Filomena Belo, que editou esse manuscrito em 1993.

¹⁷⁴ O texto manuscrito, como se poderá verificar em anexo, apresenta uma interrupção brusca e um espaço em branco que nos leva a supor que a transcrição que o copista fez do original de SMC não ficou completa.

CARTA IV

Mi Duquesa y mi Señora muy querida, recibí¹⁷⁵ la de Vuestra Excelencia con la estimación que debo a su persona y con el alvorozo que debo a mi amor; porque sus noticias son mi alivio ansi como sus favores mi desvanecimiento. Yo quedo molestada de una caída que me obligó a sangría, mas siempre segura en amar a Vuestra Excelencia que contra este afeto no hay tropiezo y le agradezco la aceptación que hace del regalo de las conservas,¹⁷⁶ que le envió, y aunque me dicen que son contrabando Vuestra Excelencia con sus poderes allanará las dificultades. De la impresión del libro¹⁷⁷ trataremos y [Vuestra]¹⁷⁸ Excelencia de darme en que la sirva como

Captiva suya,
María

CARTA V

Mi Duquesa y mi Señora muy querida, las nuevas de Vuestra Excelencia son mi alivio, su correspondencia mi crédito. Y me alegro de que quede buena, porque ansi no podré estar mala. En lo que toca al libro me remito a Don Nicolao¹⁷⁹. Todo lo que dice a la persona de Vuestra Excelencia y del Excelentísimo Duque anda manifiesto en esta corte, por un libro de genealogía, que ha pouco¹⁸⁰ imprimió un Padre Teatino¹⁸¹ que es

¹⁷⁵ No manuscrito, «recebí».

¹⁷⁶ Os presentes eram muito importantes para as religiosas, uma vez que, nos conventos, viviam privadas de bens essenciais e de muitas outras coisas. No entanto, neste caso específico, trata-se do envio de um presente e não de uma recepção.

¹⁷⁷ Embora vaga, esta afirmação alude à edição de uma obra de SMC, que tanto pode ser a projectada, mas nunca realizada edição da Vida de Madre Helena da Cruz, como a edição das *Obras Várias* em Madrid.

¹⁷⁸ O mss. não apresenta a forma de tratamento completa.

¹⁷⁹ Tratar-se-á da obra de Nicolao Antonio (1617-1684), *Bibliotheca Hispana Nova sive hispanorum scriptorum qui ab anno MD ad MDCLXXXIV florere notitia?*

¹⁸⁰ De novo o lusismo interferiu no texto.

uno de los coronistas de la Academia Real. Allí está su ascendencia, sus títulos¹⁸², sus dominios, sus grandezas, y hasta los nombres de sus hijos. Y yo gusté mucho del de la Señora María del Rosario, y también gustaré de que Vuestra Excelencia me ocupe en servirla queriendo de acá alguna cosa en que pueda hacerlo por que no quede la voluntad sin obras. Guarde Dios a Vuestra Excelencia lo que deseo y le pido.

Outava

Mirando tu linaje esclarecido
alcé los ojos a las luces bellas
porque luego escuchaba a mi sentido
deste¹⁸³ libro son letras las estrellas
y Apolo dijo todo enardecido
esparciendo rubíes por centellas:
«dos veces me retrata esta luz pura
siendo sol en nobleza y hermosura».

¹⁸¹ Trata-se da *História Genealógica da Casa Real Portuguesa, desde a sua origem até ao presente com as famílias illustres, que precedem dos Reis, e dos Sereníssimos Duques de Bragança (...)*, da autoria de D. António Caetano de Sousa, editada em Lisboa, na Régia Oficina Silviana e da Academia Real, 1735 a 1749.

D. António Caetano de Sousa foi Clérigo Regular Teatino e um dos cinquenta primeiros académicos da Academia Real de História Portuguesa. Nasceu em Lisboa a 30 de Maio de 1674, onde morreu a 5 de Julho de 1759.

¹⁸² No manuscrito, «título».

¹⁸³ Uma vez mais, o lusismo interferiu no texto.

CARTA VI

Décima

Señora tan alta estáis
que ignoro como os demande
porque siete veces grande
yo no sé dónde llegáis
aunque tanto os exaltáis
os ha de buscar mi amor
que os he de hallar en rigor
al seguir vuestra luz bella
si en los Astros como estrella
en la tierra como flor.

CARTA VII

Décima

Vuestra carta recibí
Señora mía, y al verla
en cada letra una perla
en cada afecto un rubí;
¿qué puede decir aquí
mi estimación este día?
Mejor callarlo sería.
Yo quedo vuestra, y a Dios
que os guarde; y guardando a vos

también defiende a

María

CARTA VIII

Ya mis flores no acomodo
y veo se han marchitado
porque todo se ha llevado
aquel que se lleva todo

Este, Señora mía, es el tiempo que de suerte ha destruido mi cabeza, que ya no me deja pasar por el Parnaso. Y lo siento, por que Vuestra Excelencia honraba mis escritos con su gusto, como lo hace a mi persona con su correspondencia siendo esta la que me da ser y estuve¹⁸⁴

En tus sangrías callada
viendo ser mío el desangre
porque me quede sin sangre
sólo de oírte sangrada.

No perdonando mi pena
en tal trance los enejos
porque una herida en mis ojos
fuera menos que en tu vena.

¹⁸⁴ Trata-se de una carta curiosa, em que a frase se completa, a partir deste momento, em registo poético. Ou tratar-se-á de uma incompletude da cópia manuscrita, que se interrompe após «estuve»? Seja como for, o facto é que o poema completa, sintáctica e semanticamente, a carta em prosa.

CARTA IX

Muy Señora de mi corazón, yo quedo buena de los favores de Vuestra Excelencia, y mala de la enfermedad del tiempo y estos defluxos, que ahora andan; y lo que más siento en él es no dejarme hacer el gusto a Vuestra Excelencia a quién tanto amo. Dígame si fue acertada la dedicatoria; y tenga muy buenas fiestas como se las deseo.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia
Su amante sierva,
María

CARTA X

Muy Señora de mi corazón, estos días todos serán de virtudes para Vuestra Excelencia como de tibiezas para mí. Envío la dedicatoria y en ella admiro la honra que me hace una santa tan grande en tratarme; mas no desdeñarse de mí fue también grandeza suya. Esas flores y bolsas ofrezco a Vuestra Excelencia, una para la Excelentísima Señora Doña María del Rosario, mi Señora. Allá repartan los corazones, que yo a entrambas deseo ofrecerlos, y a Vuestra Excelencia mi voluntad para servirla.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia
Su amante sierva,
María

Romance

Años, quejas y desvelos
temo que mi fin acercan
y ni así de vos me olvidan
años, desvelos, y quejas.

No puedo hacer testamento
porque profeso pobreza
pero, si el amor es libre
ese por legado os queda.

También la memoria os dejo
pobre quedo de potencias
que el entendimiento es mío
mas la voluntad es vuestra.

Bien os quiero aunque lo digo
en estilo de poeta
pues los versos que son flores
en mis palabras son veras.

Aunque el tiempo se me acabe
mucho para amar os deja
que en pocos días de vida
cabén siglos de fineza.

Y a Dios que tocan al Coro
adónde presto se espera
mil voces cantando amores
y un niño llorando perlas.

Desnudo habéis de mirarle
al hielo, en tanta pobreza
entre pajas, que allí tiene
la ventura de las necias.

Suplico a vuestra virtud
reparta con mi pobreza
porque aquel llanto es amor
y este corazón es piedra.

CARTA XI

Romance

Era la hora en que el Fénix¹⁸⁵
del cuarto solio devino
volvía a resucitar
hijo y Padre de sí mismo.

Dejando el lecho de perlas
llegaba a dorar benigno
las flores; por no mirar
entre lo bello lo tibio.

¹⁸⁵ SMC recupera, textualmente, neste poema, o primeiro verso de uma poesia sua intitulada “À Samaritana”, inserida em *Obras Várias e Admiráveis da M. R. Madre Maria do Céu*, Lisboa, Oficina de Manuel Fernandes da Costa, 1735, pp. 161-173: «Era la hora en que el Fenix».

Rico se mostraba el día
todo perlas el rocío
todo topacios el sol
todo diamantes los riscos.

Yo que sus luces lograba
vi pasar por el camino
un niño huyendo de Herodes
que es el coco¹⁸⁶ de los niños.

Sus Padres le acompañaban
Con que allí miré destintos
entre luna, sol, y estrellas
Astros, planetas, y signos.

En su belleza no hablo
porque más atenta miro
ser poco pincel lo humano
a retratar lo devino.

Sólo diré que al mirarle
todo gracias, y prodigios
se movieron los peñascos
y suspendieron los ríos.

Abrigábale su madre
entre azucenas y lirios

¹⁸⁶ *Coco* é, na linguagem pueril, uma espécie de “bicho papão”. Pela temática tratada, esta poesia poderia ter sido escrita no Natal.

aquellos dicen al brazo
estos tocan al vestido.

El niño estaba en pañales
tan puros, blancos y limpios,
que allí los rayos del sol
eran del lienzo los hilos.

Y en su compuesto fragante
para quedar más deviso
se vió la azucena hielada¹⁸⁷
y los jazmines tejidos.

Dábale el pecho su madre
adonde bebe querido
los néctares como Dios
y la leche como niño.

Tímida le recataba
cuando una gitana dijo
por más que seas guardado
has de ser niño perdido.

¹⁸⁷ Actualmente, a forma correcta sería “helada”. Por se tratar de una poesía, mantiveram-se as sonoridades, para não retirar à matéria fónica as suas sugestões de sentido. Respeitámos esta lição mais arcaica, que Corominas registra na p. 353 do seu *Dicionário Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*, Madrid, Gredos, 1980: «Sin embargo Nebrija admite “ielada” como sinónimo de “ielo”. También “iejada” en los mss. I, S, O y R de Berceo».

Rompiendo zarsas y piedras
encontraban muy destintos
las piedras con corazones
y las zarzas con espinos.

Tiritaba el bello numen
que era en tal tiempo preciso
mezclar las llamas de amor
con las heladas¹⁸⁸ de frío.

Pasaban fuentes y prados
adónde iba el infantilillo
para los prados Adonis
para las fuentes Narciso.

Yo que sus pasos seguía
atalaya¹⁸⁹ de sus giros
hallaba en el cielo menos
lo que en la tierra deviso.

Cuando una nube grosera
pasó borrón atrevido
poniendo venda a mis ojos
o de invidia o arteficio.

¹⁸⁸ Na mesma composição, registam-se duas formas diferentes: “eladas” e “yeladas”. Mantivemos a primeira forma, acrescentando o “h” da grafia actual.

¹⁸⁹ A expressão significa “estar de vigia”.

Ya deshecha yo volviendo
a buscar mi paraíso
hallé los prados sin flores
hallé sin perlas los ríos.

Hallé las aves sin canto
hallé sin luces el sitio
hallé sin risa las fuentes
hallé sin aire los silvos.

Porque ya no se miraban
los pasajeros divinos
que ni siempre estrella fija
puede ser Astro benigno.

Quedé desmayada y sólo
quedé sin luz y sin brío
y como quien no los ve
ya después de haberlos visto.

Herodes triste y burlado
arrancó del pecho un grito
con que hizo mover los montes
llegando a abalar los signos.

CARTA XII

*Romance*¹⁹⁰ *do Padre Ca[s]tellano*¹⁹¹

Dominio, lenguas¹⁹² y estado
me motivan vuestra ausencia¹⁹³
pero no impiden las almas
dominio, estado, ni leguas.

Si el testamento no vale
sin la muerte del que testa
por no tolerar la falta
renunciara la herencia.

Es lo extraño de la concha
bastardía de la perla:
¿pues como a mi alma podrían
ajustarse tus potencias?

¹⁹⁰ Tratar-se-á do envio feito pela Duquesa do romance de um Padre, provavelmente de apelido Castelhana, para SMC? A ser assim, as redes sociais e religiosas permitidas pela correspondência são mais fortes do que suspeitaríamos. Este envio é prova de que esta correspondência não se revestiu apenas de carácter familiar ou privado.

¹⁹¹ No original, “Catellano”. Não conseguimos identificar este Padre Castelhana. Pensamos que Castelhana é nome e não adjectivo. Da consulta a vários catálogos, como o de Palau, por exemplo, só encontramos um Pedro Castellanos, autor da *Vida del V. P. Fr. Diego Pérez*, Sevilla, Francisco Garay, 1710, Em Aguilar Piñal registam-se, além deste, um Fray Fernando António Castellanos e Jose de Castellanos.

¹⁹² Mantivemos a lição do manuscrito. Todavia, o quarto verso da estrofe, pelo jogo que estabelece com o primeiro verso, leva-nos a suspeitar que se tratará de uma gralha do copista que deveria ter escrito «léguas».

¹⁹³ Ver Isabel Morujão, in *Verdades do tempo e Máximas do Século (...)*, op. cit., pp. 306 e 305, respectivamente: “A ausência nasce Dor, vive Soledade, morre Esquecimento” (“Máxima 1ª, Conto da Ausência”) e ainda “A Saudade nasce Ausência, vive Lembrança, morre Martírio” (“Máxima 2ª, Conto da Saudade”).

Por lo que yo a vos os quiero
conozco vuestra fineza
pues siempre fue a la caricia
rasa la correspondencia.

¿Quel tiempo vuele, que importa?
A vuestro afecto no fuera
una afición vil, la que
no aspirase a ser eterna.

¡Qué de envidia os he tenido
contemplando os en tan tierna
estación, formando al pecho,
de los carámbanos¹⁹⁴, Ethnas!

De el Niño a la humilde cuna
tanto el amor os acerca
que las pajas, que son lecho
quedaran por vos hoguera.

¡Ojalá, que mis anhelos
fuesen imitación [vuestra?]¹⁹⁵
porque empezase a ser mía
acertando a ser ajena!

¹⁹⁴ Bola de neve (vide Frei Domingos Vieira, *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa*, Vol. II, Porto, Casa dos Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Morais, p. 102).

¹⁹⁵ Não faz sentido a lição registada no mss. da B.N.P., onde a palavra «vu» encerra o verso. Trata-se provavelmente de uma distração de quem copiou, que se esqueceu de grafar a palavra completa.

*Resposta de Madre Maria ao mesmo*¹⁹⁶

Romance

Celda, clausura, y prisión,
Señora, de vos me aleja,
mas el pensamiento rompa
por prisión, clausura y celda.

El testamento es aceto
no haya dudas en su esencia
pues siendo aprobado vale
aunque el que muere no muere.

Entre la perla, y la concha
aquí daré la sentencia
que yo soy la concha bruta
y vos sois la fina perla.

Conrespondencia hallaréis
mas no, que igual os parezca
que siempre una quiere más
y yo soy la que más quiera.

Por vuestro amor no podréis
hacer de mi afecto pruebas
que este no tiene medida
y el vuestro tiene pareja.

¹⁹⁶ Notar que o romance que SMC envia em resposta ao Padre Castellano contém o mesmo número de versos (trinta e dois) que o do Padre.

Quel tiempo vuela no importa
dice bien vuestra advertencia
porque la era de amor
aunque pase siempre queda.

Envidia no me tengáis
estando de vos más cerca
cuando también de las flores
hacen las llamas hoguera.

Yo sí, la tengo de vos
contemplando mi dureza
y pues no puedo querer
dejadme llorar se¹⁹⁷ quiera.

CARTA XIII

Muy querida Señora mía, agradezco a Vuestra Excelencia el favor de su carta, y el gusto de sus nuevas, que para mí el día en que las recibo es el mayor día. También le estimo las que me da de este gran Padre hasta aquí escondido a mis noticias¹⁹⁸, si bien me avergüenzo de que llegasen a tal sujeto mis ignorancias, que soy una monja idiota y simple sin más estudio que mi breviario, mas su descripción doraría mis yerros. Los versos están sublimes, y ansi los hallaron todas a quien los fié, que no vi en poesía ni con más gracia, ni agudeza, y yo me hallé imposible a conresponderlos, ni el día me dio

¹⁹⁷ Manteve-se a lição do manuscrito, por se tratar de contexto poético.

¹⁹⁸ Fica-se na dúvida se este Padre a que se refere SMC é o Padre Carmelita a quem envia a décima integrada nesta carta XIII, «del Carmelo honor y glória» ou o Padre Castellano da carta anterior. Em todo o caso, estas dúvidas apenas confirmam a dificuldade de numerar as cartas em função de uma autonomia própria.

lugar por ser de confesión¹⁹⁹. Vuestra Excelencia me mande en que la sirva, que se queja mi voluntad de su olvido, porque la amo mucho, y quisiera lo conociese en las obras. A mi Señora Doña María del Rosario me recomiendo con mil afectuosas memorias, y la de Vuestra Excelencia no pierdo nunca [para]²⁰⁰ encomendarla a Dios y a su Casa.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia
Su amante sierva,
María

Ao Padre Carmelita

Ao Reverendísimo Padre Asombro de las ciencias

Décima

Del Carmelo honor y gloria
que de las ciencias alma
a todos lleváis la palma
siendo vuestra la vitoria.
Eterna vuestra memoria
será, si bien lo colijo
pues que siempre en polo fijo
quedáis en distinción tanta
del monte la mejor planta
de Elías el mejor hijo.

¹⁹⁹ Por esta informação se tem acesso ao que seria o tempo dedicado por uma religiosa à confissão: preparação, meditação, oração, etc.

²⁰⁰ Palavra ilegível, em virtude do carimbo da B.N.P.

CARTA XIV²⁰¹

Para umas sortes²⁰² que mandou pedir a Duquesa

Galán

Muero de amor y de celos,
celos y amor grande achaque
basta para matar
Fílís uno de los males.

Dama

Si mueres de amor y celos
yo no sé con qué curarte
al aire pido remedio
que celos y amor son aire.

Galán

A tus espinos, ó rosa,
con recelo llegaré
que merecer tus rigores
aún es mucho merecer.

²⁰¹ A sequência textual do manuscrito revelou a necessidade de redefinir os contornos e limites de algumas cartas. Neste caso, parece que o copista terá saltado a saudação inicial e entrado directamente no conteúdo da carta, que é o envio de “umas sortes que mandou pedir a Duquesa”. Se a poesia ao Padre Carmelita encaixa perfeitamente no conteúdo da carta em prosa que a antecede, parece-nos que o envio das “sortes” que a Duquesa mandara pedir constituem uma outra carta (a XIV) em resposta à carta específica em que esta solicitaria esse envio. Tornar este longo poema em conteúdo de uma nova carta é, pois, a nossa proposta.

²⁰² Sorte – «cada um dos objectos que se punham na urna, para depois tirar à sorte; pedra, tabuinha, lâmina, anel com inscrições; tiragem à sorte (...)», segundo José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, vol. V, Lisboa, Livros Horizonte, 1977, p. 227. Trata-se de um jogo de corte, de grande repercussão também nos conventos.

Dama

Despide el recelo Fabio
aunque mires mi esquivas
que recelos en amor
son desaires en la fe.

Galán

Fabia yo te quiero bien
mas no es a todo rigor
porque tengo dado a Celia
la mitad del corazón.

Dama

No te aceto por galán
vuélvete con tu pasión
porque es amor de ninguna
aquel que es amor de dos.

Galán

Sires yo buscarte quiero
mas con una condición
que celos no has de darme
pues son bastardos de amor.

Dama

Los celos fineza muestran
y no me digas de no
que aunque es bastardo el querer
es ligítimo el dolor

Galán

Si amor dicen que es locura
en tan arrojadas miedras
si llevo a tirar piedras

no estás Clori mui sigura.

Dama

Tu propria²⁰³ vida desarmas,
Silvio, en ese fernesí
pues te pones contra ti
tirando contra quien amas.

Galán

Dicen que amores son burlas
yo por quedar más gentil
ya me retiro de amarte
por no hacer burla de ti.

Dama

Plega a Dios ingrato amante
que a pensamiento tan vil
te mire el amor llorar
ya que te ha visto reír.

Galán

Fflis, celoso te amo
y ansi te llevo a obligar
querer con amor es mucho
querer con celos es más.

Dama

No quiero tu amor celoso,
puesto que siguro estás
porque es desaire en la Dama
la sospecha en el galán.

²⁰³ Lusismo.

Galán

Fílis, después de admetirte
ya tu amor me desdeño
y ansi lloro con las flores
lo que va de ayer a hoy.

Dama

Lauro, el amor de las damas
no tiene más duración
ayer te amé como estrella
hoy te dejo como flor.

Galán

Celia, trata de pagarme
que he de demandarte sí
pues me debes el afecto
y deber es cosa vil.

Dama

Fabio, pagarte quería
pero para hacerlo aquí
no hallo en mi voluntad
de amor, ni un maravedí²⁰⁴.

Galán

Gimo, lloro, peno y ardo
en lo que el amor me da
¿siendo tal el querer bien
dónde queda el querer mal?

²⁰⁴ Antiga moeda espanhola.

Dama

El querer en el objeto
toda su gloria ha de hallar
y es el que padece menos
el que se desprecia más.

Galán

Para quererte nasciera
mal el cielo me avisó
no ser justo, que dejase
por una mujer, un Dios.

Dama

¿Al galán de tal virtud
que tengo de decir yo
si no, que mire a la estrella
cuando desprecia la flor?

Galán

Muérome por una niña
digo una perla oriental
¿mas amor dos veces niño
que travesuras no hará?

Dama

Yo la conozco y te afirmo
que en su desvío has de hallar
muchos siglos de desdén
en pocos años de edad.

Galán

Mundo, si el amor es loco
porque dél te fías hoy
que ha de tirarte una piedra

si le pides un favor.

Dama

Porque el amor con el mundo
andan [apuesta²⁰⁵] los dos
a saber cual es más loco
entre el mundo, y el amor.

CARTA XV

Muy Señora de mi corazón, este se halla apasionado con las ignorancias que acerca de los estilos enviaron a decir a Don Nicolao en que yo si tuve la noticia, no tuve la culpa. Digo ignorancias por no decir malicias, porque creo que la dicha de tratar con Vuestra Excelencia causa celos a quien no la logra. Ansi buscan con que deshacerla. Vuestra Excelencia me ha dado en sus estimables cartas más de lo que me debe, que yo como no soy titular no tengo señoría. Cómo pues me había de quejar de lo que falta, dándome lo que sobra, aunque fuese tan vana, que disputase puntos con tal Señora, cuando la honra de comunicarme basta a desvanecerme. Y sobre esto yo aunque mala soy religiosa, y no cabe en mi celda tanta soberanía²⁰⁶, mucho menos cuando conozco lo que va de Vuestra Excelencia a mí. Con que, Señora, pase por invidia aunque es paso muy peligroso. Sobre las prendas de Vuestra Excelencia me llega la noticia de sus virtudes, y me confundo mirando las muchas que ejercita en el mundo y las que a mí me faltan en la religión, mas Dios, que es para todos por los, meritos de los buenos se apiadará de los malos. Yo cual soy le pido por la Excelentísima Casa de Vuestra Excelencia, y la salud de su Esposo y hijos. Estos como son de Vuestra Excelencia no podían en la belleza dejar de ser retratos suyos. Para el correo imbiaré la dedicatoria y

²⁰⁵ A outra hipótese de leitura apontava-nos para uma palavra inexistente (“gruesta”). Optámos por “apuesta” por fazer mais sentido no contexto da quadra.

²⁰⁶ Nesta passagem, a religiosa franciscana demonstra a sua inferior condição social, aludindo à sua humilde cela, espaço exíguo e de grande simplicidade.

prólogo para el libro y en todos rogaré a Vuestra Excelencia se acuerde de darme en que la sirva, y esto no es cumplimento.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia
Su amante sierva,
María

CARTA XVI

Mi Duquesa y mi Señora, Vuestra Excelencia el correo pasado me daba a entender quedar sangrada, mucho asunto para mi cuidado este alivio para su queja. Quisiera nuevas de su salud para saber de la mía, que estando Vuestra Excelencia enferma, no puedo quedar sana; mas siempre entera para saber servirla, si es que puedo acertar en tan grande ocupación. A mi Señora Doña María me recomiendo con mil rendimientos y a Vuestra Excelencia guarde Dios como deseo.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia
Su amante sierva,
María

CARTA XVII

Mi Señora y mi querida, con grande gusto recibí²⁰⁷ la carta de Vuestra Excelencia por segurarme en ella su entera salud, que a ser de outra suerte peligrara la mía, que ahora se halla menos quejosa y para hacerle gusto no importa diga ya no voy al Parnaso, pues siempre soy suya para lo que me mandare, que la amo má[s] de lo que piensa; y mi honra y gloria es su correspondencia de la cual me no apartaré en cuanto me durare la vida. Vuestra Excelencia me pregunta lo que quiero dese país, yo del sólo deseo su retrato, ya que no puedo ver su original, que no hay petición de interés adonde

²⁰⁷ No manuscrito, «recebí».

cabe súplica de amor. Bien sé ser mucho lo que pido mas es fiada en lo que amo, y en que una Princesa no puede dar poco; y para servir a Vuestra Excelencia quisiera valer mucho. A mi Señora Doña María beso las manos y las de Vuestra Excelencia de quien sou²⁰⁸.

Captiva y amante,
María

CARTA XVIII

Muy querida Señora mía, agradezco a Vuestra Excelencia los honores que en su carta me hace, y el conceto a que levanta mis simplezas, que sólo tiene de bueno el ser de gusto suyo. Estimo su salud como tan interesada en ella y pido a Dios se la conserve con la de su Pr[im]o?²⁰⁹ y hijos, mas esta suplica lleva más de amor que de virtud. A mi Señora Doña María me ofrezco muy obligada por hacer de mí tanta memoria, y siempre vive en la mía. Ella es grande en el Entendimiento, mas niña en el gusto, pues se paga de mis ignorancias. Acá tengo unas curiosidades para enviarla que me parece no desdeñará; irán a su tiempo, y en todo me hallará a sus plantas para servirla y no menos Vuestra Excelencia a quien pido de esas ocasiones muchas.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia
Su amante,
María

CARTA XIX

Muy querida Señora mía, recibí²¹⁰ la carta de Vuestra Excelencia compitiendo el gusto con el desvanecimiento, efetos de sus favores; es verdad le falté el correo pasado, mas fue por estar mala, aunque no es desculpa perferir mi queja a mi rendimiento. La

²⁰⁸ Lusismo.

²⁰⁹ Abreviatura que, no mss., aparece com “Pr” e “o” em expoente.

²¹⁰ No manuscrito, «recebí».

noticia de su salud y la de su P[ri]mo?²¹¹ y hijos estimo como quien tanto ama a Vuestra Excelencia, que la fe no cría menos amor que la presencia, y yo la miro en mi corazón. En que en enviarle algo mortificaré mi gusto, que las distancias son desaire de la voluntad. Su Casa tengo muy presente para pedir a Dios la conserve en su propia grandeza; y dé a mi Señora María del Rosario lo que merece, que es lo más que puedo desearla, y siento que los lejos embarasen el cariño con que podía tratarla de más cerca. Con todo si deja, cá puedo servir en algo a Vuestra Excelencia. Ya sabe que soy suya.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

Su amante captiva,

María

CARTA XX

Em o primeiro Domingo de Quaresma

*Décima*²¹²

Del Tiempo sin deferencia
cumpló el rigor que conquista
que ayunar de vuestra vista
es la mayor abstinencia.
También de la penitencia
me ejercito en el rigor

²¹¹ Abreviatura, que no mss. original se apresenta como “P” e “mo” em expoente. Temos dificuldade em decifrar o referente desta abreviatura. Será “Primeiro”?

²¹² Como se disse já, a sequência das cartas, no manuscrito original, deixa de ser numerada a partir da carta VIII. Tal facto cria a dificuldade acrescida de perceber se as poesias se integram na prosa que as antecede ou na que as segue. No caso concreto deste poema, inserimo-lo em início da carta XX, em vez de em final da carta XIX, pelos motivos óbvios. Trata-se de uma décima pelo primeiro Domingo da Quaresma, conteúdo que se relaciona intimamente com o teor da prosa que se lhe segue: «a Vuestra Excelencia me encomiendo esta Cuaresma».

sin faltar a su primor
porque sin duda se ve
que la ausencia siempre fue
el cilicio del amor.

Excelentísima Señora, a Vuestra Excelencia me encomiendo esta Cuaresma, para que se acuerde de mí en sus ejercicios, que en su palacio, y yo en mi monasterio presumo me lleva muchas ventajas en sus operaciones, y yo sólo tengo de bueno el pedir a Dios la guarde muchos años.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia
Su amante captiva,
María

CARTA XXI

Excelentísima Señora,

Mi Duquesa y mi Señora, los favores de Vuestra Excelencia me tiene tan obligada, que deseo el desempeño de mi deuda, mas las distancias dejan las finezas mudas, aunque den voces el agradecimiento. Su salud y la de los suyos estimo como la noticia del mayor gusto, que no hay otro para mí como este seguro. Yo quedo con la poca que piden mis años, mas ansi se vive, o ansi se dura, mas gracias a Dios cumpliendo mis obligaciones. Vuestra Excelencia me dice tiene parte de portuguesa, y yo por eso estimo en más el serlo, y sobretodo su comunicación que es mi corona. La Madre Abadesa agradece la en hora buena que le da, y le ofrece su rendimiento, y yo mi corazón para amarla y voluntad para servirla.

CARTA XXII

Al encuentro del Señor con la Señora

*Décima*²¹³

Encuentro cuyo dolor
a todo dolor excede
yo no sé cómo ser puede
explicarse tu rigor;
mas sólo puede al amor
que uno y otro pecho hiría²¹⁴
decirlo; mas no diría
que sólo pudiera tanto
el mar de sangre y de llanto
de Jesús y de María.

Excelentísima Señora

Señora y querida mía, recibo la carta de Vuestra Excelencia en sábado de Aleluya y siempre que possuo²¹⁵ sus favores es Aleluya para mí. Hizo muy bien en buscar alivio a su queja aunque fuese a cuesta de su sangre, que dolores sofridos deben ser remedidos. Yo quisiera me dijese si hallaba libre de ellos, porque cuando mi pensamiento busca su molestia hallase su salud, y desta haré la mía. También me alegra

²¹³ Esta décima parece abrir a carta XXII em lugar de fechar a XXI, por se adequar mais ao conteúdo da carta que saúda a Duquesa em Sábado de Aleluia.

²¹⁴ Manteve-se “hiría” em vez de “hería”, por razões de rima com “diria”.

²¹⁵ Lusismo.

la de su Pr[im]o?²¹⁶ e hijos, Dios se la conserve a todos como se lo pido. Estimo que llegasen las flores, como no tenían olor fueron a buscarlo en las manos de Vuestra Excelencia y también vida, pues iban sin alma. La mía se alegra oyendo las virtudes que de Vuestra Excelencia me cuenta, que teniendo todo bueno no podía faltarle lo mejor. Acuérdesse de mí en sus oraciones, que es buena secular, y yo mala monja. Por acá ve tal el tiempo, que más parecerá esta Pascua de Navidad, que de flores. No sé se por allá pasa la misma invernada mas sé lo que deseo servir a Vuestra Excelencia y que no tengo la dicha de ejercitarlo.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia
Su amante captiva,
María

CARTA XXIII

Excelentísima Señora,

Querida Señora mía
y digo Señora sola
porque dónde vos estáis
no conozco otra Señora.

Mil veces al día os busco
que tantos por qué me importa
invío mi pensamiento
a Madrid desde Lisboa.

²¹⁶ Abreviatura, que no mss. original aparece com “Pr” e “o” em expoente.

Vuestra carta recebi²¹⁷
y en cada letra preciosa
un diamante sin veneno
como una perla sin concha.

Estimo vuestra salud
y lo que los vuestros logran
que sean flores perpetuas
con invidia de las otras.

Con ellos viváis, y en ellos
que quien ama ya se nota
aunque viva en lo que vive
vivir más en lo que adora.

Yo quedo sin queja alguna
y en esto os estou²¹⁸ deudora
que el aire que de vos corre
a los ausentes conforta.

Daréis mil recordaciones
a vuestra María hermosa
que es una niña de perlas
con apellido de rosas²¹⁹.

²¹⁷ Por se tratar de contexto poético, não se actualizou a grafia.

²¹⁸ Lusismo.

²¹⁹ A mão que copiou estas cartas explicou, ao lado: «chama-se Maria do Rosário».

Pido mandéis en que os sirva
que tener no me acomoda
a la memoria ocupada
y la voluntad ociosa.

Y a Dios Señora, que os guarde
y sean siglos por horas
para lustre de Castilla
de Portugal para gloria.

María, y María vuestra
título que tanto importa
pues sólo siendo del Cielo
pudo llegar a más honra.

María, y María vuestra

CARTA XXIV

Muy querida Señora mía, yo²²⁰ no quiero quebrar esta cadena de oro a que estoy tan atada, como rendida. Mande Vuestra Excelencia darme nuevas suyas, que es crédito mío el procurarlas como dicha el tenerlas. También pido motivos en que conozca mi voluntad, que una potencia no debe estar ociosa. Guarde Dios a Vuestra Excelencia cuanto le pido.

²²⁰ No mss. “y”, que é, claramente, uma grelha do copista.

CARTA XXV

Señora mi mal destierra
vuestra carta, y su desvelo
porque las nuevas del Cielo
se estiman siempre en la tierra.
Mi diligencia no yerra²²¹
en buscaros con porfía
quedo más vuestra que mía
esto basta guarde os Dios
pues que guardando os a vos
también defiende a

María

CARTA XXVI²²²

Sin letras vuestras, Señora,
ciegos mis ojos están

²²¹ Manteve-se a forma “yerra” por uma questão de rima.

²²² De acordo com a numeração proposta por Ana Hatherly, o poema «Sin letras vuestras» constitui uma carta autónoma, que ela designa por carta XXIII. Tal como sugere o manuscrito, consideramos que este poema é o início de uma carta que termina com um trecho em prosa, o que aliás se confirma pela relação de conteúdo entre as duas modalidades discursivas. Assim, a carta XXVI da nossa edição abrange as cartas XXIII e XXIV do elenco de Ana Hatherly.

Salvaguardando sempre a hipótese de que SMC poder ter enviado duas cartas separadas num só correio, parece-nos que se devem juntar o poema e o texto corrido numa única carta, que designaremos por carta XXVI. De facto, é clara a relação entre a carta em si e o poema que a antecede, pois ambos os textos, embora em registos diferentes, se reportam à ausência de notícias e ao pedido delas.

porque cada letra vuestra
un Astro puede formar.

Un suspiro va por ellas
al correo sin hallar
y siendo al partir suspiro
al volver se queda ay.

Peno, y muchas veces sí
en desvío tan fatal
que no puede sentir menos
quien no puede perder más.

Si es olvido soy perdida
si fue queja estoy mortal
si vesitas tengo celos
si ocupación tengo afán.

Pero fuese lo que fuese
yo siempre os he de buscar
que es lunático el amor
que con sus lunas se va.

Para libraros de mí
fácil remedio no avrá
que os tengo de querer bien
aunque me quisierdes mal.

Muy querida Señora mía, Vuestra Excelencia ha de escrebirme cuando pudiere y cuando quisiere que basta sola una carta suya, para durar toda una vida mía; lo más son atrevimientos poéticos de que Vuestra Excelencia gusta, que nunca se olvida de honrarme con sus favores, ni yo de merecerlo con mi amor. Este hallará siempre firme los días de mi vida, la de Vuestra Excelencia guarde Dios por dilatados años.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

CARTA XXVII

Muy querida Señora mía, recibí²²³ la carta de Vuestra Excelencia, y en ella los acostumbrados favores con que me honra, si no debidos a mi persona, bien empleados en mi estimación. Su salud estimo como la mía, que a no quedar Vuestra Excelencia buena estuviera yo mala. El retrato de mi Señora Doña María espero con el alborozo que se debe a la sombra de tal luz. Guarde Dios a Vuestra Excelencia muchos años.

CARTA XXVIII

Em dia de S. Pedro

Muy querida Señora mía, víspera de São²²⁴ Pedro recibí²²⁵ la carta de Vuestra Excelencia y siempre que logro sus favores es para mí día de fiesta. Y con la circunstancia de las buenas nuevas de Vuestra Excelencia y de los suyos, que siempre

²²³ No manuscrito, «recebí».

²²⁴ Lusismo.

²²⁵ No manuscrito, «recebí».

tengo en mi memoria, porque esta no se aparta de la voluntad, ansi pido a Dios por su Excelentísima Casa, y que dé a mi Señora Doña María lo que merece, si es que puede caber tanto en la fortuna. La mía será querer Vuestra Excelencia la sirva en algo, que no hay lejos contra el amor. Guarde Dios²²⁶ ...

Esta piedra es Safira más preciosa
la Esmeralda será más recatada
la Amatiste²²⁷ diré más amorosa
el morado Jacinto más buscada
el Topacio etíope más hermosa
el índico Rubí más abrazada
el Diamante pensé; soy ignorante
porque Pedro es más firme que el Diamante.

CARTA XXIX

Excelentísima Señora mía, la queja de Vuestra Excelencia quedó a ser cuidado mío, y ruego a Dios se continúe tanto su mejora, que luego la restituya entera salud, y pasando a lo que menos importa me admiro en que estando Vuestra Excelencia en el aula de la poesía que es Madrid se acuerde de versos míos cuando no son más que unas flores simples, mejor para deshojarlas, que leídas. A este asunto de la Señora Princesa de Asturias se harán hecho en esa Corte notables poesías con que la mía quedará más para leída, que loada, mas es tanto el respeto que debo a Vuestra Excelencia que corto

²²⁶ Esta carta termina de modo abrupto, não se sabendo se foi pressa do copista ou se falta de tempo da própria SMC, que tantas vezes fala na necessidade de terminar as cartas para ir a tempo do correio (cf. carta XIX).

²²⁷ Manteve-se a lição do manuscrito, por respeito às sonoridades.

por el mío, por no ir contra el suyo, y deseo experimente Vuestra Excelencia mi cuidado en las ocasiones de servirla.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

A la Señora Princesa de Asturias²²⁸ acompañando el Señor Sacramentado

María en todo primera
viendo el devino arrebol
para buscar mejor sol
a pie le sigue ligera
en fineza tan entera
y de tantos decantada
siendo por Dios agitada
cuando en sus extremos lucho
yendo a pensar que hizo mucho
quedó a mirar que hizo nada.

Al aire y fuego tenia
consigo en esta ocasión
el fuego en su devoción
el aire en su gallardía.
Y ya que cerca se vía
de aquel devino poder
llegándose a conocer
dijo, y dijo con verdad:
en mi esfera soy Deidad

²²⁸ Pensamos tratar-se de Maria Madalena Bárbara de Bragança, Infanta de Portugal, filha de D. João V, nascida a 4 de Dezembro de 1711, casada com o Príncipe Fernando em 20 de Janeiro de 1729. Morreu a 27 de Agosto de 1758. O título de Príncipe das Astúrias foi criado em 1388 para o futuro Henrique III de Castela e Catarina de Lancaster.

mas en esta soy mujer.

A pie salió su belleza
para tan heroicas fines
y pudo con dos jazmines
segurar una fineza.

Esta fue su gentileza
cuando deció²²⁹ de su esfera
y mirándose severa
de tal acción al compás
aún no pudiendo ser más
se vio más de lo que era.

Teresa²³⁰ que con loores
todo miraba de espacio
iluminó su palacio
en sus propios resplendores.
Eran Astros superiores
los que en la cera ponía;
el sol que todo lo vía
estando a lucir, y arder
paró su coche, por ver
a las estrellas de día.

²²⁹ A atualização para «descendió» torna-se impraticável neste contexto.

²³⁰ Deve tratar-se da Duquesa de Medinaceli, D. Teresa de Moncada.

CARTA XXX

Em dia de todos os Santos

Excelentísima Señora mía, sean con Vuestra Excelencia todos los santos y ninguno de los difuntos²³¹. Leí su carta, veneré sus favores, y me alegré con sus noticias, y con las de su hija. Dígala Vuestra Excelencia que su nombre sigura su fortuna, ansi espero la tenga muy felice en este casamiento. Ansi se lo pide a Dios, porque oraciones sean de quien fueren siempre son buenas, y deseo iguale su dicha a su merecimiento. Envío a Vuestra Excelencia un cajote de flores y quisiera fuesen estrellas; la mía seguraré cuando Vuestra Excelencia entienda que de Portugal la puedo servir en Castilla.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

Décima

Búcaro²³² y flor mi fineza
te remite con desgarro,
los búcaros son mi barro
las flores son tu belleza.
Y perdone tu grandeza
en esta amante profia
la oferta de mi osadía
y ansi mejor se concluya

²³¹ Palavra que provém do latim *defunctus*. A forma originária com «e» encontra-se ainda até Nebrija. A forma moderna, com «i», resulta de uma troca de prefixo (como a que ocorreu em «dibujan» e «disputare»), que se generalizou no século XVII. Covarrubias regista ainda as duas formas, mas Quiñones de B. prespectivava já «defunto» como vulgarismo. Sobar e este assunto, veja-se Sebastián de Covarrubias, *Tesoro de la lengua Castellana o Española*, Vol. II, p. 171.

Tratando-se de prosa, e acreditando que a forma «difunto» já estaria generalizada na segunda metade do século XVIII, optou-se por actualizar no corpo do texto, embora aqui fique o registo de que, no manuscrito, ocorre «defuntos».

²³² Floreira; vaso.

por lo que lleva de tuya
a lo que tiene de mía.

CARTA XXXI

Mi Duquesa y mi Señora, la carta de Vuestra Excelencia me dejó con doblado gusto por la noticia que en ella me comunica, de que le doy mil parabienes pues no habiendo quién su hija mereciese halló en quién la emplease; a la Casa de Arcos se debía esa fortuna, y después de tener tal Señora espero se le sigan todas. Yo, Señora, ya no hago coplas, que viéndome por mi edad en los últimos días debo emplearlos en cosas de mejor importancia; mas por obedecer a Vuestra Excelencia envió esas frías y pocas, que del mal lo menos, y la decima que hice en día de su santa [y?²³³] también la quiero llamar mía por lo mucho que la amo. Vea Vuestra Excelencia si en algo puedo servirla que de Portugal a Castilla no hay distancia que embarace mi voluntad.

Décima

Hoy el día en su farol
con dos Teresas se brilla
una flor y maravilla
otra estrella y más que sol.
Yo llegando a su arrebol
admirando su grandeza
dije con mucha ternera
en un afecto no rudo
sólo esta Teresa pudo
exceder otra Teresa.

²³³ Parece tratar-se, no manuscrito, de una emenda de «y» para «t», o que faria mais sentido. De qualquer forma, o carimbo da B.N.P. dificulta a descodificação.

De María el desposorio²³⁴
celos Júpiter tomó
ya que la dicha de un hombre
ha sido invidia de un Dios.
Sólo a sí se hallaba digno
el [t]onante²³⁵; y se engañó
pues ni Júpiter merece
lo que Francisco alcanzó.
Lleva la perla más fina
que tierra ni mar creó
con que la huérfana aquí
sí era una ya son dos.
Lleva sí la flor más bella
que en España se miró
pues entre tantas hermosas
a todas lleva la flor.
Lleva la estrella más fina
que su dicha seguró
si en tal empleo la ve
firme sí que errante no.
Lleva la piedra preciosa
que esta esfera coronó
veneno para la invidia

²³⁴ Alude-se, nesta carta, ao casamento de D. María del Rosario (1732-1773) com Francisco Ponce de León y Spínola, X Duque de Arcos (1744-1763). É possível datar esta carta, pois o enlace matrimonial dos duques teve lugar na Igreja de San Sebastián (Madrid), em 27/09/1745. A noiva teria somente treze anos na altura do seu casamento com o Duque.

²³⁵ A palavra parece ter sido corrigida no manuscrito, havendo dúvidas se se trata de um “t” ou de um “s”. Qualquer das hipóteses é válida, pois não desvirtua o sentido do texto.

diamante para el valor.
Yo la doy el parabién
y fío en su descripción
lo acete como mujer
aunque como Deidad no.

CARTA XXXII

Excelentísima Señora mía, en víspera de la cruz recibí²³⁶ la carta de Vuestra Excelencia, y como su queja me tenía con cuidado, a²³⁷ medida deste fue el gusto de su mejora. Vuestra Excelencia me pide versos, y yo ya no sé hacerlos, o porque me dañan la cabeza; o porque me afrentan la edad, y tanto ansi, que entrando uno destes días en el Parnaso me miró Apolo muy sañudo y dijo: «quítenme de aquí esa vieja, y pónganla en un rincón de su coro para encomendarse a Dios, que ya no es tiempo de otra cosa». Ansi lo dijo este dios y aun ansi otro mejor lo dice, mas por no dejar desairada en su petición a mi Señora D. María le compuse esas coplas, pocas y malas, como Vuestra Excelencia verá. En el asunto que me dió no pude decir nada, porque la festividad robó el tiempo a la poesía. Para el correo irán los versos de la capa²³⁸ mas para amar a Vuestra Excelencia siempre me queda tiempo que el amor opera sin ocupación y ahora no me deje, porque la digo que no puedo hacer versos, que yo deseo que Vuestra Excelencia me ame por su obligación y no por mi poesía. A los pies de Vuestra Excelencia pongo cuanto valgo, mas que pouco pongo! De encomendarla a Dios tengo memoria que esta nunca se aparta de la voluntad.

²³⁶ No manuscrito, «recebí».

²³⁷ Construção marcada por lusismo.

²³⁸ Tratar-se-á de uma alusão da autora à 1ª edição de *Obras Varias y Admirables de la Madre Maria do Ceo*, obra que dedica à sua interlocutora e correspondente, Duquesa de Medinaceli, tal como propõe Ana Hatherly na sua edição de *A Preciosa*, *op. cit.*, p. XX?

A los años de la Sr^a D. María del Rosario

Doce flores en su abril
hoy Amariles contó
cuando el cielo se ofrecía
mil Astros por cada flor.

Y ella entre las de mayo
la mejor flor se miró
pues mostró ser maravilla
aún cuando estaba en botón.

Aunque nascida es Deidad
que en esta suposición
su beldad dice que sí
si la fe dice que no.

Niña está, su edad lo muestra,
mas con todo diré yo
que aunque niña es tan grande
que no puede ser mayor.

El día luces le ofrezca
pero mirándose halló
que aún para hacer mucho[s] días
le sobraba el resplandor.

Esto se dijo a sí misma
y que cumple digo yo
muchos siglos de hermosura
en pocos años de sol.

CARTA XXXIII

Excelentísima Señora,

Muy Señora mía, vuelvo a dar a Vuestra Excelencia el parabién del gusto con que se halla en el acierto deste casamiento a que espero se sigan muchas dichas. Yo no las veré después mas rogaréselas a Dios antes. Vuestra Excelencia me pide versos al intento. Señora, las flores de mi Parnaso ya están marchitas, allá avrá elegantes plumas para el asunto ni en mí hay capacidad para celebrarlo, y en lugar de coplas imbio a Vuestra Excelencia esas flores, pues flores y versos son lo mismo, si llegaren al tocado de Vuestra Excelencia pasarán de flores a estrellas, y yo la tendré buena si le agradaren, y no menor si me emplear en servirla.

Hoy Francisco a María
rendido se apresiona
con cadena de flores
segurando firmezas en las rosas.

Ella lleva el rosario
y en él la dicha toda
¡Ah que dote tan grande,
la beldad, el rosario, y la persona!

Con fortuna tan rara
si bien aquí se nota
Arcos quedan triunfantes
los que Arcos²³⁹ sólo fueron hasta ahora.

¿Quién María se lleva
quién tuvo tanta gloria
mujer a quién pudieron
invidiar en su esfera muchas Diosas?

De Deidad a mujer
se pasa en esta forma
mas siempre queda en sí
para en mudanza alguna no ser otra.

A Francisco le den
el vitor que le toca
si en juego de fortuna
entre tantos aquí lleva la péla.

CARTA XXXIV

Mi Duquesa y mi Señora, con los favores de Vuestra Excelencia no tengo de qué quejarme pues no hay mal que no respete ese sagrado, lo que la aseguro es que todo la pago, en el mucho que la amo. Y ya por acá hay celos deste afecto pero nunca serán satisfechos, porque sólo lo que estimo en mí es amar a Vuestra Excelencia como mi Señora, y aún mi ídolo, pues se idolatrara sólo fuera en su belleza. Págueme en mandar servirla pues soy de Vuestra Excelencia.

Mayor captiva,
María

²³⁹ Jogo de palavras entre arcos festivos e o nome da Casa de Arcos.

CARTA XXXV

Muy querida Señora mía, recibí²⁴⁰ la carta de Vuestra Excelencia con la estimación que debo a todas, pues sus favores son mi corona, y sus nuevas mi alegría. Las de su salud me deja[n]²⁴¹ muy contenta pues lo mejor de la vida es tenerla, y la de Vuestra Excelencia debe preciarse en mucho, como la de su Excelentísima familia en la cual procuro la gracia de mi Señora Doña María. Vuestra Excelencia me pide versos, yo ya no sé hacerlos como verá en esos que le envió por obedecerla y quedo sí muy lejos para mirarla, muy cerca para quererla.

Flores, Señora, queréis
será justo que me enoje
que a quién os rinde constancias
no es razón que pidáis flores.

¿Qué más abrazada rosa
que un fino amor que en primores
está presistiendo al día
sin que desmaye a la noche?

¿Qué más cándido jazmín
que una verdad pura y dócil
que siempre se muestra clara
sin mezcla de otras²⁴² colores?

¿Qué más durable perpetua
que una firmeza de bronce

²⁴⁰ No manuscrito, «recebí».

²⁴¹ A concordância exigiria o plural «dejan».

²⁴² Lusismo.

hija de potencia rica
y no de la tierra pobre?

¿Y que más amor prefeto?
Mas aqui es bien que me estorbe
el perfeto es el de Dios
después a vos el más noble.

Este ramillete os hago
Y aú[n] muchas flores se esconden
porque cada afecto es una
adonde las más se cogen.

Y vos a pesar del tiempo
que ha de parar cuando corre
entre todas seréis siempre
la mejor flor de las flores.

CARTA XXXVI

Muy querida Señora mía, no hay lejos para amor, porque el pensamiento vence las distancias. Vuestra Excelencia siempre me tiene cerca, porque la amo, no sólo inclinada, mas agradecida, que sus favores son mi corona y en ellos tengo la mejor dicha. Estimo sobre toda las nuevas de su salud, pues de ella vive la mía. Para el correo sig[u]iente buscaré algo con que entretenerla, que ahora me piden esta respuesta con prisa, y yo con vagar quisiera servir a Vuestra Excelencia ansi como sé quererla.

CARTA XXXVII

Excelentísima Señora mía. Vuestra Excelencia me resucita con sus favores, me honra con su correspondencia, me exalta con su memoria, y en la mía vive por el principal objeto de mi estimación. En este correo aún no puedo alargarme cuanto quisiera, mas basta una palabra de quien ama, para seguro de quien favorece. Yo me explicaré más extensa, sigure mi fe lo que falta a mi expresión y a los pies de Vuestra Excelencia quedo siempre.

A dizer a Duquesa que já estava velha

Hermosa estás mi Duquesa
aunque lo pienses negar
porque no puede ser menos
lo que no puede ser más.

Las flores mudan semblante
aunque hijas del sol están
mas tu siempre estás la misma
porque eres flor, y Deidad.

El tiempo pasa por todos
mas por singularidad
si a los más llega a correr
en tí se queda a parar.

Siempre de abriles te deja
siempre rosas hallarás
pues tiene en tu primavera
para cojer, y dejar.

La misma estás yo lo afirmo
y me lo atrevo a firmar
que no he de creer que es otra
la que nunca tuvo igual.

En tu espejo pienso yo
esto llegues a tocar
al tiempo digo que el sol
reverbere en el cristal.

Y perdone si te digo
y tienes de perdonar
que dices una mentira
por oír una verdad.

CARTA XXXVIII²⁴³

A dizer a Duquesa que era devota de S. Pedro de Alcântara²⁴⁴ e de Santa Teresa

Vuestra devoción, Señora,
a dos potencias llevó

²⁴³ Este poema parece pertenecer a uma outra carta, a que faltará o conteúdo em prosa. Trata-se, conjecturalmente, da resposta a uma carta da Duquesa falando das suas devoções e que deve ter merecido por parte de SMC um tratamento destacado.

²⁴⁴ É possível datar esta carta, pois a data consagrada a S. Pedro de Alcântara é 19 de Outubro. Esta devoção da Duquesa de Medinaceli pode confirmar-se no nome do seu filho primogénito e único que se chamava Pedro de Alcântara, XII Duque de Medinaceli (n. 10.11.1730 – m. 24.11.1789). É curioso observar que, apesar de não ter nascido no dia de S. Pedro de Alcântara, mas numa data muito próxima, pela forte devoção ao Santo a Duquesa lhe tenha atribuído esse nome.

pues que supistes unir
el afecto a la razón.

Amáis a Teresa, y Pedro
justa fue la inclinación
que él es de Francisco estrella
y ella de Elías fue sol.

Y tan semejantes sí
el mundo los veneró
que en la virtud fueron uno
cuando en las personas dos.

El corazón no partís
en este dichoso ardor
porque a cada cual le dais
muy entero el corazón.

Estos son vuestros cuidados
porque no los devirtió
ni aquel amor que es tan justo
aunque sea humano amor.

Todo grande en vos se halla
sangre, belleza, esplendor
y virtud; porque sin ella
fueras nada aún siendo vos.

CARTA XXXIX

Muí querida Señora mía, alégrome con las nuevas de Vuestra Excelencia, sano con su salud, y vivo con sus memorias. Sólo me falta el bien de servirla, que aunque ya tan postrada reviviré de ese empleo y será la mayor dicha de mi fortuna.

CARTA XL

Excelentísima Señora yo llevo a Vuestra Excelencia con la presunción de ser suya, aunque quede menos mía. Estimo la salud de Vuestra Excelencia, la mía traen estos fríos muy amenazada, mas con el favor de Dios todo se vence. Hacen muy bien Vuestra Excelencia y su hija en no consentir las corten el cabello, y digan a quien la da matraca

La que desprecia me espanta
bienes de raíz; se toca
que o tiene mucho de loca
o tiene mucho de santa.

Y de mi parte dirá a las señoras que los cortan, y será en mi lengua:

Cessai já deidades belas
de dar-me tal desprazer
porque eu não posso ver
cortar raios às estrelas.

Perdone Vuestra Excelencia el atrevimiento de hacerla recadista, y quedo para servirla cuando fiare de mi sus diligencias.

CARTA XLI

Mi Duquesa y mi Señora, la molestia de Vuestra Excelencia quedó a ser cuidado mío, y ni así pago la obligación que tengo a mi amor. Estimaré que se halle libre de todas, para que en mi sea cabal el gusto de sus letras y la gloria de sus favores, y bien se muestra los que me hace en dar estimación a versos míos, que son unas flores más para desojadas, que para queridas. Yo quedo la misma en desear servirla y a mi Señora Doña María, a quien beso las manos y las de Vuestra Excelencia, que Dios guarde muchos años.

CARTA XLII

Excelentísima Señora mía,

Muy Señora mía, quedando Vuestra Excelencia buena, no puedo yo decir que estoy mala, que eso sería acordarme más de la salud, que de la fineza. A mi Señora la Duquesa de Arcos muy finas memorias, y en la mía vive el deseo de servir a Vuestra Excelencia así me diere las ocasiones de hacerlo.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

CARTA XLIII²⁴⁵

Excelentísima Señora mía,

Desde el Parnaso os escribo,
Señora mía, por señas
que miro a Febo e Lisardo
celos de vuestra belleza.

A las estrellas convoca
por la misma que me ofendan
mas no emporta cuando en vos
tengo la mejor estrella.

CARTA XLIV

Con mucho gusto leí la carta de Vuestra Excelencia ansi por las buenas nuevas que me da de su salud, como por los favores que recibí²⁴⁶ de su mano, siempre generosa en exaltarme. Por acá también los fríos fueron excesivos mas yo por merced de Dios salí de las nieves como el Fénix de las llamas, aunque pené no adolecí y reveviré si Vuestra Excelencia me diere en que servirla.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

²⁴⁵ Mais uma vez fizemos deste poema isolado, uma carta autónoma, na medida em que aparece precedido de uma saudação inicial. Estranhamente, Ana Hatherly, no seu resumo inserido em *A Preciosa*, faz silêncio em torno deste poema, não o referindo (veja-se anexo). A opção de o destacar como carta autónoma deve-se à total falta de relação entre o seu conteúdo e o da carta em prosa que se lhe segue.

²⁴⁶ No manuscrito, «recebí».

CARTA XLV²⁴⁷

Por mi lo digo, Señora mía, y por [Vuestra] Excelencia que desmentira las nieves de enero con las flores de abril. Ahora quiero nuevas suyas, que son saudades mías, y las espero como las deseo. También, servir a Vuestra Excelencia que aunque las manos están torpes con el hielo la voluntad está sana con el amor; este hallará Vuestra Excelencia siempre firme como mío, y deligente como suyo.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

Excelentísima Señora,

Yela el sol en su arbol
al frio; que tal le ven
mas la que quiere bien
tiene más calor que el sol.

²⁴⁷ Diferentemente da síntese de Ana Hatherly, optou-se por deslocar este poema do final da carta anterior, integrando-o no início da carta XLV. A forma de despedida (Besa las Manos de Vuestra Excelencia) da carta anterior constrói uma fronteira que autoriza esta deslocação, embora a prosa das duas cartas aluda ao frio que, então, se fazia sentir. A expressão «por mi lo digo» da carta XLV faz mais sentido se vier na sequência da quadra «Yela el sol en su arbol». Por outro lado, desmentir as neves de Janeiro com as flores de Abril constitui uma replicação metafórica do conteúdo da carta, que afirma que «la que quiere bien / tiene más calor que el sol».

CARTA XLVI

Excelentísima Señora,

Mi Duquesa, y mi Señora,
años, invierno y dolor
me van saliendo de mí
pero resucito en vos.

El frío va destemplado
no sentiréis su rigor
que el sol derrite la nieve
y vos sois de España el sol.

Estimo vuestra salud
por mi propia obligación
porque la salud de una
viene a ser vida de dos.

La de los vuestros también
que en ellos viendo os estoy
pues tenéis en cada cual
pedazos del corazón.

Por fe mi amor os consagro
cuando así más fina estoy
que es la gloria de los ojos
desaire de la atención.

Por acá no hay novedad
porque es de ayer, y de hoy
el Cortezaño a mentir
que no lo hiciera el Pastor.

Con que serviros os pido
y por hacerlo mejor
a cada acción doy una alma
que es toda vuestra mi acción.

Y a Dios que os guarde, Señora,
los años que amor contó
porque daréis como estrella
si nascistes como flor.

Vuestra y muchas veces vuestra
por estrella, y afición
siempre para amaros una
que nunca me hallaréis dos.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

CARTA XLVII

Excelentísima Señora,

Muy Señora mía, los días son de fiesta, y yo las conoceré cuando Vuestra Excelencia me las diere con sus noticias, pues no está sólo en los días la alegría, y la mía tiene con Vuestra Excelencia muchas dependencias. El tiempo va muy riguroso, mas yo con el favor de Dios hasta aquí le voy venciendo, sea lo que el quisiere, que ya

no puedo quejarme de que el cierzo²⁴⁸ me cortó en flor. La salud de Vuestra Excelencia deseo, y a la de los más señores. En ellos me recomiendo a la Señora Duquesa de Arcos, y a Vuestra Excelencia para que se acuerde de enviarme en que la sirva. Yo no pude componer más de ese pesebre, otro día me alargaré a más por darla gusto.

Romance

As frutas esta noite
se atrevem ao Menino
não só a regalá-lo
mas se atrevem também²⁴⁹ a defini-lo.

Sendo o melão letrado
se escusa sem letígio
porque calado²⁵⁰ sendo
deve ser o melão também²⁵¹ sofrido.

Ora vá um retrato
do infante nascido
que o Menino esta noute
dá licença por festa a tais delírios.

A cabecinha airosa
parece extremo lindo

²⁴⁸ *Cierzo*: vento frio do norte.

²⁴⁹ No manuscrito, «tão bem».

²⁵⁰ Calar melão, melancia ou queijo: fazer neles uma abertura ou corte para examinar a sua qualidade (Frei Domingos Vieira, *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa*, *op. cit.*, Vol. II, pp. 39-40).

Verifique-se o jogo entre «calado» (silencioso) e «calado» (termo usado para designar o corte que se faz nesse fruto para averiguar o seu estado de maturação).

²⁵¹ No manuscrito, «tão bem».

laranjinha doirada
da China²⁵² não, porque é do Paraíso.

A testa se fez toda
só do leite dos figos
e há-de ficar em leite
ao dispois do Menino ter crecido.

A cor à sobrancelha
a avelã dá com brios
da casca da avelã
se lavrarão²⁵³ os arcos de Cupido.

Nos olhos todos luzes
descobriu entre prodígios
a cor da cidra verde
e a cidra do amor ficou por isso.

É uma e outra face
para maior feitiço
maçãzinha encarnada
donde as rosas do campo [se tem tinto]²⁵⁴

²⁵² Há diferentes espécies de laranja: a laranja doce ou da China, a laranja azeda, a laranja tangerina, a laranja selecta, etc. (Frei Domingos Vieira, *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa*, op. cit., Vol. III, p. 1262).

²⁵³ Para manter a coerência com outras formas de futuro que ocorrem no poema («há-de ficar em leite»; «hão-de ser os dentinhos»; «serão metidos»), registou-se no futuro e não no pretérito, esta forma verbal. Em termos métricos, o verso fica igual.

²⁵⁴ Esta é apenas uma versão possível, porque o texto se encontra lesado pela aposição do carimbo da Biblioteca Nacional de Portugal.

A vermelha cereja
na boca se tem visto
e é cereja de Sintra
que também²⁵⁵ quando chora faz bequinhos.

Pinhões²⁵⁶ dos mais perfeitos
hão-de ser os dentinhos
não em pinha guardados
em caixa de coral serão metidos.

Só nas mãos se não fala
e assim tenho entendido
que por fruta de alcorça²⁵⁷
na outra se calou por artefício.

Duas brancas amêndoas
parecem os pezinhos
e a flor desconfiada
por um ramo já não está por um fio.

As mais frutas se excluem
porém vendo ao nascido
que para nós é tudo
a nós vem alegando com caprichos.

²⁵⁵ No manuscrito, «tão bem».

²⁵⁶ «Os pinhões são frutos secos cuja simbologia nos remete para a madeira e, conseqüentemente, para a Cruz de Cristo» (cf. Isidoro Barreira, *Tratado das significações das plantas, flores e frutos que se referem na Sagrada Escritura (...)*, Lisboa, Oficina de Manuel Lopes Ferreira, 1698, p.184. Aliás, são vários os elementos prefiguradores da Paixão, neste Presépio.

²⁵⁷ Alcorça: do Árabe «alcorce». Massa de açúcar purificado, que se mistura com cheiros e dela se fazem figuras, flores, conchas ou se cobrem outros doces e golosinas (Frei Domingos Vieira, *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa, op. cit.*, Vol. I, p. 284).

Também²⁵⁸ chega o limão
pode ser admetido
porque como é vontade
da significação faz sacrificio.

A romã que é rainha
lhe oferece com distinto
a coroa por oferta
e também²⁵⁹ os rubins deixa por brincos.

Para a noute de Natal

Outava

El verde en el celeste se volvía
un palacio de pajas se adornaba
una virgen, y Madre aparecía
un hombre, y Dios también se contemplaba.
De dos brutos la ciencia se servía
el amor en la nieve tiritaba
la Deidad por querer se hizo sensible
¡Oh afronta mayor del imposible!

²⁵⁸ No manuscrito, «tão bem».

²⁵⁹ No manuscrito, «tão bem».

CARTA XLVIII

Muy querida Señora mía, los favores de Vuestra Excelencia satisface mi amor, que es la moneda que sólo puede pagarlos. Recibí²⁶⁰ su carta, como alivio de mis mortificaciones que estos días no nos tienen faltado. Perdimos una monja²⁶¹ y tenemos otra en el último trance, ambas de mucha[s²⁶²] virtud y estimación. Como pasar este ahogo, haré a Vuestra Excelencia el gusto, en que lo que me pide y en lo que me manda, que para mí sus súplicas son preceos y para que sepa quién me hace el favor de ser mí sacrataria es una señora hermana de las camaristas de la princesa de Asturias a las cuales la dicha señora escribe todos los correos y trata con toda la estimación y cariño. Y a un sueño que tuve con ella, y con lo que acá llamamos bichos y allá guzanos hize esa octava que por cosa extravagante la invió. La dicha monja se llama Leonor muy discreta y graciosa y yo le soy muy obligada; y lo seré más a Vuestra Excelencia cuando me dé ocasiones de servirla que en ellas acreditaré lo que soy.

Guarde Dios a Vuestra Excelencia como deseo.

Outava

Eu com bichos sonhei, valha-me Deus,
com bichos Leonor também sonhava
e à pobre fantasia que assim estava
lhe não perdoo tais trabalhos meus;
quais fossem os meus bichos quais os seus
a devisar ali não atinava,
seriam seus os que na flor destroem
seriam meus os que no tronco roem.

²⁶⁰ No manuscrito, «recebí».

²⁶¹ Nesta missiva, a religiosa portuguesa escreve sobre a perda de uma companheira. Este carácter simultaneamente pessoal e colectivo da correspondência permite-nos perceber um pouco melhor a proximidade da relação das interlocutoras.

²⁶² O manuscrito apresenta uma pequena mancha de tinta que não nos permite descodificar se a forma é singular ou plural.

CARTA XLIX

Muy querida Señora mía, no hay ausencia para quién ama, porque lo que aleja la distancia, une el amor. Así me pasa con Vuestra Excelencia que siempre la miro cerca, aunque no esté presente, y me alegro en su salud, que la deseo, que es lo más precioso de la vida. En esta corte no han faltado dolencias causadas de la seca contra la cual se han hecho muchas preces. Nuestro Señor envíe agoa pues da sus misericordias a lluvias. De mi niña y Señora la Duquesa quiero siempre nuevas, porque las noticias me han avivado el Amor o porque en ella miro a Vuestra Excelencia, a quien pido se acuerde de lo que deseo servirla, que en cuanto me niega este empleo no paga lo que debe a mi voluntad.

CARTA L

Mi querida Señora mía, Vuestra Excelencia me pide la escriba, y yo en cuanto tuviere alma en los dedos no he de dejar de hacerlo. Ando muy caída más cuando llevo el pensamiento a Vuestra Excelencia luego puedo levantarme, y estas influencias ni todas las pueden comunicar; tuvimos acá muchos pesares, que el mundo no se olvida de parecerlo, mas con la conformidad vencimos el trabajo, que es remedio para todos, y imposible para ninguno. La salud de Vuestra Excelencia estimo en más que la mía, lo que va de importancia a importancia, que yo ya me miro en este mundo como de más, y sólo cuando veo se amar a Vuestra Excelencia me no pienso menos. Deme siempre nuevas de su hija, que yo no la escrevo²⁶³ por no tomarla el tiempo, que es niña y no querrá prenderse a esta correspondencia, que eso fuera atar un hilo de perlas a un cordón de estopa. Ora, Señora mía, vea Vuestra Excelencia en que puede mandarme pues yo veo lo que deseo obedecerla. Guarde Dios a Vuestra Excelencia como le pide

Su amante captiva,

María

²⁶³ Lusismo.

CARTA LI

Muy querida Señora mía, estos días fueron para mí de congoja con la pérdida de una compañera de mucha virtud y estimación, mas los favores de Vuestra Excelencia entre todos los espinos son flores, que suavizan y confortan. Así se los agradezco como triaca a la tristeza y como aliento al desmayo. La Señora Duquesa para quien Vuestra Excelencia me pide oraciones seguraria con su vida la felicidad de su muerte, y no quiero que mi niña la Señora María del Rosario se melancolice más por ella, lo que ha hecho basta para parienta, y sobra para nuera. Ella quiere que la escriba, yo lo haré para el correo pero no sé [...²⁶⁴]

Fineza de amor no pudo
llegar a más tu valor
pues que vales con fineza
lo mismo que vale Dios.

Nacer, padecer, morir
no satisfizo a tu ardor
que estes fueron los efetos
pero los afetos no.

Los afetos hasta aquí
parece que reservó
porque de su ser no daba
aunque daba de su amor.

²⁶⁴ O manuscrito interrompe-se, abruptamente, aqui.

CARTA LII

Mi Duquesa y mi Señora, los favores de Vuestra Excelencia sólo mi amor los paga que es la moneda de mayor valor, ni yo puedo dar más, ni [Vuestra]²⁶⁵ Excelencia merece menos. Estimo que la Señora Duquesa de Arcos volviese ya de la jornada que ese desahogo para ella era soledad para Vuestra Excelencia, pensión de los alivios que siempre llevan alguna mezcla del disabor. Vuestra Excelencia me pide la encomiende a Dios, y yo lo hago que él no oye sólo a los buenos porque es para todos. También yo quiero oraciones de Vuestra Excelencia que no me están ocultas sus virtudes, mas callo por no ofender su modestia. Lo que la seguro es que por todas las razones la amo mucho y tengo acá quien de eso me pide celos, mas yo no la he de dar satisfacciones, Vuestra Excelencia a mí se las debe pues me niega el gusto de servirla sobre el empeño de amarla. Guarde Dios a Vuestra Excelencia como quiero.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

CARTA LIII

Excelentísima Señora mía, si Vuestra Excelencia hizo memoria de mi queja, yo estimo por el favor la enfermedad, y que Vuestra Excelencia se hallase bien con la prevención de las suyas, que nunca me olvido de su importante salud para rogar por ella a quien se la puede dar. Esas coplas que hice en día de la Señora de las Mercedes²⁶⁶ le envió, para que sepa que en todos me acuerdo de Vuestra Excelencia, que el amor no es olvida disso, ni yo lo seré en cuanto la vida me durare de los favores con qué me exalta, que deseo satisfacer sirviéndola y sólo pago amándola.

²⁶⁵ Trata-se claramente de uma omissão do copista, que repomos.

²⁶⁶ A Senhora das Mercês festeja-se a 24 de Setembro.

Mercedes, Señora, os pido
porque el día destas es
y como sois majestad
habéis de hacerme merced.

Que me asistáis en la muerte
aquí la primera fue
porque la última sí
la primera venga a ser.

Merced de un pequé os pido
no es poco mirado bien
porque me enseña David
que vale un cielo un pequé.

La paz interior os pido
sólo vos podéis hacer
que en una vida que es guerra
haga la paz su papel.

Para mi Duquesa os pido
lo que merece; atended
que sólo vos podéis dar
lo que llega a merecer.

Amor para todas pido
como para mí también
sean dulces en lo blando
y piedras en lo fiel.

A todas la desta casa
atended, mirad y ved
con estrella, que en los ojos
a las estrellas tenéis.

A mi Benjamí le da
la salud, no os enojéis
que si es culpa el querer mal
no es delito el querer bien.

Para la que es otra yo
alivio os pide mi fe
y desta suerte en un alma
a dos vidas conservéis.

Esto os pide una María
que indigna del nombre fue
mas con todo, yo confío
que receberá merced.

CARTA LIV

Excelentísima Señora mía, recibí²⁶⁷ la carta de Vuestra Excelencia, sus favores para mi corona y sus nuevas para mi alegría, que las distancias sólo las suavizan las noticias, y para mí las de Vuestra Excelencia son el mayor contento pero fáltenme los empleos de servirla, en los afectos de amarla.

²⁶⁷ No manuscrito, «recebí».

¿Adónde vas pensamiento
que no te puedo al[canzar]?
De Portugal a Castilla
de Castilla a Portugal.

Si buscas a la Duquesa
te digo la has de hallar
o en palacio por señora
o en el templo por Deidad.

Dile, pensamiento mío,
que esta distancia me da
disvelos de mil a mil
pesares de más a más.

Pero no lo digas no
que mal enformado vas
porque al corazón escucho
no está lejos que aquí está.

Pues un corazón amante
mas por entero se va
no a lo que sube vivir
mas a lo que sabe amar.

Y si ingrata lo dudare
puede recelar su afán
que es erro²⁶⁸ contra la fe
y amor la ha de castigar.

Unas flores la imbié
y no sé si están allá

²⁶⁸ Lusismo.

tan poucas que para ciento
faltaban noventa y más.

Mas no importa fuesen pocas
menor oferta hallará
pues no se estiman las flores
adónde firmezas van.

Yo quedo con los espinos
que en los lejos he de hallar
si ansi trata el querer bien
que no haría el querer mal.

CARTA LV²⁶⁹

A estar a Duquesa sangrada
Romance

Noticia de vos sangrada²⁷⁰
varios efetos causó
pues para vos fue remedio
y para mí fue dolor.

²⁶⁹ Mais uma vez estabelecemos um corte na sequência manuscrita da cópia da B.N.P. Seria importantíssimo termos acesso às cartas enviadas pela própria Duquesa. Na ausência delas é-nos, contudo, permitido conjecturar que estes dois poemas à «Duquesa sangrada» constituem um consolo e uma prova de amizade de SMC para uma situação muito concreta da Duquesa, que se encontrava doente. Associando estes dois poemas, criou-se uma nova carta que terá existido na correspondência trocada entre estas duas senhoras.

²⁷⁰ O acto médico de sangrar os doentes era uma prática comum da medicina da época (cf. Fr. Diogo de Santiago, *Postilla religiosa, e arte de enfermeiros*, edição *fac-símile*, Alcalá, Lisboa, 2005, capítulo XLVI – *Sangrar os enfermos como, e quando há de ser, e regimento, que se há de observar* [pp. 142-144]).

Esa generosa sangre
que por safiras rompió
si recogida es esmalte
esparcida, compasión.

Sin duda que a estar presente
(digo a estar presente yo)
la herida de vuestro pie
robara mi corazón.

Dese coral liquidado
que estoy contemplando hoy
cada gota es un rubí
cada precio es un blasón.

Aquí una abeja atrevida
un puro jazmín picó
la abeja fue la lanceta
y vuestro pie fue la flor.

Invidia tienen las más
y sólo un clavel osó
retratar la sangre sí
mas besar la planta no.

Aquí se picou²⁷¹ la rosa
y en un instante trocó
los espinos de su ser
en celos de su pasión.

²⁷¹ Lusismo.

Más dijera en este asunto
pero mi pluma calló
y veo que al hablar menos
es de quien habla mejor.

Ao mesmo assunto

Décima

En esta ocasión presente
fue mi compasión notada
mirando una lanza armada
contra un jazmín inocente.
Mi gozo fuera evidente,
Señora, al hallarse aquí
lequidándose el rubí
repartido entre las dos
el remedio para vos
y la herida para mí.²⁷²

²⁷² A seguir a esta décima, o mss. da B.N.P. apresenta o poema «Doce flores en su abril», que excluimos, por ser, como já notou Ana Hatherly, uma cópia do mesmo poema que aparece na carta XXXII.

CARTA LVI²⁷³

Excelentísima Señora mía, ni el recogimiento me embaraza el gusto de las nuevas de Vuestra Excelencia, que no es escrúpulo lo que es obligación²⁷⁴. Estimo que su preciosa salud continúe sin novedad para que la mía no tenga queja; de mi fortuna no daré ninguna. Con los favores de la Señora Duquesa de Arcos, que como hija de Vuestra Excelencia se empeña²⁷⁵ en honrarme, y en mí lo que falta de merecimiento suplo de amor. Con este asistiré a Vuestra Excelencia los días que durare mi poco importante vida, que sólo deseo se dilate en la expectación de poder servirla.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

CARTA LVII

À Duquesa de Arcos

Excelentísima Señora,

Niña de mis ojos, grande en los de todos, Vuestra Excelencia me manda que la escriba, y creo lo hace más por engrandecer mi persona que por leer mis cartas; sea como fuere yo siempre quedo la interesada²⁷⁶, Vuestra Excelencia la honradora. Acá me dicen es Vuestra Excelencia muy hermosa²⁷⁷ y muy gallarda, y en el imposible de verla me hace esto mayor deseo de mirarla, pero supra la fe lo que falta a la vista, mas no cabe su belleza en mi imaginación. Lo que siento es no estar adónde pueda servirla y

²⁷³ Omitimos a carta do mss. da B.N.P. por ser uma repetição da carta já por nós transcrita com o número XXX.

²⁷⁴ É provável que esta carta tenha sido escrita em momentos da vida monástica mais intensamente dedicados à oração e ao recolhimento. Talvez possa ser da Quaresma. O que é certo é que SMC relativiza esse facto e não se coíbe de dar atenção à correspondência com a Duquesa. Tal atitude revela os contornos desta relação.

²⁷⁵ Note-se o lusismo gráfico «empenha» no original manuscrito.

²⁷⁶ No original, «enteresada».

²⁷⁷ Percebe-se, pela afirmação da religiosa, que SMC nunca tinha estado na presença da Duquesa de Arcos.

regalarla, que los lejos son desaires de la fineza, mas venciendo imposibles tendrá Vuestra Excelencia la mía a sus plantas para todo lo que fuere de su gusto en mi posibilidad.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

CARTA LVIII

Excelentísima Señora mía, la carta de Vuestra Excelencia leí con mucho gusto por la satisfacción que en ella muestra del buen empleo de su hija, y espero que en las felicidades siguientes tenga Vuestra Excelencia aún más que estimar. Vuestra Excelencia me dice que el novio está loco de contento, y yo respondo que a no ser así entonces estuviera loco.

Pues en flores de Castilla
entrando las más hermosas
con invidia de las rosas
alcanzó la maravilla.

Estimo que el novio²⁷⁸ sea cual Vuestra Excelencia me dice, que así habrá felicidad sin disabor.²⁷⁹ Ninguno se me atreverá cuando tenga la dicha de servir a Vuestra Excelencia que no hay distancia donde ay voluntad.

²⁷⁸ SMC, nesta carta, refere-se ao X Duque de Arcos, Francisco Ponce de León y Spínola, noivo de María del Rosario.

²⁷⁹ A ausência de pontuação (talvez seja possível ver-se uma vírgula em «disabor», mas mais parece um risco de tinta não intencional) leva-nos a optar pela interpretação que nos parece mais correcta, colocando um ponto final após «disabor».

CARTA LIX

Excelentísima Señora,

Ayer día de placer
fue para mí de pesar
el querer y no mirar
mas la fe suple el no ver

Ansi es, Señora mía, siendo este el más hidalgo amor y él con qué amo a Vuestra Excelencia, que como su imagen está en mi corazón siempre en él la contemplo. Ayer fue día de placeres, y yo los busco hoy en hablar con Vuestra Excelencia en este par de renglones, adonde en pocas letras le seguro muchas verdades, y los deseos que tengo de servirla, y a mi Señora la Duquesa de Arcos, que en dos las miro una, y yo nunca para dejar de amarla seré otra. Déjese Vuestra Excelencia servir de mi voluntad, que esta vence distancias pues tiene vuelos.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

CARTA LX

Mi Duquesa y mi Señora, estimo sobretodo lo que estimo las buenas nuevas de Vuestra Excelencia y le agradezco la pontualidad con que me honra con sus cartas, que son mi gloria. Yo no quedo buena, mas para amar a Vuestra Excelencia muy sana, pues como dice el sabio²⁸⁰ el amor es tan fuerte como la muerte. Yo siempre soy de Vuestra Excelencia y mi voluntad nunca será ajena deseando los empleos de obedecerla.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

²⁸⁰ Refere-se a Salomão, que constituiu um modelo de sabedoria em Israel, suposto autor do Cântico dos Cânticos. A sabedoria que aqui se evoca provém do capítulo 8, versículo 6: «Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço, porque o amor é forte como a morte, e duro como a sepultura o ciúme.»

CARTA LXI

Excelentísima Señora mía, el correo pasado falté a Vuestra Excelencia por una ocasión que tuvimos de pesar y no quise mezclar mi gusto con mi pena. Ahora espero con las buenas nuevas de Vuestra Excelencia alivio en todo, que cierto soy tan obligada a su memoria, que sólo puedo pagarla con mi voluntad. Siento que mi Señora la Duquesa de Arcos quedase con ese cuidado, y deseo tenga en él buena salida. No dudo de su sentimiento, que quien es buena para todo también lo será para nuera; y siempre que Vuestra Excelencia me escribiere sea con nuevas tuyas. Las de Vuestra Excelencia, con los favores que en ellas me hace, son mi corona y deseo merecerlas sirviéndola en algo, mas tiene mi voluntad inútil sin ocuparme.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

CARTA LXII²⁸¹

Querendo a Duquesa adorar o Santíssimo que passava pela rua, se cobriu com uma capa de retina²⁸² a qual era do Duque seu marido²⁸³.

Una, y de las mejores
pouco digo la mejor
hurtó la capa a su esposo
para buscar al Señor.

²⁸¹ Trata-se claramente de uma outra carta que nada tem a ver com a carta LXI, que aliás encerra com a fórmula de despedida. Não sabemos se terá sido a Duquesa a narrar por carta a forma como adorou o Santíssimo ou se foram os ecos portugueses dessa atitude que chegaram ao Mosteiro da Esperança.

²⁸² Não conseguimos encontrar o significado de «capa de retina», mas o sentido é o de cor escura ou parda. As comparações e metáforas provenientes da área da visão são recorrentes em Soror Maria do Céu. Veja-se «íris», por exemplo.

²⁸³ Esta epígrafe está em Português e não em Castelhana.

Supo el robo la Justicia
(mas dijo sin más acción)
entre dos que bien se quieren
lo que es de uno es de dos.

Era la capa pardilla
y nunca jamás se vió
morena con tanta luz
ni parda con tanto albor.

Siendo de la Dama tal
el aire, el brío, el valor
que vestida de retina
una princesa quedó.

Ansi devota, y amante
a adorar llega a su Dios
o en una tarde de estrella
o en una noche de sol.

CARTA LXIII²⁸⁴

Excelentísima Señora,

Este día, por ser del Espíritu Santo²⁸⁵, es todo amor, y Vuestra Excelencia toda virtud, ansi en ella contemplo más para invidiarla que para advirtirla. Las nuevas de su

²⁸⁴ Eliminámos a carta iniciada por «Mi Duquesa y mi Señora, los favores de Vossa Excelencia me tiene (...)» por ser uma repetição da carta XXI.

salud estimo como quien ama, y ansi lo encarezco. Vuestra Excelencia me habla en versos y por eso le envió esa glosa al mote que es mío, y anda acá muypreciado, y aunque no en Español, Vuestra Excelencia también es Portuguesa como yo Castellana, porque soy suya. Al día no pude hacer cosa que luciese, porque la falta de sueño me ha disparatado la cabeza, mas como no sueño con Vuestra Excelencia poco importa que no duerma; mucho sí que Vuestra Excelencia se no acuerde de que la amo para darme en que la sirva que pronta estoy siempre para obedecerla.

El amor en este día
a los hombres se arrojó,
¿como ha de sufrir un hombre
toda la fuerza de un Dios?

En lenguas de fuego vino
que como suya la acción
que sólo lengua de fuego
puede explicar al amor.

Uno para todos llega
no hay duda, sin distinción
llegar para todos uno
porque amor no tiene dos.

Estaba el mundo muy frio
todo su fuego le echó
que para quien se defiende
no basta fuerza menor.

²⁸⁵ O Dia do Espírito Santo celebra-se cinquenta dias depois da Páscoa. Esta informação do calendário litúrgico permite-nos, de algum modo, datar esta carta, se não em termos de ano, pelo menos enquanto carta expressa e significativamente escrita em dia de Espírito Santo.

CARTA LXIV

Muy querida Señora mía, ¿dónde me vino que la mayor Señora de España hiciera caso de mí? Mas son grandezas de Vuestra Excelencia para dichas mías, si desmerecidas por la persona merecidas por el amor. Las buenas nuevas de Vuestra Excelencia con el esmalte de sus favores me hacen muchas veces preciosa esta carta; no hay gusto que se iguale al que con ella recibo de Vuestra Excelencia. Sé que aún está muy hermosa, y que a sus años aún le faltan muchos para la media edad, mas como tengo su imagen en mi corazón no profío en el retrato; el de mi Señora Doña María estimaré como suyo, y en el de la hija miraré la madre y entre ambas daré gracias a la naturaleza, y ruego a Dios tenga esta niña después de las gracias de hermosa, la ventura de fea. El chocolate²⁸⁶ siendo tan precioso queda en mí mal empleado, mas la grandeza de Vuestra Excelencia no repara si no en serlo, y espero revevir deste conforto para amar y servir a Vuestra Excelencia, a quien pido me tenga en su memoria, como yo la tengo en mi voluntad.

²⁸⁶ Nesta passagem, SMC refere o valor do chocolate, que, era um alimento destinado a uma classe social privilegiada, No entanto, ele existia também nos conventos, pelo menos para situações de extrema necessidade alimentar. De facto, no seu artigo *Morrer ao pé da letra: relatos de morte na clausura feminina portuguesa* (in *Via Spiritus*, vol. 15 (2008), p. 178), Isabel Morujão descreve a agonia de Soror Mariana do Rosário, do Convento do Salvador da cidade de Évora, a quem foi dado chocolate no momento de doença grave, no leito de morte: «*Nove semanas e dois dias estive esta serva quase sem comer, pois para lhe darem uma xícara de chocolate custava isso imenso trabalho, a ela pelo grande fastio que tinha, e às religiosas pela verem naquele estado a padecer*».

María Angeles Solaber Seco, num artigo intitulado *Espacios Femeninos en la Castilla del Antiguo Régimen. Cultura Material y sociabilidad en el Estrado*, p.167, descreve a arte de sociabilizar (século XVIII) aliada ao consumo do chocolate, no que concerne ao domínio privado: «Por otro lado, el estrado estimulaba el consumo de ciertas golosinas muy apetecibles a las mujeres, y las visitas eran ocasión para disfrutarlas pues allí la anfitriona cumplimenta a la visita con el *agasajo*.(...) *Interrumpió la conversación el chocolate. A esta manera de merienda, porque le viene largo el nombre, le llaman agasajo. Salieron con él dos doncellas que, arrodilhadas, le servían. La bebida es saludable, el modo de servirla injusto.* (...) El autor critica la forma de servir humillada de las doncellas, expresión de la soberbia de los ricos. Luego de consumido el chocolate “recogen las criadas las vasijas en que han bebido el chocolate, y quedan las visitas alabándole”».

Nesta carta de SMC, percebe-se que o chocolate era uma oferta com que a Duquesa tornava presente o seu apreço pelas religiosas da Esperança, ainda que se pressinta, pelo uso deste alimento, a clivagem entre o convento e a corte: «queda en mí mal empleado».

Agradezco el chocolate
y cierto tengo razón
por ser néctar de una Diosa
si no ambrosia²⁸⁷ de un Dios.

Mi vida sustentará
pues que dichoso tocó²⁸⁸
la mano, sí, cuyos dedos
milagros de jazmín son.

El mar me ofrece sus perlas
por rescate; mas no doy
ni por tantas margaritas
de una Teresa el favor.

Quedo bramando el gigante
y por seguir su rigor
lo que fue voz de sirena
es gemido de Tritón.

Juno también invidiosa
en su esfera se quejó
viendo no logra en la estrella
lo que ha mirado en la flor.

Júpiter está con ceño
de todos me burlo yo

²⁸⁷ Respeitou-se «ambrósia», em lugar de «ambrosía», para não deixar o verso hipermétrico.

²⁸⁸ No original, esta palavra não está acentuada. No entanto, optou-se pela colocação do acento, para que o verso não ficasse hipermétrico.

que a los más dioses desprecio
al mirar que os tengo a vos.

CARTA LXV

Estando a Duquesa e o Duque sangrados

Excelentísima Señora mía, de la carta de Vuestra Excelencia infiero quedar sangrada en ambos brazos, yo la asisto con el cuidado, y pasa a ser dolor. Espero para mi sosiego me diga Vuestra Excelencia obedeció la queja al remedio y en tanto pido por su salud que es lo mismo que rogar por la mía, y no se olvide de darme muchos empleos en que la sirva.

Sangróse Circe y también
Lauro con fineza igual
adoleció de su mal
como amante de su bien;
luego avisándole quien
le socorre con su voz
rompió la vena veloz
en lance tan oportuno
que no es la herida de uno
adonde se aman dos.

CARTA LXVI

Excelentísima Señora mía, recibí²⁸⁹ la carta de Vuestra Excelencia con el gusto y estimación que debía, porque la amo por fe, la quiero por estrella y la venero por obligación. Sus buenas nuevas fueron entre tanta tempestad de lluvias el iris de alegría para mí, espero me las continúe pues las debe al afecto con que las deseo. También las pido de mi Señora D. María que hará bien en continuar sus desdenes, porque estos aumentan la hermosura, y no agravian al pretendiente. Yo deseo ocasiones de servir a Vuestra Excelencia que ese será para mi voluntad el mejor empleo.

CARTA LXVII

Excelentísima Señora mía,

Cuando Vuestra Excelencia se acuerda de mis quejas los espinos son rosas, los trabajos dichas. La carta de Vuestra Excelencia, y la de la Señora Duquesa de Arcos recibí²⁹⁰ con la estimación que debo a su grandeza y de que ella esteja en el nuevo estado tan contenta me alegro mucho. Dios le aumente las felicidades, la del novio ya se no puede ser mayor. Vuestra Excelencia me pide coplas al asunto, ya la dije que para ese eran más propias los poetas de Madrid²⁹¹ que mi musa no es capaz de celebrarlo. Ellos festejarán lo que deben a tal unión, y yo rogaré al Cielo la conserve por siglos, mas por no dejar a Vuestra Excelencia del todo descontenta le envío esas coplas pocas y malas, que ya no escribo cosa que valga, deseando valer mucho para dar gusto a Vuestra Excelencia que la amo como amiga, y la respeto como Señora. Y como tal la pido se deje servir de quien se deja amar.

²⁸⁹ No manuscrito, «recebí».

²⁹⁰ No manuscrito, «recebí».

²⁹¹ SMC parece conocer a poesía profana dos poetas madrilenos. Esta é a segunda referência que lhes faz, na correspondência com a Duquesa.

En Madrid se desposó
corte de reis invita
una niña, o una perla
que es la perla de las niñas.

Su sangre es la de los Dioses
su isención la de las Ninfas
su donaire el de los aires
su beldad la della misma.

Las núcias aplauden todos
sólo Júpiter se indina
viendo que se lleva un hombre
lo que de un Dios fuera dicha.

Contra María la Esfera
convoca, mas se retiran
las estrellas por parientas
las luces por parecidas.

Apolo que estos debates
miraba desde su silla
da en ella un golpe en que tiemblan
las esferas cristalinas.

Basta, ó Júpiter, le dice
tu contradicción indigna
aunque no es la vez primera
que en el Cielo entra la invidia.

Deja que logre Himeneo
tal crédito y ufanía
aunque ansi María humana
se desmienta de devina.

El Cielo ansi lo dispuso
él sabe lo que fulmina
y no es bien que note un Dios
lo que los cielos destinan.

Convencido queda Jove
y con los más apadriña
la unión que a pesar del tiempo
el hado promete [fina]²⁹².

CARTA LXVIII

À Duquesa de Arcos

Excelentísima Señora,

Muy Señora mía, doy a Vuestra Excelencia el parabién de su nuevo estado²⁹³,
adonde los arcos quedaron triunfantes de la fortuna, y Vuestra Excelencia hizo el

²⁹² Palavra ilegível, em virtude do carimbo da B. N. P., que a oculta.

²⁹³ Nesta passagem, a religiosa franciscana parece cumprimentar a Duquesa de Arcos pelo seu enlace matrimonial. Trata-se, uma vez mais, da troca de informações de teor privado na correspondência epistolar de uma religiosa com uma secular espanhola. De imediato associamos a estas cartas familiares, que são testemunhos de uma conversa informal entre pessoas que estão ausentes, a natureza de aconselhamento que marcou, por exemplo, a correspondência privada de Mme de Sévigné (1725) à sua filha, Mme de Grignan, onde, à semelhança do que aqui se pode ler, eram transmitidos de mãe para filha, à distância, um conjunto de conselhos e orientações.

milagro de hallar quien la mereciese contra la esperanza de quien la mirase. A esta felicidad se le sigan tantas, que se mire esta vez en paces la fortuna con el merito, y su Excelentísima Casa conserve estable lo que tiene que es lo más que puedo desearle. Ansi lo pido a Dios que guarde a Vuestra Excelencia muchos años.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

CARTA LXIX

Excelentísima Señora mía, siempre que miro letras de Vuestra Excelencia tengo que agradecerle, porque cada carta suya e[s]²⁹⁴ un honor para mí como sus buenas nuevas el mayor gusto, y no me queda poco del con que se halla la Señora Duquesa de Arcos, a quien repito muchos parabienes. Ella tuvo la dicha de unirse su suerte a su merecimiento, mas ni en lo que logra puede caber lo que vale, ni yo explicar lo que deseo servir a Vuestra Excelencia ni olvidarme de pedir a Dios la guarde muchos años como quiero.

CARTA LXX

Del tiempo fueron tanto los rigores
desbrochando las nubes tal aguada
que fueron más las fuentes que las flores
más los cristales sí, que la esmeralda.
Un espejo es la tierra en sus albores
y al mirarse tremía de admirada
que deluvio segundo, y tan profundo
a no haber iris recelara el mundo²⁹⁵.

²⁹⁴ No original, «he».

²⁹⁵ Ana Hatherly insere esta oitava na sequênciã da carta anterior. De facto, o manuscrito original, não numerando as cartas, presta-se a estas oscilações. No entanto, como o leitor poderá ver, esta oitava nada

Mi Duquesa y mi Señora, a no quedar Vuestra Excelencia quejosa fuera esta carta el iris de mi alegría, mas su molestia derasona mi satisfacción. Pido a Dios la libre de toda, y queda la rogativa por las dos. Con particular alborozo aguardo a ver el retrato de mi Señora la Duquesa de Arcos, que siquiera por las sombras rastrearé las luces. Y agradezco a Vuestra Excelencia acordarse de mi deseo, que en todo conozco la estimación con que me honra. Las lluvias por acá tienen sido tales que no las encarezco en la octava que invió. Ya las presumen dañosas mas dejemos hacer a Dios lo que [quisiere]²⁹⁶ y yo lo que quiero es que guarde a Vuestra Excelencia [muchos]²⁹⁷ años.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

CARTA LXXI

Excelentísima Señora mía, no hay para mi tiempo rigoroso cuando en todo logro los favores de Vuestra Excelencia y esta data de su grandeza es el mayor motivo de mi presunción, que sólo en sus honras conocí la vanidad. Estimo la salud de Vuestra Excelencia y de los más señores, muy en particular la de su hija y mi Señora a quien rindo mi afecto y pido sus memorias. Al asunto de los cabellos cortados deseo decir más, pero ya el Parnaso me despide como inútil, y me mira como ajena. Téngame Vuestra Excelencia como propia para en todo acertar a servirla.

tem a ver com a carta LXIX, evidenciando claras relações com a prosa da carta seguinte (alusão a «iris» e ao tema das grandes chuvas), pelo que a inserimos nesta carta LXX.

²⁹⁶ Reconstituição provável de palavra oculta, pela aposição do carimbo da Biblioteca.

²⁹⁷ Reconstituição provável de palavra oculta, mais uma vez pela aposição do carimbo da Biblioteca.

Quien corta cabellos rubios²⁹⁸
los rayos del sol desprecia
y por seguir un antojo
da que sentir a un planeta.

Quien los oscuros despide
también digo que no acierta
porque aunque sean oscuros
no hay sombras donde hay estrellas.

Aún por los blancos me tomo
Sig[uiendo]²⁹⁹ la misma tema
pues son coronas de plata
cuando en ilustres cabezas.

Ansi, Señoras, dejaldos
si es que no esperáis discretas
que en cada raíz sembrada
os renazcan muchas perlas.

En ellos tened respeto
a la gran naturaleza
que como devinizada
puede vengarse aunque vieja.

²⁹⁸ Este é um exemplo de poesia do cotidiano, com uma vertente de crítica social. Nesta poesia, SMC crítica a moda do corte do cabelo das senhoras de corte, revelando uma poesia interventiva, não só na realidade do convento, mas também na sociedade civil.

²⁹⁹ No original, «sigiendo».

Y mirando a mejor luz
también advirtiréis diestras
que un cabello pudo hacer
el oficio de una flecha.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

CARTA LXXII

Muy querida Señora mía, muy sentida me deja el pesar que Vuestra Excelencia me refiere, mas no hay grandeza segura, adonde hay muerte cierta. Esa Señora la tendría tan buena que estará cerca de ver a Dios, felicidad que no cabe en la vida. Vuestra Excelencia me hará el favor de dar el pésame a su hija, a quien no escribo por no molestarla. Pídola me diga qué título tiene la Señora Doña Teresa de Silva³⁰⁰ que me hizo el favor de escribirme sin expresarlo, por parienta de Vuestra Excelencia. Creo la debo esta fineza, las mías hallará Vuestra Excelencia en toda ocasión que quiera experimentarlas.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

³⁰⁰ No manuscrito, «Silvia», que corregimos para «Silva», por se tratar do nome exacto da senhora. Esta carta prova que existia, de facto, uma rede de relações a partir de SMC e da própria DM.

CARTA LXXIII³⁰¹

*Para D. Teresa da Silva, Duquesa de Arcos*³⁰²

Los favores de Vuestra Excelencia cuando menos esperados fueron más agradecidos, y en ellos confundí mi desmerito con mi fortuna. Inquirí cual era la rosa desta Silva, y sabiendo pasaba de mujer a Diosa, no volé desvanecida, porque paré confusa. Reparé pero, que la grandeza de Vuestra Excelencia reparte honores, sin atender a merecimientos, y que las noticias de la Señora Duquesa de Medinaceli van a acreditar su voluntad y no a difinir mi persona. A ella le debo la dicha de conocer a Vuestra Excelencia que es entre todas la mayor obligación. Vuestra Excelencia me tendrá ce[ns?]jurado de grosera por no haberla respondido; pues sepa que esta carta suya me llega a 29 de mayo siendo escrita a 16 de febrero, y que yo no había de desairar a tan grande Señora con no darle luego la respuesta; no Vuestra Excelencia deje también sin bríos a mi voluntad negándome ocasiones de servirla, que no hay lejos contra la obligación.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

³⁰¹ É necessário cotejar esta carta com a carta LXXXI dirigida à mesma Duquesa de Arcos (esta D. Teresa da Silva) por ocasião da morte do marido.

³⁰² Nesta carta, SMC refere-se a D. Teresa Josefa da Silva Hurtado de Mendoza, nascida em 27 de Novembro de 1708 e falecida em 31 de Agosto de 1757, em Madrid. Foi filha de D. Juan de Dios Silva Hurtado de Mendoza e de D. María Teresa Gutiérrez de los Ríos y Zapata Guzmán. D. Teresa da Silva casou duas vezes, a primeira com D. Manuel Pimentel e Borja, Conde de Luna (1700-1735) e a segunda, em 1739, com D. Joaquín Cayetano Ponce de León y Spínola (nascido em 10/01/1719 e falecido em 2/08/1743, na Batalha de Bolonha), VIII Duque de Arcos, IX Duque de Maqueda, Conde de Bailén, Conde de Casares, Marquês de Elche e XV Duque de Nájera.

Joaquín Ponce de León era irmão de Francisco Ponce de León y Spínola, X Duque de Arcos, casado com María del Rosario, filha da Duquesa de Medinaceli. Sendo assim, D. Teresa da Silva e D. María del Rosario viriam a ser cunhadas. Este Joaquín Ponce de León y Spínola, marido de D. Teresa Silva, foi Gentil-homem da câmara del Rei Filipe V, ao serviço de quem sofreu, a 8 de Janeiro de 1743, em combate, uma ferida que lhe trespassou o braço (cf. *História Genealógica da Casa Real Portuguesa (...), op. cit.*, Vol. XI, Lisboa, 1735 a 1749, p. 105).

CARTA LXXIV

Muy querida Señora mía los favores de Vuestra Excelencia me dan nuevo ser así por más que le pago siempre le debo. Yo quedo con salud, mas con soledad, lo primero me dan sus cartas, lo segundo su ausencia, que aunque nunca la merecieron mis ojos, la desea mi amor. Sus hijos han hecho bien en buscar divertimento a su pesar, que el desahogo no ofende a la obligación, antes para contemporar con nuestra naturaleza se ha de dar salida a la pesadumbre. Vuestra Excelencia enviará a su retiro mi memoria, por correo de mi voluntad. Estos días son de fuego para la contemplación, adonde la devoción de Vuestra Excelencia hallará brasas, y mi tibieza sólo toca cenizas. Acuérdesse de mi en sus ejercicios, que yo también la tengo presente en mis oraciones, que estas, sean de quien fueren, siempre son rogativas. Y vea si manda algo en que pueda servirla a pesar de los lejos. Para el correo seré más dilatada, ahora paro aquí, y para amar a Vuestra Excelencia siempre vuelo.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

CARTA LXXV

Excelentísima Señora mía,

Cada letra de Vuestra Excelencia es para mí estimación una perla; tengo que agradecerle el cuidado con que me las permite. Estimo su salud, conforme a mi deseo, que así que no habrá queja que se le atreva. En cuanto a versos, tengo ya la cabeza tan cansada, que no puedo aplicarme; pouco se pierde en mi poesía, mas yo ganaba mucho en dar gusto a Vuestra Excelencia. Ya no paseo el Parnaso, de que quité tantas flores para la galantaría, ninguna para el fruto, porque las planté ociosa, sino vana. Mucho lo quedo con los favores de la Señora Duquesa de Arcos; no los pierde, porque los gana en el Amor, adonde sólo se paga lo que se debe. Yo la escribiré pues me hace el favor de quererlo. Hoy no podrá ser que es día de confesión, adonde mis pecados están reprehendiendo mis alivios, mas también el agradecimiento es virtud como el obsequio deuda. La de servir a Vuestra Excelencia quiero satisfacer, vea pues en que me manda. Guarde Dios a Vuestra Excelencia.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

Francisco y Rosario juntos
no puedo escribirlos yo
que eso, Señora, pedía
aún mas que versos sermón.

En el Parnaso no hay
flores de tanto primor
que se atrevan a las rosas
cuando se atan al cordón.

Quédense las maravillas
si no busco su valor
que con Francisco y Rosario
ya maravillas no son.

¿Que diré destos misterios
mirados con atención?
Mas el amor los explique
ya que los hizo el Amor.

¿Y que diré de Francisco
en tan alta elevación?
Más puedo decir que es uno
porque con él no hubo dos.

También salvando la fe
a que siempre ávida voy
he de decir que es un Cristo
por no decir que es un Dios.

Dichoso aquel caballero
que con su nombre se honró
que adonde Francisco es nombre
el ser Duque no es blasón.

CARTA LXXVI

Mi Duquesa y mi Señora, la carta de Vuestra Excelencia me dio las buenas fiestas, que para conocer el tiempo era preciso tener favores suyos. Estimo las pasase Vuestra Excelencia exenta de toda queja; porque su salud conservará la mía. Yo la falté correo pasado, porque tuve tan gran dolor de cabeza. Fue grosaría atender más a mi molestia, que a mi obligación, mas en tal soledad me dejó el no hablar con Vuestra Excelencia, que tuve el castigo, y por protesto la enmienda. A la Señora Duquesa de Arcos muy finas memorias; y a Vuestra Excelencia muy justas quejas, pues no quiere servirse de mí, sabiendo que las distancias no embarason³⁰³ las finezas. Guarde Dios a Vuestra Excelencia como le pido

Su amante sierva,

María

CARTA LXXVII

Excelentísima Señora mía, las buenas nuevas de Vuestra Excelencia estimo por buenas y por tuyas, y cuando se acuerda de mi dolor, no trocara la enfermedad por la salud. La relación gusté mucho de leer, que está muy buena y graciosa; el Paje tiene ingenio y es de estimación como lo será para mí el servir a Vuestra Excelencia y la pido me no dilate esta fortuna. A la Señora Duquesa de Arcos muy fi[n?]³⁰⁴ memorias y a Vuestra Excelencia guarde Dios muchos años.

³⁰³ Contaminação com o Português.

³⁰⁴ O carimbo apostado sobre o original impede uma leitura mais precisa.

CARTA LXXVIII

Señora y querida mía,³⁰⁵ mucho tengo que agradecer a Vuestra Excelencia pues a troca de mis noticias me da sus letras, siendo estas preciosas, y aquellas mías. Lo que seguro es que sé pagar sus grandezas con mi amor, moneda fina que no engaña. Leí los papeles y hallé los versos muy primorosos y con mucha gracia, y los vuelvo a remitir. Mi cabeza se ha desconcertado de suerte que ya no soy para nada, habiendo sido para pouco. En servir a Vuestra Excelencia deseara ser mucho, pero quiero ese empleo antes que me falte la vida. Guarde Dios a Vuestra Excelencia.

CARTA LXXIX

Excelentísima Señora mía, con dos cartas de Vuestra Excelencia me hallo este correo, y aunque fueran dos mil me quedara deseo de ver más. En ellas veo su salud, con que no daré malas nuevas de la mía. Vuestra Excelencia me dice se acordó de mi en la Noche de Navidad. Pase por sueño, que yo no merecí tal memoria, porque la pasé tan fría, que ni las luces del pesebre, ni el fuego del niño movieron mi corazón. Esta es la condición de las piedras, y yo soy más dura que todas. Vuestra Excelencia sí con su devoción compliria con la obligación de tal fineza. Admírome que haya quien mande imprimir papeles como los míos, mas es yerro de discreto, que dicen ser los mayores. Señora, una sobrina mía a quien deseo dar gusto me pide alcance de Vuestra Excelencia una firma de santa Teresa con quien tiene particular devoción. Estimaré quiera Vuestra Excelencia hacerme el favor de enviármela, perdonándome esta confianza y dándome muchas ocasiones de obedecerla que la voluntad no se aleja. Guarde Dios a Vuestra Excelencia.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

³⁰⁵ Note-se o tratamento particularmente afectuoso deste início de carta.

CARTA LXXX

Muy querida Señora mía, Vuestra Excelencia me brinda con lo que yo debo rogarla, pues en su correspondencia se une el gusto con el crédito. Verdad sea que el correo pasado no la escribí, no doy la causa, porque ninguna es capaz de faltar a tanta obligación. Así me quedo con la culpa, por no ser la satisfacción cabal. La muerte de su tío, el Excelentísimo Duque, he sentido así por faltar a esta corte una persona como la suya, como por ser sangre de Vuestra Excelencia, mas Nuestro Señor no consulta sus decretos con nuestra voluntad. Hágase siempre la suya, que él sabe lo que conviene, y yo no ignoro lo que deseo servir a Vuestra Excelencia, que como sé amarla sabré obedecerla. Guarde Dios a Vuestra Excelencia como mucho quiere

Su captiva,

María

CARTA LXXXI

À Duquesa de Arcos

Muy Señora mía, mucho debo a Vuestra Excelencia pues se acuerda de una cosa tan inútil como mi persona, cuya valía consiste en sus favores; a ellos debo nuevo ser y ya despreciada de mi misma vuelvo por ellas a estimarme. De la falta del Excelentísimo Duque³⁰⁶ doy a Vuestra Excelencia los sentimientos, él fue a buscar su premio adonde lo hallan las virtudes, dejando a esta corte por herança³⁰⁷ los buenos ejemplos de su justificada vida que acabó en una felice muerte. Esta consideración sea a todos alivio, y yo no quiero ver a mi niña³⁰⁸ mortificada, que la deseo muchos gustos y estimo diese ya

³⁰⁶ SMC refere-se, provavelmente, a Joaquín Cayetano Ponce de León y Spínola, marido de D. Teresa da Silva, que morreu na Batalha de Bolónia, em 1743, como já referimos.

³⁰⁷ Lusismo, que não sabemos se atribuível à religiosa, se ao copista.

³⁰⁸ Note-se o modo afectuoso com que SMC se refere a D. María del Rosario, cunhada do defunto.

a su Madre el de tenerla cerca, que de ausencia de tal hija contaría un hora por un siglo.
Muchos guarde Dios a Vuestra Excelencia para que así como sol en la belleza lo sea en la duración.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia

Outava

Con un soplo no más fuiste humecida
de Felipe Monarca³⁰⁹ parca fuerte
y aquel que tantos reinos en la vida
tuvo cinco minutos en la muerte
que en estos cupo sólo su salida
a pouco tiempo³¹⁰ de su estada advierte
joven valiente, Rey golpa fatal
mas nada le valió que era mortal.

³⁰⁹ SMC refere-se a Felipe V (1683-1746), coroado Rei de Espanha em 1700.

³¹⁰ No original, «tiempo».

2. Edição da Carta de Soror Maria do Céu à Duquesa de Medinaceli. ADM. Fondo Historico, Legajo 46, R12, 1. Archivo Medinaceli

Excelentísima Señora Duquesa de Medinaceli, de Camiña, Marquesa de Aitona, etc.

Excelentísima Señora,

Cosas grandes sólo a personas grandes deben oferecerse, y co[mo] Vuestra Excelencia es la mayor que venera Castilla, el desviarle esta dedicato[ria] fuera hacer hurto a su merecimiento y desaire a mi obligación, pag[an]do la gloria de tratarla, con la grosaria de ofenderla. La sierva de Dios de quien relato fue ilustrísima en sangre, hermosa en per[sona?], insigne en virtud, que es el esmalte de todo lo bueno, pues sin los primores de la gracia lucen poco los de la naturaleza y como [...] estas adiciones se hallan en Vuestra Excelencia, y la semejanza duplica al [...] aumentará su devoción la paridad.

Es Vuestra Excelencia en hermosura la mejor flor de [...], [en] [no]bleza, la mayor Señora de Castilla, en virtud la máxima [de] su patria. Por sus prendas hable la admiración, por [...] las estrellas siendo Vuestra Excelencia hija del Excelentísimo Dom G[uill]én de Moncada y Noroña³¹¹, sexto Marqués de Aitona de la [Puebla], [de] Villa Real; Duque de Camiña, Conde de Ossona Y Alcou[tin], Visconde de Cabrera, y Bras, Barón de la Laguna y otras tierras. Gran Senescal del Reyno de Aragón, general [?] [...]ria Estranjera en Cataluña, Gentil Hombre de la Cám[ara] [de] D. Felipe quinto, Capitán General de sus ejércitos y [del] regimiento de sus guardas, cuya memoria durará en los [...]ros, por sus empresas militares, y por sus virtudes, que todas [?] con sus cartas en Vuestra Excelencia, que dignamente tiene la representación [...] esclarecidas familias como son los Moncadas, Menezes, y N[oroñas] que en los siglos pasados admiraron el mundo, en la paz y en la g[uerra] y se leerá siempre con emulación en las Histórias de Por[tugal] [y] España, las memorias de estos héroes esclarecidos tan

³¹¹ Dom Guillén Ramón de Moncada y Portocarrero nasceu a 23 de Dezembro de 1671 e morreu a 5 de Fevereiro de 1727.

[dignos] [de] [mere]cimientos, como de respeto por la real sangre de que se [...] [...]tecipado de sus mesmos soberanos, de quien receberam [...] [...]res, y muchas prerrogativas con que destinguiran. Y³¹² [...] [a]quellas grandes Casas, aonde también es de admira[ci3n?] que merecieron tener lugar en el templo de la eternidad entre las más celebres heroínas aplicadas a las ciencias y estudios, como fue la Excelentísima D. Leonor de Noroña³¹³, hija de D. Fernando de Meneses³¹⁴, segundo Marqués de Villa Real, y neta³¹⁵ de aquel insigne var3n D. Pedro de Meneses, primero Marqués de Villa Real y de la Marquesa D. Brites, hija de D. Fernando primero del nombre, Duque de Bragança. Esclarecidos ascendentes de Vuestra Excelencia en que se ven por [t]ronco, El Rey D. Henrique de Castilla y El Rey D. Fernando de Portugal, a que unida la real sangre de la Serenísima Casa de Bragança³¹⁶ [q]uedaron siempre esclarecidas las alianzas de la gran Casa de Villa Real,³¹⁷ cuya representaci3n está [en³¹⁸] la persona de Vuestra Excelencia de quien me parece en ella admiro la copia de la Excelentísima D. Leonor, ornada de excelentes virtudes, erudita en humanas y devinas letras, versada

³¹² Por motivos de legibilidade do texto, trocou-se a vírgula do manuscrito por ponto final.

³¹³ «D. LEONOR DE NORONHA, e na3 de Meneses como a apellida3 Nicol. Ant. *Bib. Hissa*. Tom. 2 p. 343. Col. 2. E o Padre Francisco da Fonseca *Evora Gloriosa* pag. 415. Nasceo em a Cidade de Evora sendo filha de D. Fernando de Meneses II. Marquez de Villa-Real, Capita3, e Governador de Ceuta, Alcaide m3r da Cidade de Leiria, Fronteiro m3r do Algarve, e de D. Maria Freyre [...]. Ao esclarecido tronco, de que procedia, corooou com as flores, e frutos de suas litterarias produçoens chegando a ser venerada por seu agudo engenho, natural eloquência, [...]. Teve por Mestre de Gramatica ao insigne André de Rezende compondo para ella, e seu irma3 D. Pedro de Menezes Conde de Alcoutim a Arte que se imprimio em Lisboa no anno de 1540. Da escola de ta3 consumado vara3 saho profundamente instruída no idioma Latino como era versada nas línguas Castelhana, e Italiana. Á comprehens3 das sciencias unio a practica das virtudes de que era exemplar de todos os seus domesticos. Meditava com excessiva ternura de dia, e de noute os tormentos que o Redemptor do mundo padecera em satisfaço da culpa do primeiro homem oferecendo as lagrimas que continuamente distillava3 os seus olhos em retribuico3 do precioso sangue, que derramara o Verbo Divino. [...] Cumulada de merecimientos deixou a terra a 17 de Fevereiro de 1563. Para se coroar no Impirio entre o Coro das Virgens. Jaz sepultada na Capella de JESUS do Convento de S. Domingos de Santarem, [...]». (Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, p.13).

³¹⁴ Nasceu em 1463.

³¹⁵ Manteve-se o lusismo, que poderá ter caracterizado a escrita de uma portuguesa, copista do Convento da Esperança, em Lisboa.

³¹⁶ No manuscrito, «Bargança».

³¹⁷ De acordo com o uso actual, substituiu-se o ponto e vírgula por vírgula.

³¹⁸ No manuscrito, «el». Parece-nos, no entanto, tratar-se de uma gralha.

[en] diversas lenguas, sabiendo la latina con toda perfección³¹⁹. Compuso [much]as obras, y algunas se imprimieron con estimación de los dotos. [Fue?] loada por insignes autores y sobre tanta ciencia supo [...]r que con vida inocente y perfecta mereció acabar con [fama] [de] [santa] de suerte que de ella tratan como a tal entre [los] varones insignes en santidad del Reyno de Portugal [...] lusitano. No es menor esplendor adquirido en [...] [...]er [...] Excelentísima Madre la Señora D. Ana de Benavides³²⁰ [dama?] de la Reina D. María Luísa de Orleans³²¹, hija del Excelentísimo [Señor] D. Francisco de Benavides, nono Conde de san Esteban del [Puerto] y de Conceiçan, etc y de la Condesa D. Francisca de Aragón³²² [...]tera de D. Catalina Antonia de Aragón³²³, que sucedió en los [estados?] [de] Segorbe y Cardona, y casou³²⁴ con D. Juan Tomas de [La Cerda], oitavo Duque de Medinaceli,³²⁵ que por su hija la Excelentísima [Señora] [Feliche] María de La Cerda³²⁶ casou con lo Excelentísimo D. Luis Mauricio Fernández

³¹⁹ SMC leu com atenção e detalhe os volumes que tinha recebido da *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. No vol. V, editado em 1738, D. António Caetano de Sousa afirma que D. Leonor Noronha foi «Senhora de excelentes virtudes, erudita nas humanas, e Divinas letras, versada em diversas línguas [...] ornada de muita erudição, e piedade, como mostrou nas obras, que escreveo [...] louvada por muitos Escritores. D. Nicolalo Antonio na *Bibliotheca Hispanica* lhe faz hum merecido elogio [...]»³¹⁹. Como se vê, SMC transcreveu literalmente algumas linhas deste volume a propósito de D. Leonor de Noronha, p. 121.

³²⁰ Casou em 25 de Setembro de 1688 com D. Guillén Ramon de Moncada, V Marquês de Aytona, Conde de la Puebla, que morreu em 5 de Fevereiro de 1727.

³²¹ Maria Luisa de Orleães nasceu a 26 de Março de 1662 e morreu a 12 de Fevereiro de 1689. Foi Rainha consorte de Espanha entre 1679 e 1689, como primeira mulher do Rei Carlos II de Espanha.

³²² D. Ana Francisca de Aragón (n. 1609 - m. ?), filha de D. Henrique, V Duque de Segorbe, e de Cardona (n. 1588 – m. 1640) e da Duquesa D: Catarina Fernandes de Córdoba (n. 1590 – m.1646), filha de D. Pedro Fernandes de Córdoba e Figueiroa, IV Marquês de Priego. Casou com D. Rodrigo Ponce de León, IV Duque de Arcos (1602-1658).

³²³ Catalina Antonia de Aragón Folch de Cardona y Córdoba, IX Duquesa de Segorbe, nasceu em Lucena a 11 de Março de 1635 e faleceu em Madrid a 16 de Fevereiro de 1697, filha de Luis Ramón de Aragón Folch de Cardona y Córdoba, VI Duque de Segorbe, e de D. Mariana de Sandoval y Rojas, III Duquesa de Lerma. Casou com D. Juan Francisco Tomas de La Cerda, VIII Duque de Medinaceli.

³²⁴ Manteve-se o lusismo, na mesma linha de atitude enunciada desde o início da transcrição.

³²⁵ Nasceu a 4 de Novembro de 1637 e faleceu a 20 de Fevereiro de 1691, filho de Antonio de La Cerda e de Ana María Enriqués de Ribera y Portocarrero.

³²⁶ D. Feliche María Josepha Bernarda Andrea Luisa de la Cerda y Aragón-Folch de Cardona nasceu a 5 de Setembro de 1657 e morreu a 15 de Maio de 1709. Casou em 29 de Outubro de 1675 com D. Luis Mauricio Fernández de Córdoba y Figueroa (n. 25/12/1679).

de Córdoba y Figueroa³²⁷, oitavo³²⁸ Marqués de [Prie]go, Duque de Fernandina, etc. Estos son abuelos del Excelentísimo Esposo de Vuestra Excelencia, el Señor D. Luis Antonio de La Cerda Aragón [y] Spínola, Cardona, Sandoval, Padilla, Ribera, y Cuña³²⁹, un[décimo] Duque de Medinaceli, Segorbe, Feria, Cardona y Alcalá [...] [M]arqués de Priego, en quien las virtudes heredadas [de sus] exce[lsos] progenitores con la grandeza de sus estados sólo [tienen?] por digna consorte a Vuestra Excelencia, cuyas Casas, con las [familias?] [form?]aron las más poderosas, que se conocen en la Europa. Y sobre todo miro a Vuestra Excelencia cercada de tantas luces cuantos son los hijos, que le acompañan, mares en las gracias, perlas en la belleza, y espero que sus acciones se igualen a su nacimiento, subiendo a ser cedros altísimos los que hoy son plantas tiernas.

A esta sierva de Dios de quien relato, traté, amé y amo, que la muerte no tiene jurisdicción en el amor, pues como dice el sabio de los hombres³³⁰, es tan fuerte como ella. Y porque los olvidos del tiempo, que a unas cosas descubre a otras sepulta no [?] tibiasen las memorias de sus virtudes, permití³³¹ este vuelo a [mi?] pluma, que el amor tiene tanto de atrevido, como la humildad de cobarde, rompe por los reparos como rayo, y aclara las inten[cio]nes como luz. Y Vuestra Excelencia en esta oferta perdonará los erro[res?] de mi ignorancia por los aciertos de elección. Y yo pido la conservación de su Ilustre Casa, con la duración de [su] [no]ble vida.

Besa las Manos de Vuestra Excelencia
Su más rendida sierva,
María del Cielo

³²⁷ Nasceu a 4 de Outubro de 1650 e morreu depois de 27 de Agosto de 1690, filho de Luis Ignacio Fernández de Córdoba y de Mariana Fernández de Córdoba. Casou com D. María de La Cerda em 29 de Outubro de 1675.

³²⁸ No manuscrito, «outavo». A uniformização desta grafia é possibilitada pela ocorrência de “oitavo” neste mesmo documento.

³²⁹ Trata-se do XI Duque de Medinaceli, nascido a 20 de Setembro de 1704, filho de D. Nicolás Fernández de Córdoba y La Cerda, X Duque de Medinaceli, (n. 24 de /06/ 1682 – m. 19 /03/1739) e de Jerónima María Spínola de La Cerda (n. 20/07/ 1687 – m. 12/01/ 1757).

³³⁰ Como já se afirmou em nota à carta LX, a autora refere-se, aqui, novamente, a Salomão. Cf. Cântico dos Cânticos 8, 6: «porque o amor é tão forte como a morte».

³³¹ No manuscrito, «premití».

ANEXOS